



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**OS PADRÕES SILÁBICOS DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DA REGIÃO DE
CAMPOS BELOS, GOIÁS**

Junia Januaria Garcia

Brasília

2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Junia Januaria Garcia

**PADRÕES SILÁBICOS DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DA REGIÃO DE CAMPOS
BELOS, GOIÁS**

Orientadora:

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília

2013

JUNIA JANUARIA GARCIA

OS PADRÕES SILÁBICOS DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DA REGIÃO DE CAMPOS
BELOS, GOIÁS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Comissão examinadora:

Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier – Presidente - UNB/LIP

Professora Doutora Virgínia Andrea Garrido Meirelles- Membro externo - UCB

Professora Doutora Márcia Elizabeth Bortone – Membro interno - UNB/LIP

Professora Doutora Poliana Maria Alves – Membro suplente - UNB/LIP

Brasília

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

JUNIA JANUARIA GARCIA

OS PADRÕES SILÁBICOS DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DA REGIÃO DE CAMPOS
BELOS, GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística, aprovada pela seguinte banca examinadora.

Comissão examinadora:

Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier – Presidente (UNB/LIP)

Professora Doutora Virgínia Andrea Garrido Meirelles- Membro externo (UCB)

Professora Doutora Marcia Elizabeth Bortone – Membro interno (UNB/LIP)

Professora Doutora Poliana Maria Alves – Membro suplente (UNB/LIP)

Brasília

2013

Ao meu Deus em quem eu creio, pela proteção.

A minha orientadora Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier, por colocar-me no mundo da Fonologia com respeito, dedicação e paciência.

À Profa. Dra. Tânia Resende pelo começo de tudo.

À Prof. Dra. Aveliny pelo curso sobre o programa PRAAT.

À banca pela contribuição.

Aos participantes pela disponibilidade e colaboração.

A minha amiga Kê, pelos momentos de desabafo, caronas e ajuda preciosa.

A Márcia e Luciene pela “irmandade” concedida e concebida neste percurso.

Aos amigos-alunos, especialmente Farly e Ronivon, por tudo.

A Deri, Isa e Ítalo pelo acolhimento e incentivo ao longo de toda essa caminhada, o meu porto seguro em Brasília.

Ao meu cunhado Donizeth e ao amigo Reinaldo, pelo apoio incondicional e de sempre.

Aos meus familiares, mãe, filhos, marido, irmãos, sobrinhos e sobrinhas por perdoarem as minhas ausências.

A Franci, minha sobrinha mais amorosa, por tudo!

A Érick, Alinne, Jorge, Ludimilla e Leandro pelas viagens e pelo apoio... Obrigada, filhos!

Aos colegas- amigos do Colégio Felismina e da UEG, pelo apoio e incentivo.

Ao Professor Rosolindo Neto (UEG, UnU Campos Belos), pela confiança e incentivo.

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos
que é o ponto de vista que cria o objeto.

Ferdinand de Saussure

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se a descrição de variedades do português falado na região de Campos Belos, estado de Goiás, na divisa com o estado do Tocantins. Descreve-se a ocorrência dos segmentos consonantais nessas variedades, enfocando as consoantes no final de sílabas (codas). Realiza-se, ainda, uma análise dos segmentos em *onset* e dos padrões silábicos, apontando aqueles que são ótimos em cada variedade. A análise se deu a partir de dados coletados por meio de gravações e transcritos foneticamente. Os resultados apontaram para a existência de quatro variedades linguísticas na região, associadas a fatores como grau de escolaridade e o maior ou menor isolamento dos falantes em suas comunidades. Essas variedades são: variedade A - dos falantes kalunga; variedade B - dos participantes que se dividem entre o campo e a cidade; variedade C - dos participantes citadinos de média e alta escolaridade e a variedade D - composta por pessoas citadinas de escolaridade variada, porém compartilhando das mesmas características linguísticas. As variedades A e B se distinguem das variedades C e D pelo apagamento das vogais postônicas finais, o que leva ao surgimento de consoantes obstruintes, fricativas e nasais em coda de sílabas finais, de modo que na variedade A encontram-se [p, b, t, d, v, s, z, h, r, m, n, ɲ, w, j] como coda e na variedade B encontra-se um subconjunto dessas consoantes, não ocorrendo daquelas [p, b, v] em coda. Por outro lado, as variedades A, B e C compartilham casos de otimização silábica que não ocorrem na variedade D, sendo que as restrições de Marcação estão altamente ranqueadas nas variedades A, B e C e as restrições de Fidelidade altamente ranqueadas na variedade D. A essas características linguísticas correspondem fatores tais como o grau de escolaridade e o maior ou menor grau de isolamento dos falantes em suas comunidades. A pesquisa evidenciou que apesar das restrições fonológicas diferenciadas relativas às codas e aos padrões silábicos entre as variedades, há restrições convergentes entre essas variedades que determinam a especificidade do falar da região em estudo.

Palavras-chave: Padrões Silábicos. Variedades. RCB

ABSTRACT

This paper presents the description of varieties of Portuguese spoken in Campos Belos, state of Goiás, in the border with the state of Tocantins. It describes the occurrence of consonant segments in these varieties, focusing on consonants at the end of syllables (codas). Takes place, also an analysis of the segments in onset, syllabic patterns, pointing those that are optimality. The analysis made from data collected through recordings and transcribed phonetically. The results showed the existence of four linguistic varieties in the region associated with factors such as education level and greater or lesser isolation of the speakers in their communities. These varieties are: variety A - speakers kalunga; variety B - participants are split between rural and urban areas; variety C - participants urbanites middle and high school and the variety D - city entertainment comprised of people of varied educational, but sharing the same linguistic features. The varieties A and B are different from varieties C and D by deletion of vowels post-tonic end, which gives rise to obstruents consonants, fricatives and nasal in coda the final syllables, so that the variety A there are segments [p, b, t, d, v, s, z, h, r, m, n, ɲ, w, j] as coda and variety B there is a subset of these consonants, those not occur [f, b, v] in coda. On the other hand, varieties A, B and C share constraints of the syllables patterns organization that do not occur in the variety D, and Markedness constraints are highly ranked in the varieties A, B and C and the faithfulness constraint highly ranked in the variety D. To these linguistic features correspond factors such as level of education and greater or lesser degree of isolation of the speakers in their communities. The research showed that despite the phonological constraints differentiated of the codas and syllabic patterns among varieties, there are constraints converging among these varieties that to determine the specificity of the talk of the region under study.

Keywords: Syllabic Patterns. Varieties. RCB

LISTA DE SIGLAS

NOMES	SIGLA
Comitê de Ética em Pesquisa/Universidade de Brasília	CEP
Conjunto de restrições	COM
Evaluater	EVAL
Fonologia Autossegmental	FA
Generator	GEN
Gramática Universal	GU
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	IBGE
Participante A, da variedade B, do sexo masculino	ABM
Participante B, da variedade B, do sexo feminino	BBF
Participante C, da variedade B, do sexo feminino	CBF
Participante D, da variedade B, do sexo feminino	DBF
Participante E, da variedade B, do sexo feminino	EBF
Participante F, da variedade C, do sexo masculino	FCM
Participante G, da variedade C, do sexo masculino	GCM
Participante H, da variedade C, do sexo masculino	HCM
Participante I, da variedade C, do sexo masculino	ICM
Participante J, da variedade C, do sexo feminino	JCF
Participante K, da variedade C, do sexo feminino	KCF
Participante L, da variedade D, do sexo masculino	LDM
Participante M, da variedade C, do sexo feminino	MCF
Participante N, da variedade D, do sexo masculino	NDM
Participante O, da variedade D, do sexo masculino	ODM
Participante P, da variedade D, do sexo feminino	PDF
Participante Q, da variedade D, do sexo feminino	QDF
Português Brasileiro	PB
Português Europeu	PE
Primeiro Falante do vídeo Nossa História, Nossa Liberdade	PFNH

Região de Campos Belos (GO)	RCB
Riqueza de base	ROTB
Sound Pattern of English	SPE
Teoria da Otimidade	TO
Teoria de Traços Distintivos	TTD
Termo de Esclarecimento e Consentimento Livre Esclarecido	TCLE
Universidade Federal de Goiás	UFG
Vídeo Cinésia	VC
Vídeo D. Dainda- sabedoria kalunga	VDD
Vídeo Nossa história nossa liberdade	VNHNL
Vídeo Resistência quilombola	VRQ
Vídeo Zenira- a raizeira kalunga	VZ

LISTA DE GRAVURAS, FIGURAS E QUADROS

FIGURAS/GRAVURAS	PÁGINA
01 - Mapa do atual Estado de Goiás	20
02 - Mapa das regiões de planejamento do estado de Goiás	21
03 - A sílaba na representação autossegmental	41
04 - Esquema silábico de Selkirk	42
05 - Comparativo das realizações de coda sílabas nas variedades da RCB	76

QUADROS	PÁGINA
01- Sistematização dos diferentes reagrupamentos dos participantes	25
02 - Participantes da pesquisa	28
03 - <i>Tableau</i> demonstrativo das restrições em TO	37
04 - Escala de Sonoridade	43
05 - <i>Onsets</i> complexos do português	53
06 - Segmentos consonânticos da variedade A	59
07 - Padrões silábicos e exemplos da variedade A	61
08 - Segmentos consonânticos da variedade B	63
09 - Padrões silábicos e exemplos da variedade B	66
10 - Segmentos consonânticos da variedade C	68
11 - Padrões silábicos e exemplos da variedade C	69
12 - Segmentos consonânticos da variedade D	71
13 - Padrões silábicos e exemplos da variedade D	73
14 - Caracterização das variedades da RCB	74
15 - Comparativo dos padrões silábicos das variedades da RCB	77
16 - Comparação das violações de restrições nas sílabas das variedades da RCB	78

LISTA DE *TABLEAUX*

<i>TABLEAUX</i>	PÁGINA
01 - <i>Tableau</i> - palavra <i>sal</i> - variedade A	83
02 - <i>Tableau</i> - palavra <i>dificuldade</i> - variedade B	83
03 - <i>Tableau</i> - palavra <i>faculdade</i> - variedade C	83
04 - <i>Tableau</i> - palavra <i>cultura</i> - variedade D	83
05 - <i>Tableau</i> - palavra <i>conversando</i> - variedade A	84
06 - <i>Tableau</i> - palavra <i>perguntando</i> - variedade B	85
07 - <i>Tableau</i> - palavra <i>concurso</i> - variedade C	85
08 - <i>Tableau</i> - palavra <i>abrir</i> - variedade D	85
09 - <i>Tableau</i> - palavra <i>livro</i> - variedade A	86
10 - <i>Tableau</i> - palavra <i>comadre</i> variedade B	86
11- <i>Tableau</i> - palavra <i>próprio</i> - variedade C	86
12 - <i>Tableau</i> – palavra <i>negros</i> - variedade D	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O povoamento do Estado de Goiás e a formação das variedades.....	18
2. Campos Belos (GO) como pólo comercial regional.....	22
3. Procedimentos metodológicos	24
4. Características dos falantes / participantes	28
5. Organização da dissertação	30
CAPÍTULO I.....	32
TEORIAS MODERNAS E ABORDAGENS DA SÍLABA.....	32
1.1 Questões dicotômicas no estudo da língua	32
1.2 A Teoria da Otimidade	34
1.2.1 A TO e as variações linguísticas.....	37
1.2.2 Teorias sobre a sílaba e a Teoria da Otimidade.....	39
CAPÍTULO II	47
O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	47
2.1 Os segmentos consonantais do português brasileiro	47
2.2 Os estudos sobre os padrões de sílabas do português.....	50
2.3 O apagamento e a inserção na língua portuguesa.....	51
2.4 Os <i>onsets</i> (ataques) do português brasileiro.....	53
2.5 As codas nas sílabas do português brasileiro.....	54
2.6 O português falado em Goiás	56
CAPÍTULO III.....	58
ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS VARIEDADES REGIONAIS.....	58
3. 1 As variedades.....	58
3.1.1 Variedade regional A.....	58

3.1.1.1 Segmentos consonânticos da variedade A.....	59
3.1.1.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade A.....	61
3.1.2 Variedade regional B.....	63
3.1.2.1 Os segmentos consonânticos da variedade B.....	63
3.1.2.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade B.....	65
3.1.3 Variedade regional C.....	67
3.1.3.1 Os segmentos consonânticos da variedade C.....	68
3.1.3.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade C.....	69
3.1.4 Variedade D.....	70
3.1.4.1 Os segmentos consonânticos da variedade D.....	71
3.1.4.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade D.....	72
3.2 Comparação das variedades da RCB.....	74
3.2.1 Os aspectos gerais.....	74
3.2.2 Comparação das codas das variedades da RCB.....	76
CAPÍTULO IV.....	77
ANÁLISE DOS DADOS SOB A ÓTICA DA TEORIA DA OTIMIDADE.....	77
4.1. A existência da lateral /l/ na subjacência.....	77
4.2 Restrições e violações nas variedades da RCB.....	78
4.2.1. Ranqueamento das restrições nas sílabas com /l/ em coda.....	82
4.2.2 Ranqueamento das restrições em sílabas com segmentos róticos em coda.....	84
4.2.3 Otimização de sílabas com grupos de consoantes.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	92
VÍDEOS.....	97
ANEXO I.....	98
Autorização do Comitê de Ética.....	98

ANEXO II.....	99
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a realização da pesquisa	99

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta dissertação é descrever, à luz da Fonética e da Fonologia, os padrões silábicos das variedades de português da região de Campos Belos, Goiás, enfocando os segmentos consonânticos e a sua organização no início e no final dos diferentes tipos de sílabas. O estudo se insere no projeto Fonologia de Línguas Naturais, de Daniele Marcelle Grannier (UnB/LIP).

A língua portuguesa, historicamente, é uma língua viajada, que pertenceu e pertence a diferentes povos, em diferentes lugares do mundo. Saindo de Portugal, chegou ao Brasil pelo mar, no limiar do século XVI, com os portugueses, assim como chegou aos demais lugares do mundo onde ainda é falada.

Essa língua demorou a se estabelecer como língua materna dos brasileiros, pois, até a chegada dos portugueses, as populações indígenas desta parte do continente americano possuíam diferentes línguas nativas e nessas línguas essas populações tinham proficiência e apego, porque lhes eram inerentes como veículo cultural. Entretanto por força do domínio português a língua portuguesa se tornou o idioma brasileiro e aos poucos adentrou os sertões.

Em cada região do país, a língua portuguesa, quando falada, assume uma feição, principalmente no referente ao vocabulário e aos padrões fonético-fonológicos, dependendo das influências recebidas, porque o falante utiliza uma língua de acordo com a necessidade que tem dela e conforme a recebe, ele a pratica.

A comunidade de fala deste estudo está concentrada na região formada por comunidades e cidades situadas nas regiões Nordeste Goiano (Campos Belos, Monte Alegre, Teresina e Cavalcante) e Sudeste Tocantinense (Arraias e Novo Alegre dentre outras). Essa região tem como referência Campos Belos, por isso doravante se designa RCB.

Nesta região as influências africanas parecem bem presentes em muitos aspectos culturais devido à concentração de áreas quilombolas na região, de modo que a mescla linguística é constante. Desde o tempo do desbravamento há a presença de diferentes etnias e migrantes de todas as partes do país vivendo nessa comunidade que a cada dia recebe mais pessoas pelo advento da exploração de minérios na região.

Sendo assim, por questões metodológicas e baseadas em considerações histórico-sociais, propusemos a existência de quatro variedades, subdividindo os falantes regionais nos grupos: variedade A - dos povos kalunga - com pouca ou nenhuma escolaridade, poucos contatos sociais além de suas comunidades; variedade B - das pessoas nativas com pouca

escolaridade e contato diário restrito aos seus pares e às comunidades em que vivem, também com proximidade com a zona rural; variedade C - das pessoas citadinas nativas com média e alta escolaridade e com nível médio de contato na região, e a variedade D, que engloba pessoas de escolaridade variada, incluindo de ensino fundamental até o mestrado, mas com contato alargado, dentro e fora da RCB, podendo ser considerada em dois subgrupos: DT (dos falantes tradicionais com alta escolaridade e monitorada) e DE (pessoas emergentes, com outros graus de escolaridade).

Segundo os estudos dialetológicos de Antenor Nascentes, realizados em 1953, o falar da RCB está inserido no *dialeto baiano* (NASCENTES, 1953, p.25). Contudo, é notável o estranhamento da fala na região RCB pelos chegantes, inclusive pelos baianos. Há quem chegue a perguntar se os kalunga, por exemplo, falam outra língua, devido a não ser de fácil compreensão a fala desse grupo em um primeiro contato, provavelmente em razão de as sílabas postônicas finais não serem pronunciadas integralmente ou outras particularidades apontadas no desenvolvimento do estudo, como ‘s’ no lugar de ‘r’.

De fato, essa comunidade de fala é caracterizada por alofonias, principalmente a alofonia do /R/ e do /l/, por trocas, como “s” pelo “r” ou do “r” pelo “l”. Além disso, há também diferenças na constituição das sílabas, que dependendo da posição e composição tendem à violar as restrições de Fidelidade, inserindo ou apagando segmentos, ainda mais quando ocorrem as consoantes líquidas /r/ e /l/, no final da sílaba e alguns casos como a segunda consoante do *onset* complexo das sílabas, a exemplo de “pr” e “bl”.

Por levar em conta que as sílabas são o primeiro nível de organização sintagmática dos segmentos constitutivos das palavras, nas línguas naturais, o estudo das variedades de português, previamente consideradas para a RCB, enfoca tanto os segmentos consonantais, como os padrões de sílabas dessas variedades. Além disso, buscam-se as motivações estruturais intralinguísticas que definem os padrões silábicos menos marcados, analisando os *outputs* quanto às restrições de Marcação e de Fidelidade. Sendo assim, consideramos como perguntas para o trabalho, no primeiro momento: Quais são os segmentos que ocorrem em *onset* de cada variedade delimitada? Quais são as consoantes realizadas nas codas dessas variedades? Entre os segmentos róticos, qual (ais) se destaca (m) em coda de sílabas de cada variedade? A líquida /l/ existe subjacentemente em quais variedades? Que fatos linguísticos existem nas variedades, advindos dos segmentos róticos em coda (em alguns casos no *onset* complexo) e quais são advindos da consoante /l/ ? Em um segundo momento, levamos em conta outras questões: Quais são os padrões silábicos de cada variedade e comuns entre elas?

Quais são as restrições e as respectivas violações que se efetivam nessas variedades, em relação à sílaba? Também buscamos conhecer, num parâmetro extralinguístico, quais são as razões da existência das variedades regionais. Essas perguntas constituem, então, nossos objetivos específicos.

Pretendemos, ainda na introdução, oferecer um breve relato sobre os fatos históricos e sociais que envolvem os participantes dessa pesquisa, esclarecendo a constituição do atual estado de Goiás. Numa segunda seção desta introdução, apontam-se os dados históricos de Campos Belos, explicando porque é a referência para as variedades propostas. E depois, em seções sequenciais, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa, as características dos participantes e a organização desta dissertação.

1. O povoamento do Estado de Goiás e a formação das variedades

Esta seção visa a explicar como se constituíram as populações de diferentes localidades goianas. Assim, faz-se nesta seção breve relato sobre a constituição do território goiano e das origens de seus diferentes povos, relacionando os fatos sociais aos linguísticos.

Um dos relatos mais importantes para o conhecimento dos primórdios das comunidades goianas e suas condições de formação é o de Auguste de Saint-Hilarie, um francês, pesquisador de plantas medicinais que durante os primeiros anos do século XIX (desde 1818) adentrou o estado de Goiás à procura delas. Os seus escritos serviram a Palacin & Morais e a outros historiadores para estabelecer uma história do estado, no tocante a suas populações e condições de sobrevivência dessas populações nos primórdios do estado goiano.

Segundo Palacin & Morais (1994, p.10) o nome do estado teve origem nos índios do lugar. O nome vem do tupi *gwa ya* e significa *indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça*. Também segundo Palacin & Morais (1994, p.10) o estado de Goiás foi conhecido desde os primeiros anos da colonização portuguesa. Há documentação abundante narrando as entradas de aventureiros e bandeirantes nesse espaço desde o século XVII. Contudo, o seu povoamento só iniciou mesmo durante o século XVIII, devido à descoberta de ouro. E esse povoamento ocorreu de forma irregular, pois se constituiu à medida que as entradas e bandeiras adentravam no território.

Consoante com Palacin & Morais (1994, p. 10) quem primeiro chegou à parte norte e extremo norte do estado de Goiás, foram as bandeiras paulistas. Entre essas, a bandeira de Anhanguera (Bartolomeu Bueno da Silva) foi a primeira com a intenção de permanecer.

Pelos anos de 1690, esse bandeirante solicitou do rei autorização para penetrar o interior do Brasil a procura de ouro. Nos primeiros avanços pelo território goiano os bandeirantes mineradores e os jesuítas dedicados a catequizar os índios goyases, não fizeram caminhos terrestres, seguiram pelos rios Araguaia, Paranaíba e Tocantins, por isso às margens dos rios surgiram os primeiros arraiais, como eram conhecidas as povoações iniciais goianas.

As primeiras descobertas de ouro ocorreram na cabeceira do rio Vermelho, onde surgiu o arraial de Santana, que mais tarde, recebeu o nome de Vila Boa, depois de Cidade de Goiás que ficou como capital do estado por duzentos anos, até a construção de Goiânia.

Porém, a cada ano, durante a seca, as entradas e bandeiras iam mais longe e por lá sempre ficavam algumas pessoas por um motivo ou outro e assim foram surgindo novos arraiais. Três zonas do território goiano foram povoadas durante essa época: o centro sul, o norte, de menor extensão e mais densa povoação, correspondente na atualidade, à região de Traíras, Niquelândia e Muquém; e a do norte onde estavam algumas povoações como Arraiais, naquela época pertencente ao estado de Goiás e desde 1988 uma cidade do estado do Tocantins.

Até o início do século XIX (1808), o estado de Goiás era dividido em duas correições (o mesmo que comarcas), dentro dessas correições havia os julgados, ou seja, as divisões territoriais em que se exerce a jurisdição de um juiz municipal. O corregedor de uma parte era Bartolomeu Bueno da Silva (Anhangüera) e da outra o seu genro João Leite da Silva Ortiz (PALACIN & MORAIS, 1994, p.10). A divisão constava de Correição de Vila Boa e Correição do Norte. E estavam nesta última os dois julgados relacionados à região a que se aplica essa pesquisa, são eles: Julgado de Cavalcante e o Julgado de Arraiais. Este último (Arraiais) abrigava o arraial do Morro do Chapéu (Monte Alegre) e o de São Domingos e constituía a parte administrativa de toda a região, onde está hoje Campos Belos (GO) e outras cidades e comunidades circunvizinhas, tanto goianas quanto tocantinenses.

Por volta de 1736, depois de divulgada a descoberta do ouro, já havia nas minas goianas 10.263 escravos negros. Nos anos de 1750 a população constituída da capitania de Goiás era estimada em 40.000 pessoas, dessas entre 25 e 30% eram escravos negros, tendo atingido os 40% da população, por volta de 1823 (PALACIN & MORAIS, 1994, p.10.)

Goiás desmembrou-se da capitania de São Paulo em 1748. E em 1824, Goiás tornou-se província. No entanto, o processo de independência de Goiás se deu gradativamente, até que ele se tornasse um estado produtivo e economicamente ativo. A abertura de estradas e a navegação, no século XIX, facilitaram o escoamento dos produtos das regiões mais distantes.

Mas, foi a partir de 1940 (século XX) que o desenvolvimento de Goiás alavancou-se. A construção de Goiânia (em 1933), o desbravamento do Mato Grosso goiano, a campanha nacional de "Marcha para o oeste", que culminou na década de 50 com a construção de Brasília, imprimiram um ritmo acelerado ao progresso de Goiás.

Dados esses fatores, a população de Goiás se multiplicou, os meios de comunicação promoveram certa integração de todo o estado e a integração deste ao país. Assistiu-se, então, ao desenvolvimento de vários tipos de serviços públicos. Na década de 80 o estado apresentou um processo dinâmico de desenvolvimento. Despontou no cenário nacional como o grande exportador de produção agropecuária, e talvez por isso, tenha recebido o rótulo de estado "caipira". Nesta parte do estado de Goiás (RCB) o desenvolvimento urbano também se iniciou já nos anos 80/90, permitindo dizer que é uma região ainda em desenvolvimento.

Ao longo de sua constituição o estado de Goiás perdeu terras para Minas Gerais, para Mato Grosso e finalmente para o Tocantins. O mapa logo abaixo retrata o atual estado de Goiás.

Figura 1 - Mapa do atual Estado de Goiás¹



Fonte: ibge.gov.br

A divisão do estado de Goiás, para a criação do Estado do Tocantins, se deu no ano de 1988, cujos trâmites e consolidação mudaram a história daquele estado. Porque, embora Goiás tenha perdido parte de seu território, a divisão deu autonomia e condições de

¹ Disponível: www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos.../historico_conteudo.php, (acesso em 12/09/2012).

sobrevivência a uma área até então isolada e melhores condições administrativas para o estado goiano. O estado do Tocantins ficou com a parte chamada extremo norte goiano, oferecendo-lhe condições de desenvolvimento. Porém, a RCB, ainda hoje se encontra aquém do desenvolvimento intensivo pelo qual passam outras regiões do estado e do país, o centro sul, principalmente.

Com essa divisão do estado de Goiás, Campos Belos ficou sendo a última cidade na divisa com os estados de Tocantins e da Bahia, na região, na atualidade denominada Nordeste Goiano.

O mapa em sequência objetiva demonstrar a localização da região Nordeste Goiano em relação às demais do mesmo estado e como Campos Belos e cidades do entorno se posicionam nela. A imagem branca localizada ao topo do mapa constitui a RCB.

Figura 2- Mapa das regiões de planejamento do Estado de Goiás²



Fonte: sectec.go.gov.br

² Disponível em: sectec.go.gov.br. Acesso: 06 jun. 2012, 19h.

Em relação às questões linguísticas não há como falar dessa parte do estado de Goiás sem falar em Tocantins, pois, grande parte das populações do antigo estado de Goiás, hoje é a população tocantinense; parte das cidades do antigo extremo norte goiano hoje são cidades do sudeste tocantinense, com exceção de Campos Belos. Por isso a pesquisa envolveu os participantes também das cidades tocantinenses do entorno de Campos Belos.

Como veremos adiante, Campos Belos em tempos hodiernos constitui-se o centro financeiro regional.

2. Campos Belos (GO) como pólo comercial regional

Campos Belos (GO) é uma cidade muito jovem, alguns dos seus primeiros moradores ainda vivem, têm idade entre 80 e 90 anos. Segundo os dados do Histórico Oficial³, antes de se tornar município foi distrito dos municípios de Arraias e do Morro do Chapéu (Monte Alegre). Foi fundada sobre o solo de fazendas do município de Arraias, doadas à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, por Ciríaco Antônio Cardoso e Maria Prima G. Pinheiro, em 1893.

Campos Belos elevou-se à categoria de município, com essa denominação, pela Lei Estadual de nº 954, de 13/11/1953, complementada pela Lei de nº 1274, de 14/12/1953. O município foi desmembrado de Monte Alegre de Goiás, sendo instalado em 01 de janeiro de 1954. É uma pequena cidade localizada na Região Nordeste Goiano, nas terras do Planalto Central brasileiro, na microrregião Chapada dos Veadeiros.

Segundo dados do site oficial da Prefeitura Municipal de Campos Belos (GO) a expectativa de vida neste município é de 68 anos. A taxa de urbanização é de 83%. O IDH médio é de 0.708. O analfabetismo em Campos Belos é de 17,6%, não se aplicando o mesmo aos municípios circunvizinhos.

No início, o Arraial das Almas (antigo nome de Campos Belos) era uma planície cercada de morros com fartura de água, bons pastos, por isso, o novo nome foi sugerido por um frei dominicano, ao encantar-se com a paisagem local, por época de sua passagem no lugar. Campos Belos (GO) foi se desenvolvendo a partir da pecuária e de lavouras de subsistência, com uma população bem reduzida, formada por proprietários de terras ao redor (as famílias desbravadoras, descendentes de portugueses), alguns mineradores que iam deixando os garimpos, devido à escassez do ouro, escravos e aventureiros.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

E como os registros históricos sobre Campos Belos em livros são bem escassos, retomo as palavras de Ana Lourdes Cardoso Dias (UFG, 2009), em sua dissertação sobre “Palatalização no português de Canabrava e Lagoa da Pedra (TO)” para esclarecer alguns fatos históricos regionais. Convém dizer que todos os fatos históricos mencionados por Ana Dias (2009) provêm de Apolinário (2007), historiador que tem como base para a sua pesquisa os documentos da Prefeitura Municipal de Arraias (TO), centro administrativo regional no passado.

Arraias, por sua vez, é uma cidade histórica, hoje pertencente ao estado do Tocantins e com história registrada há quase trezentos anos. Essa cidade foi ainda formada quando o território goiano recebia os sertanistas de São Paulo, os jesuítas e outros homens com origem lusitana. Arraias exerceu o domínio administrativo regional até a década de cinquenta.

Nos registros de Ana Dias (2009) o início a Arraias se deu com uma missão jesuítica de nome “Boqueirão dos Tapuios” por meados de 1733. A localidade inicial foi a Chapada dos Negros que, possivelmente, era reduto de alguns negros fugitivos dos garimpos do entorno, antes da chegada dos mineradores para a exploração. Esta povoação se tornou, em pouco tempo, importante mina aurífera e logo depois se transformou em arraial. Com Arraias sendo o centro administrativo regional, ao redor foram se formando outros pequenos arraiais, como o das Almas (hoje Campos Belos).

Falando em mesca linguística, constatamos, então, que a língua falada na RCB contou inicialmente com as línguas indígenas locais, que segundo o livro editado pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura) “Uma história do povo kalunga” (2001) eram as línguas dos povos Acroá, Avá-Canoeiro, Kaiapó, Xavante, Xacriabá, dentre outras. Essas eram línguas do grande grupo macro-jê, com exceção dos povos Avá-Canoeiro os quais falavam língua do grupo tupi. Assim, a região contou com a variedade de português das tradicionais famílias descendentes de portugueses, donas de grandes extensões de terra na região (principalmente os Batista Cordeiro, os Costa Madureira e os Cardoso). Também com as variedades de PB dos mineradores, entre eles uma minoria de goianos vindos de outras partes do estado e a outra parcela vinda de diferentes partes do Brasil.

Segundo Ana Dias (2009), a região ainda recebeu, nos tempos áureos, escravos de dois grupos linguísticos: o sudanês e o banto, os quais integraram as primeiras e diferentes contribuições para a língua falada na RCB.

De acordo com os dados do Histórico Oficial de Campos Belos (IBGE), já nas proximidades de 1920 muitos baianos se instalaram nesse município e impulsionaram o

crescimento e o comércio local. Além dos jesuítas, na época do desbravamento, outros grupos religiosos de expressão deram contribuição ao início de Campos Belos. Desses podem ser citados o grupo adventista, em 1930 e um grupo norte-americano da Igreja Batista, que por volta de 1950 impeliram a escolarização na região, fundando a escola Batista.

Nas décadas de 70, 80 e 90, no auge do desenvolvimento de Goiás, novos migrantes de Minas Gerais e São Paulo (entre outros estados) se fixaram na RCB, adquirindo terras de baixo custo ajudaram a desenvolver a lavoura e a pecuária desses municípios.

Campos Belos na atualidade é a segunda cidade do nordeste goiano, possui aproximadamente, vinte mil habitantes, mas ostenta o título de “pólo econômico regional”, pois, apesar de ter uma população fixa reduzida, há uma rotatividade humana intensa e circulação de mercadorias acentuada e serve ao consumidor de todas as cidades do seu entorno, não importando se tocantinenses ou goianas.

Sua economia é baseada no comércio, na agricultura de subsistência e principalmente na pecuária. Cerca de 100.000 pessoas, das cidades ao redor de Campos Belos, dependem de serviços públicos existentes nessa cidade, devido à distância entre a RCB e os grandes centros como Brasília e Goiânia.

Campos Belos (GO) recebe os moradores das cidades do entorno também para tratamento médico, compras, estudo e trabalho e dessa forma se eleva à condição de pólo econômico regional. Até hoje a região é grande produtora de minérios, não mais de ouro, na atualidade o fosfato é o mineral explorado regionalmente e o motivo de chegarem levadas de pessoas de todos os lugares e com todos os níveis de escolaridade a essa cidade.

Tendo por base os fatos históricos e sociais, pode-se ratificar a fala dos autóctones da RCB como bem distante do sul e de outras partes do mesmo estado. Por isso se propõe a estudar as variedades faladas de português existentes na RCB. A hipótese de que se parte é de que são pelo menos quatro essas variedades e que há alguns aspectos linguísticos que não permitem dizer que na RCB constitui-se um dialeto baiano, como propõe Nascentes (1953). A miscigenação existente na região proporciona a formação de variedades de PB, ainda não descritas.

3. Procedimentos metodológicos

Esclarecemos, nesta parte, como foram coletadas as vozes, agrupados e nomeados os participantes e analisados os dados coletados.

Precisa-se dizer que para esta pesquisa, fizemos inicialmente uma seleção dos representantes das variedades regionais de acordo com critérios extralinguísticos a saber: o seu grau de escolaridade e o lugar onde vivem. Essa seleção permitiu-nos, então, definir três variedades: variedade A – indivíduos das comunidades Kalunga, com prevalência de pouca ou nenhuma escolaridade; variedade B - de pessoas divididas entre o campo e a cidade, de pouca escolaridade; variedade C - de pessoas citadinas com média e alta escolaridade, até graduação completa.

A pesquisa confirmou a hipótese inicial no que diz respeito à maioria dos indivíduos das variedades A e B e uma característica linguística - a realização do fonema /l/ em coda – revelou a necessidade de dividirmos o grupo em dois subgrupos: o grupo C, dos participantes que não realizam o /l/ em coda e o grupo D, dos participantes que realizam esse fonema em coda.

Com o aprofundamento da análise dos dados, verificou-se que uma participante do grupo B também realizava o fonema /l/ em coda, diferentemente do restante do grupo, o que nos levou a integrá-la ao grupo D.

Dessa forma, a distinção entre os grupos deixou de ser apenas uma distinção baseada no grau de escolaridade, visto que o grupo D passou a incluir participantes com diversos graus de escolaridade considerados. Diante disso, buscamos identificar que fatores extralinguísticos poderiam se associar ao novo agrupamento baseado exclusivamente em critérios linguísticos, como veremos no desenvolvimento dessa dissertação. Verificamos que os participantes do novo grupo D, não importando a qual grupo inicial pertenciam, são pessoas de alta interação regional e extrarregional, suas *redes sociais*, como denomina a sociolinguística, são extensas (devido às motivações pessoais ou profissionais), diferentemente dos participantes que permanecem nos grupos B e C, como foi sintetizado no quadro a seguir:

Quadro: 1 Sistematização dos diferentes reagrupamentos dos participantes

Hipótese inicial	Reagrupamento por características linguísticas	Reagrupamento final
A – Kalunga	A – Kalunga	A – Kalunga
B - Baixa escolaridade	B - Pouca escolaridade	B - Pouca escolaridade
C - Média e Alta escolaridade	C - Média e Alta escolaridade (- coda)	C- Média e Alta escolaridade
	D - Média e Alta escolaridade (+ coda)	D - Escolaridade variada

Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, a variedade D, embora seja única em suas particularidades linguísticas, pode ainda ser caracterizada, de acordo com a origem dos seus participantes, em dois

subgrupos: um primeiro grupo integrado pelos participantes com alta escolaridade, descendente das famílias fundadoras das cidades da região, o que passamos a designar como grupo D tradicional (DT). E outro grupo emergente que reúne pessoas de origens variadas, o que denominamos grupo D emergente (DE). Como esta subdivisão é de natureza extralinguística, e por isso não interfere na análise dos dados, a análise e a discussão desses dados não farão referência a essa subdivisão.

Para definir o nível de interação social, observamos o modo de viver, local de trabalho e as funções que exercem nossos participantes. Além disso, inquiremos esses participantes sobre origens familiares, o lazer, viagens, leitura, uso das redes sociais, telefones e outros meios de comunicação em língua portuguesa ou outra língua.

Também, faz-se necessário explicar que este trabalho agrega dois tipos de dados. Tipo 1: dados adquiridos por gravações de outrem; tipo 2: dados adquiridos por gravações feitas pela pesquisadora. Os do tipo 1 são da variedade A, para as demais variedades são dados do tipo 2, adquiridos com anuência dos participantes.

Para a variedade A, dos povos kalunga, os dados gerais são do tipo um (1) e provêm de vídeos disponibilizados na internet (You Tube). Esses vídeos contêm entrevistas gravadas por outros pesquisadores, geralmente sobre o ‘ser kalunga’ e costumes gerais desse povo. Os vídeos foram coletados com o auxílio do programa Real Player, que copia vídeos, reproduz, converte para vários padrões de mídia. Todos eles foram salvos em mídias para o caso de verificação posterior.

Realizamos essa forma de abordagem das falas para a variedade A, em decorrência de não se ter acesso a muitos dos kalunga, pois vivem em lugares de difícil acesso, aonde não se chega por vias convencionais nem com veículos comuns, em certas épocas do ano. A coleta de dados se deu em época de chuvas na região, o que inviabilizou a ida até as comunidades. Além do mais, nem sempre os kalunga estão dispostos a falarem, alegando estarem cansados de tantas entrevistas. Pois, ao terem tido o seu modo de viver divulgado, na década de noventa, tornaram-se alvo de pesquisas diversas e são constantemente abordados como participantes de pesquisa⁴.

⁴ Essas afirmações estão nas falas de Tico e Procópio, falantes da variedade A do vídeo “Nossa história nossa liberdade”, tomado por nós como material de análise.

Já os dados do tipo dois (2) foram coletados pela pesquisadora com o auxílio de um notebook Itautec, uma placa de som Realtek, um microfone apropriado para gravações em mono e o programa de análise acústica PRAAT.

Atribuímos o nome de *falantes* aos indivíduos kalunga e não de *participantes*, uma vez que não solicitamos diretamente a participação dos mesmos.

Os falantes inseridos na variedade A serão nomeados conforme o são nos vídeos de origem, pelo próprio nome, já que os vídeos são públicos. Há um falante que não está identificado no vídeo, assim foi nomeado por nós como PFNH (Primeiro Falante do vídeo Nossa história, nossa liberdade).

Já os participantes das gravações diretas serão nomeados por siglas. Nas siglas a primeira letra determina a ordem de abordagem, a segunda a variedade e a terceira o sexo. Assim exemplifica a designação dos participantes (de gravações diretas): participante A, da variedade B, do sexo masculino = ABM. A denominação será sequencial ao longo das variedades.

A elicitación nas gravações realizadas pela pesquisadora se deu por fala espontânea sobre assuntos pertinentes à cultura dos participantes. Propusemos uma fala sobre um aspecto cultural de sua localidade, ou brincadeiras do tempo de criança, instigando para que ocorressem enunciados em que sobressaíssem as palavras com as variáveis em estudo. Quando houve resistência de falar sobre esses assuntos propusemos a leitura de um trecho, o que se deu apenas com um dos participantes.

Para segmentar os trechos foram utilizados os programas Audacity e PRAAT. Realizamos uma análise acústica auxiliar, utilizando o programa PRAAT, versão 5.2.01, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã.

Houve a transcrição estrita⁵ do texto integral, para buscar as palavras-contextos e a seguir dar-se a depreensão e análise dos segmentos e das sílabas.

Esclarecemos que na abordagem dos participantes foram usados os seguintes documentos: a apresentação da pesquisadora, o documento de aprovação do CEP/UnB e o TCLE (Termo de Esclarecimento e Consentimento Livre Esclarecido. Convém salientar que o TCLE foi assinado pelo participante e pela pesquisadora, no momento da gravação.

⁵ Conforme recomenda Ladefoged (2010, p. 47)

Na seção a seguir serão detalhadas as características dos falantes/ participantes dessa pesquisa, no que concerne às variedades selecionadas. Alertamos para o fato de nomearmos como “falantes” aqueles que não forneceram dados pela abordagem direta, ou seja, as pessoas kalunga⁶ que se encontram nos vídeos tomados a partir da internet.

4. Características dos falantes / participantes

Os indivíduos envolvidos na pesquisa das variedades de português da RCB foram selecionados principalmente entre falantes nativos das cidades de Campos Belos, cidades e comunidades circunvizinhas da região, não necessariamente do município de Campos Belos, podendo ser em Monte Alegre de Goiás, Terezina, Novo Alegre TO e Arraias TO, ou seja, num raio de duzentos quilômetros.

Tem-se para a pesquisa um total de vinte e sete adultos. De cada variedade foram selecionados indivíduos do sexo masculino e feminino, não sendo o sexo critério para avaliação da variedade.

Os participantes compõem o quadro abaixo:

Quadro 2- Tabela de participantes da pesquisa

	Variedade A	Variedade B	Variedade C	Variedade D
Masculino	05	02	04	04
Feminino	05	03	02	02

Fonte: elaborado pela autora

São dez falantes das comunidades kalunga, que compõem a variedade A, havendo entre esses a prevalência de pouca escolarização, conforme os mesmos indicam em suas falas, nos vídeos, pouca interação social fora de suas comunidades. Os indivíduos kalunga têm convivência mais restrita à comunidade em que vivem e raramente com pessoas das cidades do entorno, sem acesso diário aos meios de comunicação.

Kalunga ou kalungueiro é o nome dado às pessoas reconhecidas como remanescentes de escravos, com cultura específica que vivem nas vizinhanças do município de Campos Belos e cujas origens remontam ao período de escravidão no Brasil, conforme atesta Cibele Souza: “A comunidade Kalunga é de descendente de escravos que foram levados para Monte Alegre de Goiás e outras cidades para trabalhar nas minas do norte da capitania de Goiás”. (SOUZA, 2005, p.16). Esse grupo de falantes possui entre cinquenta anos e oitenta anos. Essa

⁶ O nome Kalunga também pode se registrar calunga. Para este trabalho adotamos a primeira forma.

escolha foi proposital, pois sendo assim pode ser que haja menos influências externas em suas falas.

É necessário lembrar que os kalunga colaboraram com essa pesquisa por meio de vídeos gravados e já disponibilizados na internet e as explicações maiores foram dadas na parte dos procedimentos metodológicos. O primeiro vídeo analisado foi “Resistência Quilombola” realizado pela TV Carta Maior (2006) em que se encontram: João, da comunidade de Monte Alegre; Zélio Pereira, de Cavalcante; Leonilda, da comunidade de Terezina.

O segundo vídeo tem o nome de “D. Dainda Sabedoria Kalunga” (Etnofoco, 2007) e a fala analisada é a de D. Dainda. O terceiro é o vídeo “Zenira, a raizeira kalunga” (Encontrodeculturas, 2009), cuja fala analisada é da Zenira. A seguir foi analisado o vídeo “Cinésia” (Conhecer. Org.br, 2011), neste a fala analisada é da própria Cinésia, moradora na comunidade de Terezina (GO). Convém informar que não ficaram registrados nos vídeos os nomes das comunidades a que pertencem Dainda e Zenira.

Um último vídeo “Nossa história, nossa liberdade” (UCDF, 2011) traz os moradores das comunidades Saco Grande e Riachão de Monte Alegre de Goiás: Procópio, líder da comunidade Riachão, Tosinho e Rosalino, da comunidade Saco Grande e um falante cujo nome não aparece no vídeo, que o nomeamos de PFNH (Primeiro falante do vídeo “Nossa história, nossa liberdade”).

Para a variedade B selecionamos cinco participantes que compuseram um grupo de pouca escolaridade e pouca interação social, mesmo no âmbito regional, sendo três do sexo feminino e dois do masculino. Os participantes das gravações inseridos na variedade B são pessoas nativas na RCB, entre cinquenta e 70 anos, com relações próximas com Campos Belos. Esses sujeitos são frequentadores do comércio local como trabalhadores ou consumidores, locais de serviços públicos e centro de tratamento ou outros meios dessa cidade. A exigência quanto à escolaridade foi de que não possuíssem mais que a sexta série do ensino fundamental. Os participantes estão assim designados para esta abordagem: ABM, BBF, CBM, DBF, EBF.

Do grupo cidadão de média e alta escolaridade, com média interação extrarregional, denominado variedade C, são seis participantes com boa interação no âmbito regional e com nível médio de exposição diária às leituras variadas, às redes sociais e a outros modos de contato. Os participantes desse grupo são homens e mulheres com mais engajamento social, com maior interação na sociedade local. Esta variedade compõe-se de professores da

educação básica, de músicos, de estudantes universitários e atletas, entre outras atividades de boa interação no âmbito regional. O menor nível de escolaridade dos participantes da variedade C é o ensino médio completo e a mais alta é a graduação completa. A faixa etária dos participantes da variedade C está entre dezoito e cinquenta e cinco anos. Esses receberão as seguintes referências: FCM, GCM, HCM, ICM, JCF, KCF.

E para a variedade D foram agrupados seis participantes, entre eles dois do sexo feminino. Esses participantes possuem variados níveis de estudo, indo do ensino fundamental, passando pela graduação e indo até o Mestrado, com bastante interação regional e extrarregional. Grupo em que se considera a subdivisão: DT e DE. Os DT têm alto nível de leituras variadas, enquanto a subdivisão DE se mantém nessa variedade pelas características de fala que apresentaram e pela alta interação no âmbito regional e extrarregional. Para a variedade D temos participantes entre dezoito e setenta e três anos, assim designados: LDM, MDM, NDM, ODM, PDF, QDF. Todos eles têm funções de contato direto com o público, em que a persuasão deve estar mediando suas falas. Um deles é representante comercial, duas trabalham no comércio como comerciante e comerciária e os demais são funcionários públicos municipais e estaduais.

Reitera-se que todas as gravações diretas das variedades foram realizadas com anuência dos participantes e eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Salienta-se, ainda, que o estudo demonstrado nesta dissertação teve autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília e o documento comprobatório encontra-se anexo ao final deste, como anexo I.

Todas as informações extraídas das análises serão demonstradas no terceiro capítulo, designado para isso e intitulado como “Descrição das variedades regionais”, como deixa claro a seção seguinte, onde cuidamos de esclarecer a organização do trabalho.

5. Organização da dissertação

Esta dissertação tem como objetivo geral descrever os padrões silábicos das variedades de português falado na região de Campos Belos, Goiás, enfocando os segmentos consonantais em *onset* e principalmente em coda de cada uma das quatro variedades identificadas, analisar a ocorrência das sílabas de acordo com a tonicidade, para por fim, analisar e definir quais são os padrões silábicos ótimos para os falantes dessas variedades.

Para isso, esta dissertação organiza-se em quatro capítulos. O primeiro apresenta o quadro teórico adotado na realização da pesquisa, especificando algumas teorias que

abordaram a sílaba, principalmente as contribuições das teorias não-lineares, chegando até a Teoria da Otimidade, sob a qual se edifica a abordagem analítica das sílabas na última parte deste trabalho.

O segundo capítulo traz considerações e estudos sobre o português brasileiro, no que se refere à variabilidade de seus segmentos, a organização de seus segmentos consonânticos no início e no fim de sílabas, como também os recursos atuantes na boa formação silábica. Um breve relato de estudos do português falado em Goiás também está no segundo capítulo.

No terceiro capítulo descrevemos as variedades de português da RCB, no tocante aos segmentos componentes do quadro fonético de cada variedade e aos padrões silábicos constituídos por esses segmentos, elaboramos, também, neste capítulo, um quadro comparativo relacionando as convergências e as divergências entre variedades no referente aos *onsets* e codas.

No quarto capítulo tratamos das restrições e das violações, comparando a otimidade entre as variedades A, B, C e D, analisando e comparando os *outputs* em *tableaux* para definir o conjunto de restrições ranqueadas.

Para dar fechamento ao trabalho consta a parte das “Considerações finais”.

Com essa descrição dos segmentos consonânticos e dos padrões silábicos das variedades de português da RCB, esperou-se contribuir para o conhecimento do português falado nesta parte da região Centro-Oeste do Brasil, ainda carente de estudos dessa natureza.

Passamos ao primeiro capítulo e a conhecer o embasamento teórico sobre o qual se delinea a análise realizada das variedades de português falado na RCB.

I CAPÍTULO

TEORIAS MODERNAS E ABORDAGENS DA SÍLABA

Neste capítulo, apresenta-se a revisão da literatura relevante para a nossa pesquisa. A análise das variedades de português falado na RCB, objetivo precípuo deste trabalho, se valerá de teorias não-lineares, tanto da teoria Autossegmental ao descrever os segmentos e suas ocorrências, como da Teoria da Otimidade (TO) desenvolvida por Alan Prince e Paul Smolensky (1993) e McCarthy & Prince (1993, 1995), para a análise das sílabas, tendo em vista a possível interpretação dos casos de otimização dessas unidades, encontradas nas variedades estudadas.

Para melhor compreender o contexto em que se situam a análise e a descrição em foco, faz-se necessário, inicialmente, esclarecer o que se entende por linguagem e língua, por variedades e outros conceitos associados, tais como variação e variante. Tornou-se relevante também trazer os conceitos saussurianos de sincronia e diacronia.

1.1 Questões dicotômicas no estudo da língua

Ferdinand de Saussure (1969, p.16) considerou a linguagem como “um todo” que abarca dois domínios diferentes ou dicotômicos: a língua e a fala (*langue/parole*). E no âmbito dessa dicotomia, a língua é definida por Saussure (1969:17) como um “sistema de signos”, ou ainda, uma organização de unidades que funcionam dentro de um “todo”.

A língua é dessa forma o produto social da linguagem, que obedece às leis do contrato social estabelecido entre os membros da sociedade que a usa. (SAUSSURE, 1969, p.17). Já a fala se realiza como um ato individual resultado da combinação feita pelos sujeitos falantes, ao utilizar o código da língua.

Para Saussure (1969) o objeto da Linguística é a língua (*langue*). Tanto que a privilegiou nos seus estudos. E nesses termos a língua era o sistema invariante que poderia ser extraído da fala. Todas as possibilidades de variação e ou mudança linguística foram pressupostas por Saussure (1969) tendo o ponto de partida o indivíduo: “tudo quanto seja diacrônico na língua não o é se não pela fala”⁷. De certa forma deixou explicitar que a fala pode ser sim o objeto da Linguística, apenas não fez dela seu objeto, mas tornou legítimo o uso da fala no estudo da uma língua, como fazemos.

⁷ *Curso de Linguística Geral*, 1969, p 115.

Além dessa dicotomia estabelecida por Saussure, há a de Noan Chomsky *competência x desempenho*. Essa dicotomia se estabeleceu na teoria gerativa tendo a *competência* como ideal e própria da espécie humana e como o objeto da Linguística. O *desempenho* o plano individualizado, exterior ao homem fora do interesse da linguística. Nos estudos gerativos clássicos, advindos dessa teoria, a fala também não recebeu dedicação.

Porém como advento da Sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua a partir da relação estreita com a sociedade, o estudo da fala ganhou ênfase. Nessa área o destaque é para Willian Labov, quem propôs o estudo sistemático das *variações* e das *mudanças* linguísticas, insistindo na relação linguagem e sociedade.

Nós não vamos retomar Labov, contudo, tomamos alguns conceitos da Sociolinguística e para esclarecer os conceitos de que necessitamos neste trabalho, reportamos a Fernando Tarallo (1986) e Marcos Bagno (2007).

Fernando Tarallo em *A pesquisa sociolinguística* (1986) possui um caráter didático para uma pesquisa sociolinguística em métodos labovianos. No entanto, de Fernando Tarallo (1986) tomaremos, sem adentramento às questões sociolinguísticas, os conceitos de *variação linguística, variante e variável*, necessários para a nossa compreensão e explicação dos fatos apreendidos neste estudo sobre as variedades de língua portuguesa da RCB.

Para Tarallo (1986, p.12) a língua consiste em um fato social, ou seja, em um sistema convencional adquirido pelos indivíduos, durante o convívio social. E nessa concepção Tarallo (1986:12) afirma que a língua sofre variações e que essas variações são próprias da língua falada (p.07).

Desse modo, ele nos apresenta os conceitos de variável e variante linguísticas: as variantes “são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com mesmo valor de verdade; a variável é um conjunto de variantes linguísticas”. (TARALLO, 1986, p. 08).

As variáveis, por sua vez, podem ser *dependentes* ou *independentes*. Por variável *dependente* entende-se o fenômeno ao qual se objetiva estudar e por variável *independente* entende-se o contexto linguístico e extralinguístico das variantes (TARALLO, 1986, p.08). Mas, Fernando Tarallo (1986) não expõe literalmente um conceito de variedades linguísticas. É então com o conceito de variedade elaborado por Marcos Bagno (2007, p.47) que nós nos referimos aos grupos de fala da RCB. “Uma variedade linguística é um dos muitos modos de falar uma língua”.

Bagno (2007) afirma, ainda, que toda língua é um *feixe de variedades* e que em cada variedade se realiza uma ou mais variante de uma variável. Bagno (2007, p.50) exemplifica como variável o (r) em português e como variantes a vibrante simples [r], a vibrante múltipla [R], a retroflexa [ɾ], a aspirada [h] e o zero [∅].

Cumpra a nós esclarecermos o conceito de *variedade* formado por nós e utilizado em nossa análise: variedade é, então, a forma de uso da língua por um grupo de falantes que compartilham determinado conjunto de características sociais e linguísticas. Falaremos assim em variedades A, B, C e D.

Do mesmo modo que distinguiu *langue* e *parole*, Saussure (1969) estabeleceu uma diferença básica entre os estudos sincrônicos e os estudos diacrônicos das línguas naturais. Os primeiros passaram a constituir os estudos da gramática do ponto de vista histórico e os segundos o estudo das características de uma língua em dado momento, sem buscar motivações no passado ou fazer previsões para o futuro dessa língua.

Do ponto de vista saussureano a análise sincrônica observaria os fatos linguísticos quanto ao seu funcionamento e as análises diacrônicas tomariam os fatos a partir das relações estabelecidas com o passado. De acordo com Saussure (1969, p. 96) “a sincronia e a diacronia designarão respectivamente um estado da língua e uma fase de sua evolução”.

A partir disso entendemos que estudos diacrônicos tratam especificamente da mudança e os estudos sincrônicos tratam dos estudos sobre as variações linguísticas, sendo as últimas relacionadas ao nosso estudo. Vale lembrar que as variações e mudanças na língua ficaram na inobservância de Saussure, uma vez que a língua era para ele era um sistema fechado de oposições, seu objeto era a *langue*.

Voltando a enfatizar que nosso interesse é descrever sincronicamente as variedades de português da RCB, no que concerne aos aspectos estudados pela Fonética (descrição dos sons da fala) e pela Fonologia (interpretação dos resultados obtidos pela descrição da fala). Por essa razão, trata-se de um estudo sincrônico de variedades da língua portuguesa, sem foco na valoração social dos falantes ou no passado da língua, adotamos a Teoria da Otimidade cujos pressupostos se expõem na seção que segue.

1.2 A Teoria da Otimidade

A Teoria da Otimidade (Optimality Theory), conhecida entre os linguístas como TO, é uma teoria de cunho gerativista que surgiu na década de 90 com Alan Prince & Paul

Smolensky (1993) e McCarthy & Prince (1993, 1995)⁸, apresentada em primeira mão pelos primeiros. E que não se restringiu à fonologia, mas nesse campo pôde alargadamente contribuir. McCarthy afirma que a (doravante) TO é um modelo geral de como as gramáticas das línguas estruturam-se⁹.

Segundo McCarthy (2003) a TO possui propriedades que a diferenciam das demais teorias:¹⁰ ela é comparativa, possui ranqueamento das restrições violáveis, e é inerentemente tipológica.

A TO visa a responder quais as restrições da gramática estão satisfeitas nos *outputs*, qual é a relação entre o universal e o particular e como as restrições diferem em atividade de língua para língua. Essas respostas estão diretamente ligadas às propriedades fundamentais da TO. (MCCARTHY, 2007, p. 04)

McCarthy & Prince (1993)¹¹ elaboraram três propriedades básicas para a TO: universalidade, violabilidade, ranqueamento, mas também são conhecidas as propriedades inclusão e paralelismo. Assim, violabilidade diz respeito ao *output* gerado poder violar uma restrição mínima das línguas. O ranqueamento significa a dominância de uma para outra, entre as restrições e a inclusão significa que as diversas “porções” linguísticas devem ser levadas em conta, como candidato. O paralelismo é uma propriedade que permite a análise de todos os candidatos ao mesmo tempo.

Sendo assim, nesta teoria há o entendimento de que uma das funções da gramática universal, o GEN, (generator) a partir de uma forma subjacente (*input*), cria vários candidatos a *output* (forma de superfície). Os *outputs* serão avaliados pela outra função da gramática universal, o EVAL (evaluator), dentro de um quadro de restrições chamado CON.

O GEN possui dois princípios básicos, segundo McCarthy & Prince (1993, p. 9), entre esses estão: liberdade de análise, em que se prevê que qualquer estrutura linguística pode ser avaliada e a contenção, em que o *input* deve estar contido em qualquer candidato (*output*).

⁸ “In 1991, Alan Prince and Paul Smolensky began presenting their work on a new approach to language. By 1993, this new approach had a name — Optimality Theory” (MCCARTHY, 2007, p. 01)

⁹ “Optimality Theory is a general model of how grammars are structured.” (MCCARTHY, 2007, p. 01)

¹⁰ “TO has several core properties that tend to set it apart from other linguistic theories: it is comparative, it has ranked, violable constraints, and it is inherently typological” (MCCARTHY, 2003, p. 210)

¹¹ Generalized Alignment (1993, p.04)

A arquitetura da TO *standard* é explicada por McCarthy (2003, p.211) assim:

Input → GEN → candidates → EVAL → output

Tomamos essa teoria para a análise das sílabas nas variedades de português da RCB, por compreender que as suas bases estão em relacionar *input* e *output*, sendo o centro da análise o *output*. Além de constituir-se um modelo de análise das formas de superfície (*output*) a TO leva ao entendimento que as restrições são essencialmente violáveis.

As restrições são entendidas nos pressupostos da TO como “requisito estrutural que pode ser violado ou satisfeito por alguma forma de *output* (KAGER, 1999, p.09).

No escopo da TO as restrições em uma dada língua seguirão à ordem das restrições invioláveis>> restrições violáveis>> restrições inativas. Deve-se mencionar que as invioláveis, no início do esquema, referem-se à gramática universal, elas são as bases gramaticais comuns a todas as línguas. E as últimas são aquelas não acessadas, por isso não estão em jogo na escolha de um candidato ótimo.

As restrições violáveis com que trabalha o TO são as restrições de Marcação, Fidelidade e Alinhamento. Essas últimas foram introduzidas na teoria por McCarthy e Prince (1993).

Na TO desenvolvida por Prince e Smolensky e McCarthy e Prince as restrições de Fidelidade cuidam das relações *input/output*; exigindo identidade entre eles; as de Marcação referem-se à boa formação dos *outputs*, solicitando que sejam menos marcados ou mais fáceis do ponto de vista articulatorio. Já as restrições de Alinhamento dizem respeito às interfaces da prosódia, com a morfologia, por exemplo.

A TO leva em conta que as restrições são competitivas, na organização de uma dada língua e para os *outputs* surgidos tem como uma ação básica a comparação, como também já ficou claro anteriormente ao se explicar suas propriedades. Isto é, os candidatos serão apresentados em um *tableau* e avaliados, dentre eles, qual é o que viola a restrição mais baixa no *ranking*. Essa ação determinará a *otimidade* de um candidato em paralelo com os demais. Como a análise dos dados faz-se por um *tableau*¹², exemplifica-se:

¹² “The elements of a ranking argument are illustrated with a tableau. Tableaux of two main types appear in the literature. Each type has its usefulness for certain purposes. When the goal is to argue for rankings, then the comparative tableau format of Prince (2002) is best. In a comparative tableau, each cell (row, column) indicates the number of violations, if any, of constraint column incurred by candidate row.” (MCCARTHY, 2007:7).

Quadro 03 – tableau demonstrativo das restrições em TO

	restr. A	restr. B	restr. C	Restr D
Candidato 1	*!			
Candidato 2		*!		
☞ Candidato 3				*

Elaborado pela autora, baseado em McCarthy (2007, p.7)

Como podemos observar no *tableau* (quadro 03) o ranqueamento das restrições se dá da esquerda para a direita, desse modo a restrição A é a maior delas, e a D a menor.

A dominância entre elas se demonstra assim: $A \gg B \gg C \gg D$. O asterisco (*) é a marca para a violação da restrição, o ponto de exclamação (!) informa que a violação é fatal e o candidato não concorre mais. O símbolo (☞) indica o candidato ótimo. No *Tableau* acima, esse candidato é o de número três, visto que a restrição por ele violada é a mais baixa no *ranking*.

A Teoria da Otimidade proposta por Prince & Smolenky (1993) e McCarthy & Prince (1993, 1995) é considerada a corrente clássica da TO e se preocupa essencialmente com a escolha do candidato ótimo, já a versão menos clássica se preocupa com a disputa entre as variantes do quadro teórico otimalista.

Logo a seguir passamos a salientar como os teóricos aderidos a TO observam a questão da variação.

1.2.1 A TO e as variações linguísticas

Tendo por base as palavras de Elisa Battisti (2010, p.288)¹³, sabemos que antes da TO, os modelos fonológicos gerativos não tratavam da variação linguística, tratavam das regras de escritura, principalmente. O surgimento da TO, e com ela a ideia de que as restrições universais são passíveis de ser violadas, avaliando as formas de superfície (*outputs*), permitiu-se a análise linguística além das regras de escritura e das derivações.

Como já dito, temos duas correntes da TO: a clássica que é a de Prince e Smolensky e McCarthy e Prince e outra menos clássica (Antilla, Boersma e Hayes). A menos clássica se ocupa, entre outros aspectos, com a variação.

¹³ Bisol & Schwindt. Teoria da Otimidade: Fonologia, Campinas, SP, Pontes, 2010.

De acordo com Elisa Battisti (2010, p.273)¹⁴ a variação com que a TO pode trabalhar é a variação livre, ou seja, aquela de formas variantes com manutenção do significado.

Schwindt (2010, p.257) aponta como hipóteses básicas para lidar com a variação no escopo da TO: *inputs* múltiplos, ranqueamentos variáveis e gramáticas em competição.

No cerne da TO há uma importante propriedade conhecida como riqueza de base (ROTB). Essa propriedade impõe que nenhuma restrição incida sobre a forma subjacente. Assim, não se proíbe determinados segmentos ou determinadas propriedades prosódicas em uma determinada língua. A riqueza de base (ou ROTB) explicita-se pela ausência de restrição na constituição *do input*, ou seja, da mesma maneira que pode haver um conjunto ilimitado de *outputs* isso pode ocorrer com o *input*. (SCHWINDT, In BISOL, 2010, p. 241).

McCarthy (2007, p. 08) confirma que uma responsabilidade especial do analista em TO é a descoberta de restrições e da ordem das restrições. Nesta teoria, CON é universal, mas o ranking é particular, por isso o trabalho do analista é uma questão de encontrar algum *ranking* que reproduz os dados da língua em questão. Daí decorre o entendimento que as formas variantes podem conter alguma restrição ainda não observada anteriormente.

Também em McCarthy (2002) encontramos afirmações de que a variação sincrônica ou diacrônica em uma língua são reflexos de diferenças no ranqueamento de restrições. Na gramática de uma língua há um ordenamento total das restrições ocorridas. Ou seja, toda restrição domina ou está dominada por outra restrição. Quando ocorre a variação, há um tipo de ordenamento parcial do conjunto de restrições, fazendo com que exista a variação apenas no *output*.

Antilla (1997)¹⁵ faz uma proposta de existência de subgramáticas na língua. Para ele, quando um número de restrições não está em relação de dominância, sendo que essas restrições definiriam a escolha de um candidato, os diversos ranqueamentos possíveis entre essas restrições poderiam determinar subgramáticas da língua. E as subgramáticas que emergirem podem escolher candidatos diferentes, embora possam também escolher o mesmo candidato, otimizando aquele indicado pelo maior número de subgramáticas. Assim sendo, a variação é fruto do ranqueamento parcial de restrições. Como assevera Donadel (2007, p.56) “aquela forma a ser indicada por uma pesquisa seria a forma ótima”.

¹⁴ Bisol & Schwindt. Teoria da Otimidade: Fonologia, Campinas, SP, Pontes, 2010.

¹⁵ (DONADEL, 2007, p.56)

Kager (1999) também fala em gramáticas em competição. Acredita na existência de mais de um candidato ótimo como resultado de subhierarquias. Dessa maneira teríamos $R_1 \gg R_2$ ou $R_2 \gg R_1$.

Pode-se afirmar que desde que proposta da TO fez com que se entendesse a teoria como de potencial para análises da variação linguística, principalmente fonológica, ao afirmar que cada gramática é uma hierarquia específica de restrições, abriu precedentes para se entender que a variação linguística deriva dos diferentes *rankings* das restrições. Então, no âmbito da TO, a maioria das análises vê a variação como um problema causado pelo ranking de restrições, assim como deixou precedente McCarthy & Prince, (1993).

Este é um trabalho voltado para as variedades do português falado em uma região do Brasil, no referente aos segmentos e à unidade fonológica sílaba. Assim a TO apresentou-se para nós como uma possibilidade de análise das variedades linguísticas da língua falada na RCB. A TO permitiu um estudo sincrônico dessas variedades, sem nos voltarmos para classificações estigmatizadoras, ou seja, sem a necessidade de confrontar as formas linguísticas evidenciadas nos dados com o seu passado e também com outras formas de maior ou menor prestígio social.

A TO ainda permite avaliar as formas surgidas dos falantes da RCB sem depender de registros anteriores dessas variedades. Essa teoria foi escolhida, por sua liberdade de análise, para analisar a otimidade das sílabas nas variedades de português existentes na RCB. A seguir passamos a verificar como os teóricos estudam as sílabas no âmbito da TO.

1.2.2 Teorias sobre a sílaba e a Teoria da Otimidade

Sobre o conceito de sílabas podemos afirmar que não temos na literatura um conceito definido, pelo menos no plano fonético, tendo em vista que os critérios para sua abordagem são variados. No entanto, pode-se dizer que a sílaba é uma unidade fonológica, e no que concerne à extensão está acima dos segmentos e abaixo da palavra.

No tocante aos critérios de caracterização de uma sílaba sob o ponto de vista fonético, torna-se possível afirmar que houve uma alternância entre os critérios expiratórios, articulatórios e acústicos, sem um ponto de acordo e sem definição exata. Por teóricos como Pike (1967) e Selkirk (1982) a sílaba foi abordada a partir da proeminência.

Camara Junior (1997, p.53) ratifica essa dificuldade de definição de uma sílaba do ponto de vista fonético: “Do ponto de vista fonético, tem sido árduo definir a sílaba. Tem-se partido do efeito auditivo, da força expiratória e do encadeamento articulatório.”

Camara Junior (1997) aponta, também, como ponto comum entre Saussure, Grammont, Passy, Stetson e outros, o movimento de ascensão, que culmina num ápice, seguido de um movimento decrescente, focalizados nessas diversas teorias.

Pike (1943, p.116) fez uma consideração de sílaba como uma unidade de movimento pulmonar¹⁶. A partir disso, é possível afirmar que Pike (1943) atribuiu critérios acústicos à sílaba.

Nas considerações de Ladefoged e Maddieson (1996, p.282) também não há uma definição de sílaba do ponto de vista fonético. E sobre a visão pikeana eles argumentam:¹⁷ “sabemos que as sílabas não são necessariamente associadas com um pulso no peito, mas foneticamente não tem sido possível sugerir uma alternativa definitiva das propriedades fisiológicas de uma sílaba.”

A sílaba, na concepção de Ladefoged e Maddieson (1996) determina-se como uma unidade fonológica exigida na organização e produção de enunciados. Para Ladefoged e Maddieson (1996, p.282) a sílaba é o elemento sobre o qual recai primeiro o padrão rítmico, é o primeiro domínio de aplicação de sequência de restrições e ambiente de co-articulações¹⁸, adentrando, então ao terreno fonológico.

Das teorias que cuidam da estrutura interna da sílaba são mais conhecidas a Autossegmental e a Métrica. Nos moldes da teoria Autossegmental Kahn (1976) desenvolveu uma representação silábica. E conforme cita Collischonn (2010, p.99) na sua representação a sílaba é um nó com o símbolo (σ), passando à sílaba ao *status* de “sequência máxima de segmentos dominados por um nó”.

A Fonologia Autossegmental constitui-se uma filiada à gerativa clássica, alguns de seus pressupostos são baseados no SPE. Porém a FA difere principalmente no fato de as

¹⁶ “A syllable is a single unit of movement of the lung initiator [...] syllables may also be called chest pulse”.(PIKE, 1943, p.116)

¹⁷ “We know that syllables are not necessarily associated with a chest pulse, but phoneticians have not been able to suggest an alternative definition of the physiological properties of a syllable” (LADEFOGED, MADDIESON, 1990, p.282).

¹⁸ “Syllable are identifiable as the primary domain over which sequential constraints apply, or coarticulatory adjustments can be made.” (LADEFOGED, MADDIESON, 1990, p.282)

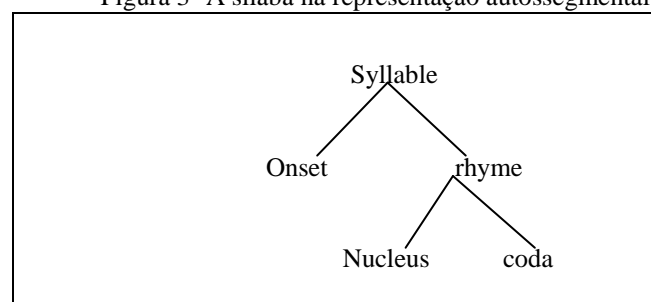
representações fonológicas consistirem em vários níveis paralelos independentes (GOLDSMITH, 1990, p.10).

Goldsmith (1990) apresenta a Fonologia Autossegmental como um modelo de análise não linear em que tanto os segmentos quanto as sílabas são organizações de traços. Nesse aparato não existe uma relação bijetiva, ou melhor, de um-para-um entre os segmentos. O conjunto de traços que caracteriza um segmento pode estender-se além ou aquém dele. Quando há o apagamento de um segmento não ocorre o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

A base da FA assenta num pressuposto de que existem níveis de representação, que estes correspondem às designadas camadas e que existem entre essas camadas as ramificações que as relacionam. As representações fonológicas na FA consistem em níveis paralelos independentes. No concernente à sílaba no âmbito autossegmental, ela é a unidade fonológica que controla a combinação de traços, tanto quanto regula a combinação de segmentos. A sílaba, sob esta perspectiva, não só é entendida a partir de sua estrutura interna, mas como o ambiente de organização dos segmentos e dos traços.¹⁹

Nessa concepção de Goldsmith (1990) a sílaba, na maioria das línguas, é representada por dois ramos: o onset e a rima. No primeiro estão os segmentos consonânticos e no segundo estão os segmentos vocálicos, os últimos os quais podem estar ladeados por uma consoante. O esquema abaixo representa a concepção:

Figura 3- A sílaba na representação autossegmental



Fonte: Goldsmith (1990, p.109)

¹⁹ “Syllable structure is hierarchical structure organized on the skeletal tier, and on no other tiers.” (GOLDSMITH, 1990 p. 109)

Segundo Goldsmith (1990, p.171) a Fonologia Métrica faz a representação silábica a partir de uma hierarquia. Parte da hierarquia das estruturas linguísticas para estabelecer as relações silábicas. Dessas relações silábicas derivará o acento que é hierarquicamente superior à sílaba, como afirma Goldsmith (1990, p.171)²⁰. As sílabas são representadas pela Fonologia Métrica como constituídas por ataque e rima. A rima poderá ser ramificada em núcleo e coda. As relações estabelecidas entre os elementos das sílabas são desiguais; há maior ligação entre o núcleo e a coda que entre o núcleo e o *onset*.

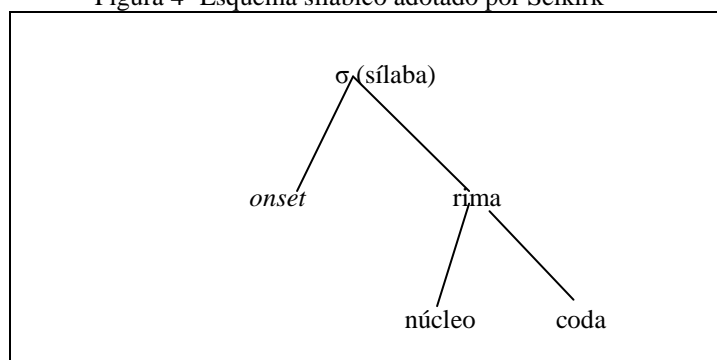
E em relação aos parâmetros de duração é que são classificadas as sílabas na Fonologia métrica. De acordo com isso elas serão leves ou pesadas. As sílabas leves são constituídas por um só segmento na rima, já as sílabas pesadas são as que possuem dois segmentos na rima; um núcleo e uma coda.

Do estudo e das afirmações de Selkirk (1982) emergem argumentos que tornaram relevante o estudo da sílaba: a sílaba é a unidade fundamental na descrição das restrições fonotáticas de uma língua; a sílaba é indispensável para a caracterização dos processos fonológicos e a sílaba é básica na compreensão do acento e do tom (SELKIRK, 1982, p. 337).

Deve-se, porém, mencionar que as noções sobre as sílabas embutidas no estudo de Selkirk (1982) provêm dos seus estudos da língua inglesa, porém dificilmente encontram-se estudos sobre a sílaba em línguas diversas que não abordam os de Selkirk (1982).

A teoria de Selkirk tem por base a ideia de que uma sílaba consiste necessariamente em um ataque (A) e em uma rima (R), podendo esta rima ser formada por um núcleo e uma coda, tendo então a seguinte representação esquemática:

Figura 4- Esquema silábico adotado por Selkirk



Fonte: Adaptado de Selkirk (1982, p.338)

²⁰ “First, syllable rhymes are organized into constituents called feet; feet in turn are organized into constituents that make up the phonological Word”. (GOLDSMITH, 1990, p.171)

Também decorre principalmente de estudos de Selkirk (1984) o estabelecimento de um dos entendimentos sobre a organização da sílaba no seu interior, de acordo com a sequência de sonoridade (SELKIRK, 1984). Tal entendimento diz respeito a poder relacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. E desse prisma, diz-se que ocupará o núcleo da sílaba o elemento mais sonoro e ocuparão as margens (ataque e coda) os menos sonoros²¹. Quando houver sequências de elementos, estes deverão apresentar sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Clements (1990) formulou a seguinte escala de sonoridade: as obstruintes têm²² menor sonoridade que as nasais, que por sua vez são menos sonoras que as líquidas, as quais são ainda menos sonoras que os glides, os segundos na escala, depois das vogais.

Quadro 4- Escala de Sonoridade

	V	G	L	N	O
Silábico	+	-	-	-	-
Vocoide	+	+	-	-	-
Aproximante	+	-	+	-	-
Soante	+	+	+	+	-
	4	3	2	1	0

Fonte: Alves e Keller (2010, p.65)²³

Ubiratã Alves e Tatiana Keller (2010, p.65) realizam um estudo, em português, sobre a sílaba na TO, fazendo referências aos mais conhecidos princípios universais para a boa formação silábica: a Condição de sequência de sonoridade (SELKIRK, 1984) que determina: em toda sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo, este é precedido por elementos de grau de sonoridade crescente e seguido por elementos de sonoridade decrescente; o Princípio de Maximização do Ataque (SELKIRK, 1982) em que uma sequência de consoantes entre

²¹ "In any syllable, there is a segment constituting a sonority peak that is preceded and/or followed by a sequence of segments with progressively decreasing sonority values" (SELKIRK, 1984: 116)

²² Alves e Keller (2010, p.110)

²³ In Bisol & Schwindt, Teoria da Otimidade: Fonologia (2010)

vogais é dividida de modo a maximizar o ataque silábico; a Lei do Contato Silábico (MURRAY E VENNEMANN, 1983) significando que em uma sequência heterossilábica, ou seja, a primeira sílaba deve ser preferencialmente mais sonora que a segunda e o Princípio da Distância Mínima (STERIADE, 1982 e SELKIRK, 1984). Os segmentos se combinam com base na sua distância, na escala de sonoridade.

Além desses princípios que se referem às condições dadas às sílabas pela sequência de sonoridade, Alves e Keller (2010, p.68) apresentam, ainda, em relação à formação silábica o Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986): todas as unidades prosódicas de um determinado nível devem pertencer a estruturas prosódicas hierarquicamente superiores. Desse princípio elaborado por Itô (1986) e exposto por Alves e Keller (2010, p.58) decorre que toda a sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, ou seja, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba. A epêntese e o apagamento concorrem para evitar a violação desse princípio nas línguas.

A Teoria da Otimidade proposta por Prince & Smolensky (1993) e McCarthy & Prince (1993/1995)²⁴ não elaborou uma teoria da sílaba, não propõe novos princípios representacionais, nem princípios universais de silabação. A TO resgata as teorias anteriores, assim sendo o analista tem liberdade de considerar uma para seu trabalho.

Porém, as restrições tomadas para se operar analiticamente com a TO estão estritamente relacionadas com a representação silábica que se adota, ou seja, depende da concepção de sílaba que se tem. Assim, buscamos para este trabalho de análise dos padrões silábicos das variedades de português da RCB a representação de Selkirk (1982)²⁵ que defende que sílabas possuem estrutura interna ramificada, podendo ser especificadas em diagramas arbóreos como os da sintaxe. Para ela a estrutura silábica possui dois âmbitos: no primeiro está o *onset*, no segundo a rima, dividida em núcleo e coda.

Para a análise dos padrões silábicos, a TO desenvolvida por Prince & Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993, 1995) aceita que a sílaba, ou seja, o nó (σ) deve ter um núcleo, sendo possível um *onset* à esquerda e uma coda à direita, sendo, porém, obrigatório apenas o

²⁴ Alves e Keller (2010, p.58)

²⁵ “The notion of the syllable that will emerge from this examination of English is therefore one of a hierarchical unit; an internally structured tree quite analogous to a tree representing syntactic structure.” (SELKIRK, 1982, p.337)

núcleo. Não há, então, proibição de sílabas com ou sem *onset*, mas para a ²⁶coda não se pode fazer a mesma afirmação, uma vez que existem línguas que não a aceitam.

No escopo da TO a ocorrência de padrões silábicos está controlada pelas restrições de Marcação e de Fidelidade. Existem, quanto à Marcação, duas restrições universais violáveis básicas no referente à estrutura da sílaba, cabendo a cada língua estabelecer o ranking dessas restrições. As restrições de Marcação responsáveis pela estrutura da sílaba são: *ONSET*, significando que as sílabas devem iniciar com uma consoante (ter *onset*); *CODA (NOCODA) significando que as sílabas não devem ter uma consoante no final (não ter coda).²⁷ Então concluímos, com base nos autores supracitados, que essas restrições são favoráveis ao padrão CV. E jungidas às restrições de Fidelidade vão dar conta dos padrões silábicos mais recorrentes nas línguas: CV; V; CVC e VC.

Enquanto as restrições de Marcação militam a favor de padrões menos marcados, as restrições de Fidelidade, por sua vez, se preocupam com a fidelidade *input/output* e trabalham para que não haja reparos como epêntese ou apagamento.

Prince & Smolensky (1993) nomearam as restrições que cuidam da relação do²⁸ *input/output* com PARSE, FILL, depois, vendo na correspondência dos termos algumas limitações, McCarthy & Prince (1993) substituíram-nas por MAX, DEP I/O, respectivamente. Então, no decorrer das análises nos *tableaux* as restrições de Fidelidade serão expressas por: MAX I/O a que trata da idêntica correspondência dos segmentos e traços do *input* no *output*, ou seja, determina: não apague! E DEP I/O a que trata da mesma correspondência do *input* no *output* e a qual significa: “não insira!”

Assim, ao ocorrer um padrão silábico CV (o mais aceito nas línguas naturais em geral) temos: *ONS,*CODA* >> {MAX, DEP}: a Marcação domina a fidelidade. Sílabas, preferencialmente, não têm coda, e devem ter *onset*. Se ocorrer o padrão silábico V

²⁶ “Universally Optimal Syllables: No language may prohibit the syllable CV. Thus, no language prohibits onsets or requires codas.” (PRINCE & SMOLENSKY (2002, p.98)

²⁷ “The Basic Syllable Structure Constraints, which generate this typology, divide notionally into two groups. First, the structural or markedness constraints those that enforce the universally unmarked characteristics of the structures involved: **ONS** A syllable must have an onset. **COD** A syllable must **not** have a coda.”(PRINCE & SMOLENSKY, 2002, p. 93)

²⁸ Pode-se ler em Alves & Keller (2010, p.69)

significará: {MAX, DEP} >> *ONSET*: Fidelidade dominando Marcação, sílabas só com núcleo são possíveis. Assim, não se insere segmentos para reparar a ausência do *onset*. E caso ocorra o padrão CVC entende-se: ONS>>{MAX,DEP}>>NOCODA: A marcação está intermediada pela fidelidade que domina a coda. O *onset* deve existir, mas a fim de que não se apague elementos a coda permanece.

Ao ocorrerem os padrões CVC, VC e V numa dada língua significa que há o domínio total da restrição de Fidelidade: {MAX, DEP} >>ONS, *CODA e entende-se: as sílabas CV são as mais bem formadas, mas, as sílabas com coda são permitidas, as sílabas só com núcleo também são permitidas e sílabas sem *onset* são possíveis. (ALVES e KELLER, 2007, p.71-72).

Além das restrições de Marcação militantes para que o padrão CV ocorra, há as restrições que militam para que ataques de sílabas não contenham mais de uma consoante, sendo que a restrição designa-se NOCOMPLEX^{onset} (*COMPLEX^{onset}) e para que as sílabas não tenham codas ramificadas NOCOMPLEXcoda ou *COMPLEX coda.

A TO mostrou que as formas subjacentes não se norteiam por condições rígidas e que os *outputs* violam restrições passíveis de serem violadas, em busca de padrões menos marcados. E com essa noção a TO foi usada no âmbito deste trabalho, como um modelo de análise de *outputs* gerados pelos falantes de português da região de Campos Belos (GO) no que concerne aos padrões silábicos.

Como o nosso objetivo maior é analisar as sílabas e os segmentos que estão no início e no final (principalmente) dos padrões silábicos, no tangente ao comportamento das consoantes líquidas tendo como ponto de partida os padrões do português em geral, o próximo capítulo apresenta estudos sobre esses aspectos dessa língua.

II CAPÍTULO

O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com o intuito de apresentarmos os pontos que estão em discussão neste trabalho, neste capítulo retomaremos estudos anteriores sobre o PB que podem nortear nossas concepções no decorrer do estudo das variedades da RCB.

A língua portuguesa no Brasil, embora tenha como matriz o português europeu, possui características próprias, sua fonologia tem aspectos particulares e bem por isso é alvo de estudos cada vez mais frequentes. As alofonias vocálicas e também consonantais concorrem para classificações dialetais não muito bem demarcadas ainda. Como este estudo se dá sobre fatos linguísticos consonânticos nas sílabas, nos atemos, inicialmente, ao conjunto de variantes das consoantes em geral, das consoantes líquidas: a lateral /l/ e as róticas na posição de *onset* e coda das sílabas e em sequência atemo-nos sobre as considerações acerca dos padrões silábicos do PB e outros quesitos de que tratamos no desenvolvimento deste trabalho.

2.1 Os segmentos consonantais do português brasileiro

Tanto o número de segmentos, quanto a realização dos segmentos consonânticos do PB são alvo de estudos e discussões. No tocante ao número das consoantes do português brasileiro, buscamos as considerações de Camara Junior (1997, p.48). Ele parte da posição e da oposição estabelecida por elas para afirmar que as consoantes do português são dezenove em posição de primeira consoante da sílaba. Para ele, os segmentos consonantais da língua portuguesa são: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /s'/ /z'/ /m/, /n/, /l/, /l/, /r/, /r'/. Essas consoantes ao compartilharem certas características compõem classes, como a classe das líquidas.

Tendo o nosso estudo um foco nas consoantes líquidas róticas (sons de 'r') e lateral /l/ para a análise das restrições de Marcação e Fidelidade convém apresentar algumas considerações sobre elas.

A questão das líquidas não é bem definida na literatura, mas consideraremos, tendo em vista os estudos abaixo citados, que a classe das consoantes líquidas compõe-se da lateral o [l] e dos sons róticos [R], [r] e [r]. Essas consoantes são assim chamadas devido à suscetibilidade de combinarem com outras consoantes, como as oclusivas orais sonoras [b, d, g], as oclusivas

orais surdas [p, t, k] e com a fricativa surda [f]. A lateral [ʎ] também é uma líquida, porém sua combinação é restrita.

Segundo Trennephol (2006, p.16) em Chomsky e Halle (1968), na Teoria de Traços Distintivos, as líquidas aparecem como sons detentores de três tipos de traços capazes de distinguirem classes, assim, as líquidas são soantes, consonantais e silábicas. Uma característica inerente às líquidas considerada pela mesma Teoria dos Traços Distintivos é o de assumirem alguns traços vocálicos.

Deste modo, entendemos que por compartilharem certos fenômenos e por apresentarem recorrência em certas posições dos padrões silábicos, as consoantes líquidas formam uma classe fonológica.

Voltando a atenção para uma definição de segmentos róticos, Ladefoged e Maddieson (1996, p.215) afirmam que os sons de ‘r’ são geralmente rotulados de ‘róticos’, tendo por base que todos esses “sons” são representados pelo ‘r’ na escrita. Mas que os róticos compõem uma classe definida por uma propriedade articulatória ou auditiva. Ladefoged e Maddieson (1996, p.216) fazem a demonstração desses róticos: [r, ɾ, ɹ, ʀ, ʁ, ʁ̥, ʁ̥̥, ʁ̥̥̥, ʁ̥̥̥̥].

Verifica-se no âmbito do PB que o nome *rótico* é mesmo dado como uma designação genérica para os sons de ‘r’. Hora (2009, p.38) apresenta um quadro envolvendo todos os ‘sons de r’, inclusive o glotal [h], não apontado por Ladefoged e Maddieson (1996). Hora (2009) ratifica, em nota, que todas as variantes das vibrantes são denominadas de róticas, inclusive a fricativa velar. E assim o faremos, designaremos ‘rótico’ todos os sons de ‘r’.

Para este trabalho, cujo objetivo é chegar à descrição das sílabas das variedades de português existentes em Campos Belos (GO) com as sílabas constituídas com a líquida lateral e as róticas, descrevemos alguns trabalhos sobre as consoantes líquidas e róticas em geral, relevantes para nossa observação.

No estudo de Camara Júnior “Para a fonêmica da língua portuguesa (1953)” ele identifica 18 consoantes e as sete vogais tônicas com destaque para líquida /r/ e suas variantes no PB, afirmando que há mesmo uma vibrante forte no PB e que os demais sons são alofones. Na versão posterior reconheceu dezenove consoantes, apontando dois fonemas vibrantes no ambiente intervocálico: a vibrante múltipla e a vibrante simples.

Partindo dos estudos de Camara Junior, temos o estudo conjunto de Monareto, Quednau e Hora (In BISOL, 2010, p. 203) apresentando para o /r/, no sistema consonantal do PB, na posição pós-vocálica, uma variante velar [x], uma uvular [R] e o faríngeo [h]. Quanto ao

/l/ mostram uma líquida palatalizada (como em *mal* e *balde*) e uma variante posterior (alofonia posicional) velar ou vocalizada [ɫ] ou [w].

Esse trabalho conjunto de Monareto, Quednau e Da Hora (2010, p. 205) apresenta a visão gerativa de Lopez (1974) sobre o PB. Consoante com Lopez (1974) determina-se para a consoante /r/ em posição final um fricativo velar [x] para o português do carioca e outros “estágios intermediários” preservados em outros “dialetos” do português.

O estudo de Trennephol (Estudo do rotacismo: variação entre consoantes líquidas, 2006, p.16) atribuiu aos segmentos líquidos do PB uma característica de grande variação alofônica: “Além de ser muito comum a substituição entre róticos, também é corriqueiro um rótico alternar com um segmento lateral.” (TRENNEPHOL, 2006, p.16).

Mas não só as consoantes líquidas possuem variantes no sistema do PB. Há outros indicadores de variedades no PB, apresentados por estudiosos diversos, como veremos a seguir.

Entre os estudos recentes sobre o PB também temos Paggoto (2005) que destaca, enquanto a realização dos segmentos quatro indicadores fonológicos para o PB: a realização das vogais pré-tônicas; a realização de /t/ e /d/ diante de [i]; a realização de /s/ em final de sílaba; a realização de /l/ em final de sílaba. Segundo Paggoto (2005), esses mesmos segmentos entram nas diferenciações de regiões dialetais brasileiras.

De Paggoto (2005) tomaremos as partes em que ele trata do /l/ em final de sílaba. E sobre o /l/ Pagotto (2005) afirma que ele é o menos variável, entre os demais segmentos variáveis no PB. Também reitera que esse segmento realiza-se velarizada mais para o sul do país e nas demais partes do país vocalizada [w].

Outro estudo sobre o PB é o de Noll (2008). Esse estudo se realiza enfocando as diferenças entre o português brasileiro e português de Portugal, tratando das ocorrências dos segmentos da língua portuguesa na fala dos brasileiros.

Ao descrever o segmento /r/ no PB, Noll (2008, p.69) afirma que a sua variação apico-alveolar limita-se à posição intervocálica, devendo ao fato da velarização que não se restringe, segundo ele, ao /r/ inicial, mas se estende ao /r/ implosivo em muitos lugares do Brasil. O flap alveolar, na posição pré-consonantal ocorre tipicamente em São Paulo. Na posição final o /r/ enfraquece e tende a não se realizar nas variantes populares. Noll (2008) diz que em São Paulo, no Sul de Minas, Mato Grosso do sul, Mato Grosso e em “Goiás” ocorre, sobretudo, uma variante retroflexa [ɾ] do /r/.

Sobre o /l/, Noll (2008, p.74) afirma que no PB se mantiveram [l] e [ɫ] antes de vogal e que o /l/ “implosivo” sofreu uma vocalização exemplificando com [aʉtu], [maʉ], apontando também a vocalização do /l/ final.

Mas, sabe-se que não só as consoantes podem realizar de diferentes modos nas línguas, as vogais são tão variáveis quanto são as consoantes, ainda mais em uma língua como a portuguesa que é falada em uma grande extensão territorial com diferentes influências como é o Brasil.

Há uma prevalência das vogais pré-tônicas como referência na identificação do português falado no Brasil e para as variações e demarcações dialetais. Foi também a partir delas que Antenor Nascentes, em 1953, definiu os dois grupos dialetais, segundo ele existentes no Brasil: o do Norte e o do Sul. Essa consideração teve como base a abertura ou não dessas pré-tônicas, por esse motivo abordamos as vogais, mas bem rapidamente.

Camara Junior (1997, p.42-44) elaborou um quadro de vogais para a língua portuguesa do Brasil definido de acordo com a posição da sílaba a que pertencem, em relação à tonicidade da palavra e mutáveis dependendo do processo de neutralização que sofrem. Segundo Camara Junior, as sete vogais tônicas se reduzem a cinco na posição pretônica (/a/, /o/, /e/, /u/, /i/), a quatro em posição postônica não-final (/a/, /e/, /i/, /u/) e a três na posição átona final (/a/, /i/, /u/). Claro que essa classificação foi feita com base no dialeto culto carioca, há fortes possibilidades de não ser funcional em todo o território nacional brasileiro.

Dermeval da Hora (2009, p.19) também corrobora com a idéia de que os “dialetos” das regiões Norte e Nordeste caracterizam-se pela realização das vogais médias abertas, mais do que as fechadas na posição pré-tônica. Segundo da Hora (2009, p.19) os “dialetos” do Sudeste e Sul caracterizam-se pelas vogais fechadas, embora nos alerte para não sermos categórico ao afirmar isso, porque em alguns lugares há mudança na realização.

No tangente às vogais no português do Brasil, são conhecidos os fenômenos como o “alçamento”, a “neutralização” em alguns falares. Porém, para essas marcas “dialetais” brasileiras no tangente às vogais, Pagotto (2005, p.4) faz destaque das pré-tônicas.

A seguir voltamos nossa atenção aos estudos que podem referenciar os nossos, quanto à verificação dos padrões silábicos.

2.2 Os estudos sobre os padrões de sílabas do português

Tendo as sílabas como agrupamentos dos segmentos, organizados obedecendo alguns princípios, consideramos fatos inerentes as ocorrências dos segmentos e a formação

silábica. Os estudos mais destacados sobre a sílaba do português brasileiro são os de Camara Júnior (1977), no âmbito estruturalista pode-se dizer que o precursor. Há também os de Leda Bisol (1999, 2010) e os de Collischonn (2010) a serem considerados. Na perspectiva da TO, temos como referência Alves e Keller (2010)

Antes, porém, de adentrar nas considerações sobre padrões de sílaba do português, faz juz esclarecermos o que se entende por molde e padrões silábicos. Collischonn (2010 p.105) esclarece que é molde: “molde é uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua”. Mas como conceito de padrões Collischonn (2010, p.105) deixa apenas subentendido que são os tipos de sílabas encontrados em uma língua.

Collischonn (2010, p.115) retoma as considerações de Camara Junior, dizendo: “Camara Jr. não faz um estudo propriamente dito do molde silábico português. Entretanto, podemos deduzir o molde silábico subjacente a sua análise.”

Collischonn (2010) se refere ao fato de Camara Júnior (1997, p.53) ter conferido um molde à sílaba do PB com um aclave, um ápice e um declive, sendo que um aclave poderia ser constituído por uma ou duas consoantes, o ápice constituído por uma vogal e o declive por uma consoante.

Encontramos em Collischonn (2010, p.15), as referências de sílaba em português, compondo elas um conjunto de treze padrões: V, VC, VCC, CV, CVC, CVCC, CCV, CCVC, CCVCC, VV, CVV, CCVV, CCVVC.

Uma vez que a Teoria da Otimidade lida com os fatos de apagamento e inserção na análise dos recursos de otimização da sílaba, desde a proposta original de Prince e Smolenky (1993), McCarthy & Prince (1993), abordaremos esses processos na seção que segue.

2.3 O apagamento e a inserção na língua portuguesa

Na língua portuguesa o apagamento e a inserção são atuantes desde sua origem e eles constituem reparos para as sílabas. Os reparos ocorrem em codas, ataques complexos e ainda ressalibificam palavras em um enunciado. Não estamos aqui fazendo considerações sobre estágios da língua em que os processos contínuos vão causar mudança linguística, pelo contrário, estaremos analisando quais são as restrições que regem o apagamento ou a inserção no interior da sílaba, ou seja, a serviço de qual restrição estará tal reparo.

O apagamento de segmentos, por exemplo, na formação dos vocábulos da língua portuguesa é frequente, como já dito. Alves & Keller (2010) apontam-no como atuante na boa formação silábica nas línguas em geral.

Compreendemos também que, além disso, atuam também na otimização vocabular, como transformar proparoxítonos em paroxítonos os quais são os vocábulos ótimos da língua portuguesa. Tanto os segmentos vocálicos quanto os consonantais cedem ao apagamento, no que concerne à diacronia tanto quanto à sincronia da língua portuguesa.

Para esclarecer os fatos de apagamento e inserção tomaremos as afirmações de Ismael de Lima Coutinho (2005). Porém, não usaremos as nomenclaturas dadas por Coutinho (2005, trataremos apenas de apagamentos e inserção. Cuidamos primeiro do apagamento.

Segundo Coutinho (2005, p.147) o apagamento pode-se dar no início, no meio e no final do vocábulo. Há ainda, o apagamento de uma sílaba inteira, por meio de um segmento que se apaga por ter outra sílaba idêntica na palavra.

O apagamento pode ocorrer no final do vocábulo. O apagamento do segmento do fim da sílaba final, por exemplo, pode acontecer com fonemas de marca de plural, mas não só com eles.

No domínio da fonologia faz-se uma única denominação considerando que todos são apagamentos. No âmbito deste estudo não são considerados processos evolutivos, são, porém, considerados constitutivos dos padrões silábicos menos marcados.

Consoante com Alves e Keller (2010, p. 69) os apagamentos de segmentos são militantes para a ocorrência do padrão CV em todas as línguas. Além do mais, os apagamentos estão previsto no Licenciamento Prosódico proposto por Itô (1986): toda cadeia fonológica deve ser exaustivamente silabada. Assim, todos os segmentos não incorporados ao *template* silábico são segmentos apagados, em termos de *output*.

Tratamos desse assunto do apagamento por compreendê-lo como fato linguístico bastante aparente com líquidas e róticas nas variedades de português em questão, nesta pesquisa, também com outros segmentos.

No domínio da TO, a inserção da mesma forma que o apagamento, constitui-se uma de violação de restrições sempre que palavra apresentar sílabas não **ótimas**. No caso da língua portuguesa e das variedades de português a inserção também reparam as sílabas marcadas, na busca de padrão silábico **ótimo**.

Falando em inserção, pode-se descrever no PB, com base em Coutinho (2005, p. 148), a inserção na sílaba do início, do meio e do final, o nome mais conhecido para a inserção é *epêntese*, que se constitui pela inserção de segmentos nas sílabas do meio da palavra. Há, também, o acréscimo de último segmento da palavra e de um primeiro.

A inserção, às vezes também acontece proporcionando a ressilabificação.

Podemos afirmar que a Teoria da Otimidade tem o apagamento e a inserção como fator de otimização das sílabas ou do item lexical de uma determinada língua.

Verificaremos, nas análises vindouras, em que contexto esses reparos estarão agindo na otimização das sílabas das variedades de português que ora descrevemos, por ora falaremos sobre os segmentos e as posições ocupadas por eles, no que concerne à língua portuguesa.

2.4 Os *onsets* (ataques) do português brasileiro

A designação *onset*²⁹ é usada em fonologia para as consoantes que posicionam no início de uma sílaba, ou seja à esquerda do núcleo. Essas consoantes podem ocorrer sozinhas ou em grupo. No primeiro caso formam *onsets* simples, no segundo *onsets* complexos.

Os *onsets* simples da língua portuguesa são representados pelas dezenove consoantes como corroboram Camara Junior (1997) e Dermeval da Hora (2009). No PB existe a restrição para o /k/ e /p/ que só se realizam em sílabas do meio, a não ser que sejam palavras com origem em outras línguas. E muitas dessas consoantes, menos as palatais combinam com as líquidas /r/ e /l/ na formação de *onsets* complexos.

A literatura da área, em geral, aponta que variações das consoantes do PB nessa posição estão restritas ao [t] ~ [tʰ] ~ [tʃ] e o [d] ~ [dʰ] ~ [dʒ], geralmente no contexto de [i] ou [j].

Quanto aos *onsets* complexos do português, Collischonn (2010) nos apresenta um quadro formado por obstruintes e líquidas. As obstruintes estarão na primeira posição e as líquidas na segunda. No entanto, Collischonn (2010) alerta que nem todas as sequências de obstruintes e líquidas podem dar certo. Pois, quanto a sonoridade o português deve apresentar uma distância maior ou igual a dois entre os segmentos de um ataque complexo. Com base no exposto, traça-se o quadro dos ataques complexos possíveis em português:

Quadro 5- quadro dos *onsets* complexos em português

	Obstruinte + /l/	obstruinte + /r/
Labiais	pl,bl, fl,*vl,	pr,br,fr,*vr
Alveolares	tl,*dl,	tr, dr,
Palatais	Não permitidas em Português	
Velares	kl, gl	kr, gr

Fonte: Adaptado de Collischon (2010, p. 107)

²⁹ Optamos pela palavra *onset* por ter uso mais acentuado que *ataque* nos estudos Fonológicos atuais.

De acordo com Collischon (2010) os grupos de ataques marcados por um asterisco exige algumas observações: o grupo “vl” ocorre com mais frequência em sílabas internas; em iniciais só em nomes próprios como Vladimir. O “vr” não ocorre em iniciais, segundo Collischonn (2010, p.108).

Então, segundo Collischonn (2010), dessas vinte e quatro combinações apenas quatorze são de boa formação e dez passíveis à restrições colocacionais. Consideram-se as combinações /pr/, /pl/, /br/, /bl/ /tr/ /tl/ /dr/, /kr/ /kl/, /gr/, /gl/ /fr/, /fl/, /vr/ como bem formadas, e, por isso funcionam em qualquer posição dos itens lexicais da língua portuguesa. E as formações /dl/, /vl/, /sr/, /sl/, /zr/, /zl/, /ʃr/, /ʃl/, /ʒr/, /ʒl/ não são atestadas para a língua portuguesa, segundo Collischonn (2010, p.107).

As especificações dos traços de consoantes em situação de *onset* complexo é denominada por Bisol (1999) como Condição Positiva do Ataque Complexo. Este atua na inibição de sequências mal formadas como /sr/, /xl/ e também de platôs (sequência de sonoridade plana) como em *pneumonia*. Vejamos a seguir as codas no âmbito do PB.

2.5 As codas nas sílabas do português brasileiro

Os estudos já desenvolvidos ratificam que no padrão VC e CVC da língua portuguesa alguns segmentos podem ocorrer no travamento da sílaba, são elas: [S, N, r, l] e também os segmentos aproximantes [j] e [w]. A seguir detalhamos alguns.

Do estudo conjunto de Monaretto, Quednau e Da Hora (2010) vem a afirmação que o segmento ‘r’, pode realizar-se de muitas maneiras nas variedades de português: como o retroflexo [ɾ], como o glotal aspirado [h] ou como fricativo velar [x] quando o contexto silábico é o meio da palavra. Pode realizar-se como retroflexo [ɾ], uvular [R] ou tepe (flap) [ɾ] quando o contexto é o final da sílaba ou mesmo não ser articulado nessa posição, ou seja, pode ser apagado.

Dermeval da Hora (2009) cita, ao fazer considerações sobre as codas no PB, Chaves de Mello (1976) e Marroquim (1945). Hora (2009) mostra que para esses o apagamento do rótico é um processo que pode atingir até mesmo as codas de sílabas internas. Hora (2009) cita ainda Jucá Filho (1937) que aponta a nasalidade responsável pelo apagamento do rótico em coda. Hora (2009) apresenta um estudo de Oliveira (1983)³⁰, em João Pessoa (PB) em que

³⁰ OLIVEIRA, Marco Antônio: *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania.1983.

se registra o fato do apagamento de róticos como: mais saliente no final da palavra que no meio; mais comum em verbos que em não verbos; mais presente em falantes da classe mais baixa. Esse mesmo estudo, segundo Hora (2009) demonstrou o contexto fonológico seguinte como o mais saliente para o apagamento, sendo o elemento seguinte uma consoante, essa motivará o apagamento e sendo vogal ocorrerá um tepe.

Dermeval da Hora (2009) cita como possibilidades de realização para a lateral /l/ a sua variante [w]. Segundo Hora (2009) essa consoante é mais frequente de norte a sul do país apagada [ø] como em [a'zuø]. O autor cita o “u” como segmento antecedente do apagamento da líquida. Hora (2009) justifica o fato devido a impossibilidade de se realizarem dois segmentos idênticos [uw] na mesma sílaba.

No tocante à lateral /l/ em situação de coda silábica em português pode-se dizer com base em Collischonn (2010) que quando se realiza é vocalizada [w] ou velarizada [ɫ].

Segundo Camara Júnior (1977), consoantes em final de sílaba do português, como vimos tratando ao longo do trabalho, em situação de coda, são as líquidas como em; “mar e mal” e as fricativas não labiais como em “basta rasgo”. Nessas condições, os segmentos /S/, /N/, /l/, /r/ formam o quadro das consoantes portuguesas em posição posvocálica, ou seja, em posição de coda. Lembrando que o /S/ e /N/ para Camara Júnior (1977) são *arquifonemas*, ou seja, fonemas que perderam a sua capacidade distintiva.

Segundo Bisol (1999) as codas podem acontecer, na língua portuguesa, com uma só consoante, mas também com duas, neste último caso denominada de coda ramificada ou complexa. Nesta ramificação podem co-ocorrer os segmentos “ks”(na escrita o x), “ns”, “rs”.

Assim, fica explícito que a língua portuguesa aceita sílabas com coda ramificada, mas estabelece condições para elas. A essas condições denomina Condição de Coda. Assim, entende-se que é possível a ramificação da coda, desde que o segundo elemento seja [s].

Muitos casos de coda ramificada ou complexa são solucionados pelo falante com a inserção de segmentos (epêntese) ou pelo apagamento, adequando as sílabas ao padrão menos marcado.

Bisol (1999) também menciona o princípio do Afrouxamento de Coda, quando ocorrem consoantes obstruintes (oclusivas e fricativas) em condição de coda, de algumas e poucas palavras portuguesas, como *opção, oftalmologia, dignidade*.

Como vamos analisar uma parte do português falado em Goiás, passamos, em seguida a apontar os estudos verificados por nós.

2.6 O português falado em Goiás

Como o exposto no início deste trabalho, o Estado de Goiás ainda é um estado em desenvolvimento, mais ainda no referente à região nordeste, dedicado à agricultura e à pecuária. O seu desbravamento não se deu de maneira uniforme e o seu desenvolvimento só alavancou-se com a construção de sua atual capital Goiânia na década de 30, e da cidade de Brasília sobre parte de seu território, na década de 60.

Há informações³¹ de que na parte de terras goianas de divisa com os estados de Tocantins e Mato Grosso há povos bilíngues (falam karajá e português) que fazem uma variedade de português com partes da língua dos povos Karajá. Também é conhecido que mais ao sul do estado, já na divisa com o estado de Minas Gerais, recebendo influências do Triângulo Mineiro, há o que se chama popularmente de um /r/ caipira determinando o “sotaque” goiano.

O estudo de Tânia F. Resende Santos (Falares rurais goianos, UFG, 2004) traça um perfil do falante caipira, definindo para esse três padrões fonético-fonológicos: o “r” retroflexo [ɾ], o /ʁ/ vocalizado, ou seja, despalatalizado: palha > [paja], e as consoantes líquidas /r/ e /l/ em permuta (rotacismo).

Segundo Santos (2004), essas são as características dos falares rurais brasileiros. Mas, ela mesma deixa claro que pelo menos o “r” retroflexo [ɾ], não caracteriza a fala do centro-norte goiano, estando esse “r” mais próximo do entorno da cidade de Niquelândia (GO), cidade de recepção dos imigrantes mineiros.

Entre os estudos sobre a fala em Goiás encontra-se o de Gerusa de Souza Graebin (2008). Este estudo se dá sobre /e/ e /o/ pretônicos, uma comparação entre Formosa (GO) e Brasília (DF). Nele a pesquisadora questiona a inserção da região de Formosa (GO) e também Brasília (DF) no *dialeto baiano*, feita por Nascentes (1953). O abaixamento das vogais pretônicas seria um dos critérios adotados por ele para determinar o “falar baiano”. Porém, nos dados coletados por ela havia sim alguma ocorrência dessas pré-tônicas, mas nunca o suficiente para tal caracterização, como na cidade de Salvador, por exemplo.

Assim, pelo menos no tocante a essa característica e pelo estudo apresentado por Graebin (2008) não se deve dizer que o Norte do estado de Goiás tem um “falar baiano”. Isso

³¹ Manuel Ferreira Lima Filho, Fonte: Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil , <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karaja/print>.

seria restringir a uma única característica muitas variedades de português, no sentido da fonética e da fonologia.

Há ainda o estudo de Sirlene Antônia Rodrigues Costa (UFG, 2005) sobre a língua falada em Corumbá (GO), cidade turística, bem próxima de Goiânia, sobre a conservação da nasalidade em vocábulos como [lũa, ãa, argũa]

Diante desses estudos, ficou evidente que se há crença de que a fala em Goiás é generalizadamente caipira essa crença não condiz com os nossos dados, ainda mais se levarmos em conta as características citadas para as variantes “caipiras” ou rurais do PB.

Os dados coletados junto aos falantes das variantes selecionadas para este estudo também permitem dizer que necessitamos de pesquisas atualizadas e criteriosas, a fim de que possam descrever as muitas variedades fonético-fonológicas do PB em Goiás e na região Centro-Oeste.

Propondo desenvolver parte dessa tarefa debruçamo-nos sobre as variedades da língua falada na região de Campos Belos. Veremos no capítulo seguinte como se realizam os segmentos e as sílabas em cada uma dessas variedades estabelecidas no âmbito deste estudo.

III CAPÍTULO

ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS VARIEDADES REGIONAIS

O presente capítulo objetiva a descrever os segmentos encontrados na posição de *onset* das sílabas em cada uma das variedades, quais são os padrões silábicos de cada variedade, as codas das sílabas mediais e das sílabas finais e quais são as convergências e divergências entre todas as variedades, nesses aspectos. Algumas variações subfonêmicas serão pontuadas na descrição a seguir.

Logo abaixo especificamos as variedades.

3.1 As variedades

As variedades linguísticas em análise e descrição são quatro. Assim, apresentam-se, a seguir, os levantamentos fonéticos das variedades regionais a saber: da variedade A que tem como integrantes pessoas das comunidades Kalunga, com características sociais de pouca escolarização e com interação mais restrita às comunidades em que vivem; da variedade B, com sujeitos de pouca escolaridade e restrita interação regional; da variedade C formada por pessoas de média e alta escolaridade e bom nível de interação no âmbito regional, com alguns contatos familiares em outras regiões, leituras diversas, por redes sociais e outros meios proporcionados pela mídia; da variedade D que se constitui por pessoas de escolaridade variada indo do ensino fundamental ao Mestrado, porém com alta interação social, seja pelas atividades que exercem ou pelo contato com pessoas no âmbito regional tanto quanto extrarregional, mantidos por outros motivos.

Na variedade D podem ser verificados dois subgrupos: DT (pessoas tradicionais do lugar, de alta escolaridade) e DE (emergentes de escolaridade variada). O grupo DT caracteriza-se por realizar leitura intensa de diversos gêneros textuais, contato rotineiro com o mundo acadêmico, pelo ir e vir pelas várias outras regiões do país, ou mesmo pelo modo de trabalho. O outro grupo (DE) caracteriza-se pelos contatos regionais e extrarregionais intensos estabelecidos por suas atividades, como o comércio.

Dando sequência ao trabalho, realizamos o detalhamento da variedade A.

3.1.1 Variedade regional A

Como vimos na seção 3 da Introdução deste trabalho, as comunidades quilombolas em Goiás de onde provêm os dados dessa pesquisa, estão situadas nos municípios da Chapada dos

Veadeiros, mais precisamente nos municípios de Monte Alegre, Cavalcante, Terezina e Campos Belos. Os dados deste trabalho foram coletados nas falas de pessoas das comunidades mais próximas de Campos Belos, principalmente nas comunidades do município de Monte Alegre, com falantes que estão em uma faixa etária de cinquenta a oitenta anos.

Convém lembrar que esses dados da variedade A foram obtidos em vídeos disponíveis na internet, com os falantes do sexo masculino: João, Rosalino, Tosinho, Zélio e um falante cujo nome não aparece no vídeo de onde provém e a quem nomearemos de PFNH (Primeiro falante do vídeo ‘Nossa História nossa liberdade’). Do sexo feminino abordamos as falas de Cinésia, Dainda, Leonilda, Procópio e Zenira.

3.1.1.1 Segmentos consonânticos da variedade A

Determinamo-nos a fazer, neste capítulo, uma descrição do quadro de consoantes de cada variedade, assim apresentamos os segmentos consonânticos encontrados nos nossos dados da variedade A - Kalunga, no quadro abaixo³².

Quadro 6- Segmentos consonânticos da variedade A

		PONTO DE ARTICULAÇÃO						
		Bilabiais	Labiodentais	Pós-dentais	Palatais	Velares	Glottais	
MODO DE ARTICULAÇÃO	Oclusivas	su	p		t		k	
		so	b		d		g	
	Oclusivas palatalizadas	su			tʃ			
		so			dʒ			
	Africadas alveo-palatal	su			tʃ			
		so			dʒ			
	Fricativas planas	su		f			x	h
		so		v				
	Fricativas côncavas	su			s	ʃ		
		so			z	ʒ		
	Nasais		m		n	ɲ		
	Tap ou flap				r			
	Laterais				l	ʎ		
	Aproximantes		w			j		
Aproximante retroflexa				ɭ				
Aproximante nasal					ɥ			

Fonte: Elaborado pela autora

Especificamos na sequência as propriedades dos fones e fornecemos um exemplo de ocorrência em *onset* para cada um.

³² Organizado de acordo com a proposta de Grannier e Alves (manuscrito), no qual são apresentados primeiramente os modos de articulação que distinguem consoantes surdas e sonoras.

[p] oclusivo bilabial surdo	[pu'dʒia] 'podia'	(Rosalino)
[b] oclusivo bilabial sonoro	['buxu] 'burro'	(João)
[t] oclusivo pós-dental surdo	[s'tɔra] 'história'	(Procópio)
[tʰ] oclusivo palatalizado surdo	['tʰja] 'tinha'	(Leonilda)
[d] oclusivo pós-dental sonoro	['dehnaki] ' desde que'	(Tosinho)
[dʲ] oclusivo palatalizada sonoro	[dʲi'fisʉ] 'difícil'	(João)
[k] oclusivo velar surdo	[xakwẽ'si] 'já conheci'	(Tosinho)
[g] oclusivo velar sonoro	[a.lu'gɛ.ɫʉ] 'aluguel'	(Dainda)
[tʃ] africado pós-dental surdo	['mũjtʃa] 'muita'	(Procópio)
[dʒ] africado pós-dental sonoro	[pu'dʒia] 'podia'	(Rosalino)
[f] fricativo labiodental surdo	[fej.'zãw] 'feijão'	(João)
[v] fricativa lábio-dental sonoro	['tavɛ̃n] 'está vendo'	(João)
[s] fricativo pós-dental surdo	[su'bidʷ] 'subida'	(João)
[z] fricativo pós-dental sonoro	['kojza] 'coisa'	(João)
[ʃ] fricativo palatal surdo	['ʃega] 'chega'	(Zélio)
[ʒ] fricativo pós-dental sonoro	['ozi] 'hoje'	(Rosalino)
[x] fricativo velar surda	['buxu] 'burro'	(João)
[m] nasal bilabial sonoro	['mejʰ] 'meio'	(PFNH)
[n] nasal pós-dental	['noʉ] 'novo'	(Procópio)
[ɲ] nasal palatal	[kũ'ɲaɟʉ] 'cunhado'	(Cinézia)
[l] lateral pós-dental	['lus] 'luz'	(Leonilda)

Encontram-se nesta variedade variações subfonêmicas, no que concerne aos *onsets*. Como em outras variedades de português, os segmentos consonânticos que ocorrem em *onset* de sílabas iniciais de palavras não incluem as líquidas [ʎ] e [ɾ] nem a nasal [ɲ], que ocorrem apenas em *onset* de sílabas mediais.

Encontra-se nos nossos dados na fala da informante Dainda, a ocorrência da palavra [fi:] (filho), onde se esperaria a ocorrência da palatal [ʎ], mas que não se realiza. Há também a variação entre [ɲ] e [j], como nos exemplos ['tʰja]~['tʰjɲũ] 'tinha um (Leonilda, Rosalino).

Os segmentos [dʲ] oclusiva palatalizada sonora e [dʒ] africada pós-dental sonora ocorrem em variação livre quando precedidos por [j] ou seguidos por [i]. Esses dois fones encontram-se em distribuição complementar com [d] oclusiva pós-dental sonora, que nunca ocorre junto a [j] ou [i], como se evidencia nos exemplos [dʲi'fisʉ] 'difícil'(João). Uma

distribuição análoga é observada também para os segmentos [tʃ] oclusiva palatalizada surda, [tʃ] africada pós-dental surda e [t] oclusiva pós-dental surda.

As especificidades dos segmentos em coda serão expostas logo depois da apresentação das sílabas.

3.1.1.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade A

Os padrões silábicos na variedade Kalunga foram identificados com algumas restrições de ocorrência de acordo com o tipo de acentuação da sílaba e sua posição na palavra: tônicas, pré-tônica inicial de palavra (PI), pré-tônica (M), postônica não-final (NF) e postônica final (F). Faz-se mister esclarecer que ao analisar as sílabas, consideraremos os segmentos aproximantes [j] e [w], considerados por alguns estudiosos como semivogais e por outros como semiconsoante, como segmentos de travamento da sílaba, ou ainda como segmentos consonantais.

Quadro 7- Padrões silábicos e exemplos da variedade A

	Tônica NF	Tônica F	Pre-tônica PI	Pre-tônica M	PostônicaNF	Postônica F
CV	[pri.si.'gi.ɖu] 'perseguido' (Leonilda)	[puh.'ke] 'porque' (Procópia)	[ka.'sân] 'caçando' (Procópia)	[pri.si.'gi.du] 'perseguido' (Leonilda)	['deh.naki] 'desde que' (Tosinho)	[d'i.'fisɯ] 'difícil' (João)
CVC	['mũj.tʃas] 'muitas' (Dainda)	[ar.'gũs] 'alguns' (Dainda)	[puh.'ke] 'porque' (Cinézia)	[i.tre.vis.'ta] 'entrevista' (Rosalino)	–	–
CVCC	[majh] 'mais' (Procópia)	[trãs.'pøht'] 'transporte' (Tosinho)	–	–	–	–
CCV	['prã.tu] 'planto' (Cinézia)	[su.'brĩ] 'sobrinho' (Cinézia)	[dru.'mi] 'dormir' (Leonilda)	[is.pri.'kã] 'explicar' (Procópia)	–	[i.'zẽ.prũ] 'exemplo' (Dainda)
CCVC	–	[so.'frew] 'sofrew' (Leonilda)	[trãs.'pøht'] 'transporte' (Tosinho)	–	–	–
V	[goj.'ã.na] 'Goiânia' (Dainda)	[a.'i] 'ai' (Cinézia)	[a.'xøjs] 'arroz' (João)	–	–	['tẽ:v] 'tenha' (PFNH)
VC	[ũs] 'us' (Rosalino)	[ew] 'eu' (Tosinho)	[ar.'gũs] 'alguns' (Dainda)	–	–	–
VCC	–	['ejs] 'eles' (Dainda)	–	–	–	–

Fonte: elaborado pela autora

Analisando as ocorrências de segmentos na organização silábica, quanto ao item coda, note-se que em coda de sílaba não final de palavra só ocorrem, nesta variedade, os segmentos fricativos [s], [h], [r], [j] e [w].

No que tange aos róticos, os dados evidenciam algumas especificidades ao organizá-los em coda. O que prevalece é o segmento glotal [h], sendo que há exemplos provindos de todos os falantes e na maioria dos contextos.

Com respeito às róticas em coda, registramos diversas variações e alternância. Na fala da informante Zenira, encontramos uma alternância entre [h] e [ɰ], em [sehv'pa] ~ [seɰv'pa], 'serve para' (note-se que, na realidade, a alternância abrange a sequência [ɰv]).

Há também a variação [ɰ] ~ [r] como a que se nota nos exemplos [kaɰku.lej] 'calculei' (Dainda), [lar'gadu] 'largado' (Leonilda). Convém salientar que a maioria das ocorrências do segmento [r] em coda, nesta variedade, resulta de um /l/ subjacente, como veremos a seguir, também conforme demonstram os exemplos [kar'ke ũ] 'qualquer um' (Cinésia), [kar kã'na] 'calcanhar' (Leonilda) e [ar'gũs] 'alguns' (Dainda).

Além dos segmentos já citados, encontramos codas fonéticas com [p] em [sêpfɔjə'sĩ] 'sempre foi assim' (João); [t], em [utõs'põht'la] 'o transporte lá' (João); [b], em ['beb'] 'bebe' (Zélio); [d], em [si'dad'] 'cidade' (Cinésia); [m], em ['lõm'] 'lombo' (João), [n], em ['ven] 'vendo' (João), [ɲ], em [na'dĩɲ] 'nadinha' (Procópio), [v], em ['liv] 'livro' (Procópio).³³

Ocorrem também codas complexas com diferentes proveniências: as que já existem nas formas subjacentes, como: [js] ~ [jh] em ['ejs] ~ [ejhs], 'eles' (Dainda), ['nojh] 'nós' (Cinésia) e as resultantes de apagamentos como: [hv], em [sehv'pa], 'serve para' (Zenira).

Quanto aos padrões silábicos, identificamos na variedade A que são os mesmos padrões do PB em geral, com apenas algumas particularidades. O padrão mais complexo encontrado em nossos dados foi CCVC, tendo ocorrido apenas em sílaba tônica e pré-tônica inicial das palavras, como por exemplo, [so'frew] 'sofreu' (Leonilda) e [trãs.'põht']³⁴ 'transporte' (Tosinho).

Além disso, registra-se a existência de formas variantes de palavras que é o caso de *difícil* [d'i'fisɰ] ~ [d'i'fis] (João), *livro* ['livu] ~ ['liv] (Procópio) e ainda de *transporte* [tõs'põht'] ~ [trãs.'põht'] (João, Tosinho) a ser analisado em seção posterior.

Na seção que segue passamos a verificar os dados da variedade B.

³³ Registramos que, embora não ocorram codas com as consoantes oclusivas velares [k] nos nossos dados, há registros de [ma'kak] 'macaco' em trabalhos realizados por alunas nossas no curso de graduação em Letras da UEG, Campos Belos.

³⁴ Que ocorre [tõs'põht'] com o falante João, da mesma variedade.

3.1.2 Variedade regional B

Os participantes da variedade B vivem em Arraias e Campos Belos. Todos eles declararam já ter vivido em zona rural (na “roça”, segundo os participantes) durante a infância, ou em algum tempo da vida antes de se fixarem em cidades. Esses participantes receberam as denominações: ABM, BBF, CBM, DBF e EBF.

Na variedade B, os participantes são caracterizados pela baixa escolaridade e também pela pouca interação com indivíduos externos aos seus lugares de moradia. Temos, entre os seis participantes desta variedade, um com a sexta série do ensino fundamental, dois analfabetos e dois com as séries iniciais do ensino fundamental. Os dois últimos leem limitadamente. Bem por isso essa variedade caracteriza-se pelo baixo nível de leitura ou nenhuma. Esses participantes usam pouco o telefone e têm convivência predominantemente apenas com seus pares, contudo, assistem regularmente à televisão .

3.1.2.1 Os segmentos consonânticos da variedade B

A análise dos dados da variedade B revelou os segmentos presentes no quadro a seguir, os quais foram organizados na mesma ordem em que se registra a variedade A:

Quadro 8- Quadro dos segmentos consonânticos da variedade B

		PONTO DE ARTICULAÇÃO					
		Bilabiais	Labiodentais	Pós-dentais	Palatais	Velares	Glotais
MODO DE ARTICULAÇÃO	Oclusivas	su	p		t		k
		so	b		d		g
	Oclusiva palatalizada	su			tʃ		
		so			dʃ		
	Africadas alveo-palatal	su			tʃ		
		so			dʒ		
	Fricativas planas	su		f			x
		so		v			
	Fricativas côncavas	su			s	ʃ	
		so			z	ʒ	
	Nasais		m		n	ɲ	
	Tap ou flap				r		
	Laterais				l	ʎ	
Aproximantes		w				j	

Fonte: Elaborado pela autora

Assim como na variedade A, quase todos os segmentos consonantais presentes nos dados da variedade B podem vir na primeira posição silábica, como está exemplificado abaixo:

[p] oclusivo bilabial surdo	[pɔhtuni'dadʔ] ‘oportunidade’	(EBF)
[b] oclusivo bilabial sonoro	[anarfa'betʔ] ‘analfabeto’	(CBM)

[t] oclusiva pós- dental surdo	[trupi'ka] ‘tropeçar’	(ABM)
[tʰ] oclusivo palatal surdo	['kɛ̃ti] ‘quente’	(ABM)
[d] oclusivo pós-dental sonoro	[dej'tʃaxa] ‘deitava’	(ABM)
[dʲ] oclusivo pós-dental sonoro	[dʲifiku'dadʰ] ‘dificuldade’	(ABM)
[k] oclusivo velar surdo	[dʒis'ku.pa] ‘desculpa’	(CBM)
[g] oclusiva velar sonora	[nahla'goa] ‘nas lagoas’	(ABM)
[tʃ] africado pós-dental surdo	[muj'tʃu] ‘muito’	(CBM)
[dʒ] africado pós-dental sonoro	[dʒis'kupa] desculpa’	(CBM)
[f] fricativo labiodental surdo	[dʒifikuli'dadʰ] ‘dificuldade’	(EBF)
[v] fricativo labiodental sonoro	['avri] ‘árvore’	(BBF)
[s] fricativo pós-dental surdo	[seh'tāw] ‘sertão’	(CBM)
[ʃ] fricativo palatal surdo	[ma'ʃadʰ] ‘machado’	(CBM)
[ʒ] fricativo pós-dental sonoro	[ʒã'tayʒ] ‘jantava’	(EBF)
[z] fricativo pós- dental sonoro	[astezi'ãnu] ‘artesiano’ ³⁵	(BBF)
[m] nasal bilabial	[ma'ʃadʰ] ‘machado’	(ABM)
[n] nasal pós-dental	[anarfa'betʰ] ‘analfabeto’	(CBM)
[ɲ] nasal palatal	['tʃĩɲɐ] ‘tinha’	(ABM)
[x] fricativo velar	['xɔ:sa] ‘roça’	(ABM)
[l] lateral pós-dental	[is'kɔla] ‘escola’	(ABM)
[ʎ] lateral palatal	[traba'ʎa.va] ‘trabalhava’	(EBF)
[r] tap ou flap	[mɔ'ravʒ] ‘morava’	(ABM)

Algumas variações subfonêmicas ocorreram nesta variedade, como a que se verifica na fala de EBF, entre [ʎ] e [j] nas palavras [traba'ʎava] / [tra.baj.ã. ɲu].

Com respeito à variação dos segmentos pós-dentais simples com os seus respectivos segmentos palatalizados e africados, [t] ~ [tʰ] ~ [tʃ] e [d] ~ [dʲ] ~ [dʒ], observa-se a mesma

³⁵ Note-se que com respeito à ocorrência do [s] em coda, na palavra [astezi'ãnu] ‘artesiano’, (assim como em [kas'tāw] ‘cartão’, [kas'tĩɲa] ‘cartinha’ que temos de oitiva) constitui um contra-exemplo da Lei do Contato Silábico (MURRAY E VENNEMANN, 1983, nos termos apresentados por Alves e Keller (2010, p.66) quando afirmam que o rótico é melhor contato com [t] do que o [s], no PB.

distribuição motivada pela presença ou de [i] ou de [j], como se pode ver nos exemplos [ˈkɛtʃi] ‘quente’ (ABM), [mujˈtʃu] ‘muito’ (CBM), [dʒisˈkupa] ‘desculpa’ (CBM). Notamos que a ocorrência de consoante palatalizada, nesta variedade, é mais frequente entre os falantes que apresentam um maior contato com a zona rural.

3.1.2.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade B

Os participantes desta variedade possuem características socioculturais próximas aos falantes da variedade A, pois possuem pouca escolarização e mantêm baixa interação social, tanto quanto os falantes da variedade A. Assim, há semelhanças bem notáveis entre essas variedades.

Na identificação das ocorrências de padrões silábicos da variedade B reproduzimos as coordenadas já apresentadas na variedade A. Essas coordenadas incluem os diferentes tipos de sílabas, de acordo com sua acentuação e sua posição na palavra. Observamos as sílabas tônicas em geral, tônica final, pré-tônica inicial de palavra (PI), pré-tônica (M), postônica não-final (NF) e postônica final (F).

Observamos que alguns aspectos relacionados às codas e às sílabas são idênticos aos da variedade A, inclusive a ausência de restrições quanto às codas oclusivas em sílabas que se tornaram finais por meio do apagamento das vogais postônicas finais. Esses fatos, ao serem analisados e comparados em seção específica, no final deste e no capítulo IV, permitiram apontar uma proximidade entre as variedades A e B.

Na página seguinte, então, verificaremos o quadro 09, em que são sistematizadas as ocorrências dos padrões silábicos encontrados por nós, mediante análise criteriosa dos dados da variedade B.

Quadro 9- Padrões silábicos e exemplos da variedade B

	Tônica (T)	Tônica F	PretônicaPI	Pre-tônica M	PostônicaNF	Postônica F
CV	[dʒis.'ku.pa] 'desculpa' (CBM)	[fa.'la] 'falar' (CBM)	[ma.'ʃad'] 'machado' (ABM)	[dʒifiku.'dad'] 'dificuldade' (ABM)	[ki.'lõ.me.trus] 'quilômetros' (BBF)	[as.te.zi.'ã.n.ʊ] 'artesiano' (BBF)
CVC	[kũ.ve.'sãn] 'conversando' (DBF)	[pe.gũ.'tãn] perguntando (BBF)	[seh.'tãw] 'sertão' (CBM)	[a.nar.fã.'bet] 'analfabeto' (CBM)	–	[pro.fe.'so.ris] 'professores' (BBF)
CVCC	–	[fi.'najs] 'finais' (BBF)	–	–	–	–
CCV	[fa.'bri.sũ] 'Fabrício' (EBF)	[a.'bri] 'abrir' (BBF)	[kre.'sew] 'cresceu' (BBF)	[is.kre.'ve] 'escrever' (CBM)	–	['a.vri] 'árvore' (BBF)
CCVC	[xes.'gwah.ɖũ] 'resguardo' (ABM)	–	–	[ĩ.bruj.'a.va] 'embrulhava' (ABM)	–	[ki.'lõ.me.trus] 'quilômetros' (BBF)
CCVCC	–	[a.'trajs] 'atrás' (DBF)	–	–	–	–
V	['a.vri] 'árvore' (BBF)	[ĩ.bruj.'a] 'embrulhar' (ABM)	[a.bõ.'brad'] 'abobrado' (CBM)	–	–	['xɛ.a] 'velha' (ABM)
VC	–	[kri.'ej] 'criei' (EBF)	[is.'kõ.la] 'escola' (ABM)	–	–	–

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que as codas das sílabas internas desta variedade B são [s], [h] e [r] e os aproximantes [j] e [w].

Entre os róticos nas codas da variedade B, devemos salientar o segmento [h] como o mais recorrente, como se pode notar em [seh'tãw] 'sertão' (BBM), [toh'ne.ra] 'torneira' (BBF). Nos contextos de ressilabificação encontra-se alternância entre [s]~[h] como [nahla'goa] 'nas lagoas', [is'kõ.la] 'escola', [xes'gwahɖũ] 'resguardo', ['behta] 'besta' (ABM). Bem como [kõh'ta] 'cortar', [kõh'ta] 'costas', onde se observa a mesma realização de [h] para duas palavras diferentes.³⁶

O tepe [r] que ocorre em exemplos como [so anarfa'bet'] 'sou analfabeto' (CBM) deriva de um /l/ subjacente, como já se evidenciou na análise da variedade A e será detalhado no capítulo IV, na sequência deste.

³⁶ Cumpre apontar que neste fato linguístico regional de se colocar o [h] onde na maioria das variedades de PB ocorreria [s], evidencia-se a adequação à Lei do Contato Silábico, pois, segundo Alves & Keller (2010, p.66) no PB o rótico é melhor contato com [t] do que o [s].

Nesta variedade B há também a ocorrência de consoantes não esperadas como coda no PB, como [t] em [anarfa'bet'] 'analfabeto' (CBM), [d] em [buxa'fud'] 'borrachudo' (CBM), [m] em ['sõm] 'somos' (CBM), [n] em ['kahn] 'carne' (BBF), [ɲ] em [isto'riɲ] 'estorinha' (EBF). Nesses fatos podemos identificar o Afrouxamento de Coda citado por Bisol (2010), uma vez que ocorrem as codas oclusivas e outras não comuns no PB, advindas do apagamento dos núcleos de sílabas postônicas.

No referente às sílabas, note-se que os padrões CVCC e CCVCC são os que menos ocorrem, visto que se encontram apenas como sílabas tônicas. A sílaba CV apresenta-se em todas as posições do acento tônico.

A sílaba V, por sua vez, muitas vezes não ocorre (nos dados) como sílaba postônica desde que seja formada por [o] antecedido por uma sílaba de núcleo [i] no contato silábico, haja vista que os exemplos de ['xi:] 'rio' (BBF), ['mej] 'meio' (CBM) concorrem para a nossa afirmação.

No que diz respeito às formas variantes de palavras temos nos dados da variedade B: *difícil* [dʒi'fis] ~ [dʒi'fis] 'difícil' (CBM), *trabalhando* [traba'lava] ~ [tra.baj.ã.ɲu] (EBF), *dificuldade* [dʒifikuli'dad'] ~ [dʒifiku'dad'] (EBF, ABM).

Conhecemos a seguir os fatos apresentados pelos dados da variedade C.

3.1.3 Variedade regional C

Os participantes da variedade C, assim como das variedades A e B, são caracterizados não só pelo grau de escolaridade, mas também pelo nível de interação social. Os sujeitos serão referidos por: FCM, GCM, HCM, ICM, JCF e KCF. Esses participantes nasceram nas seguintes cidades da RCB: Campos Belos e Monte Alegre. São pessoas com média e alta escolaridade, ou seja, possuem ensino médio e graduação completa, com bom nível de leitura, todos com contato em redes sociais, leem livros diversos, teóricos inclusive, assistem a filmes diversos. São estudantes universitários, vestibulandos ou já graduados. Dois deles trabalham em empresas particulares, com contato direto com o público. O que dentre esses tem ensino médio, já se prepara para adentrar em um curso superior, (ICM) é desportista, outro foi integrante de uma banda, hoje é funcionário público estadual e os demais também são funcionários públicos municipais e estaduais, em atividades de atendimento ao público.

O participante FCM tem origem familiar quilombola de uma das comunidades no interior do município de Campos Belos, porém a situação de tal comunidade há mais ou menos dez anos é de dispersão, devido à falta de condições de moradia e de vida salubre,

segundo ele mesmo. FCM cursa uma faculdade, vive na cidade há algum tempo, sempre esteve em contato com ela, pois mesmo morando na comunidade Brejão, vinha à cidade todos os dias para cursar a educação básica, por isso é participante deste grupo.

3.1.3.1 Os segmentos consonânticos da variedade C

Apresentamos os segmentos consonânticos nos nossos dados da variedade C.

Quadro 10- Segmentos consonânticos da variedade C

		PONTO DE ARTICULAÇÃO						
			Bilabiais	labiodentais	pós-dentais	palatais	velares	Glotais
MODO DE ARTICULAÇÃO	Oclusivas	su	p		t		k	
		so	b		d		g	
	Africadas palato-Alveolares	su			tʃ			
		so			dʒ			
	Fricativas planas	su		f			x	h
		so		v				
	Fricativas côncavas	su			s	ʃ		
		so			z	ʒ		
	Nasais		m		n	ɲ		
	Tap ou flap				r			
	Laterais				l	ʎ		
	Aproximantes		w			j		

Fonte: elaborado pela autora

Especificamos as propriedades fonéticas dos segmentos consonânticos e exemplificamos as ocorrências desses segmentos em *onset* logo a seguir.

[p] oclusivo bilabial surdo	[s'pohʃtʃi] 'esporte'	(ICM)
[b] oclusivo bilabial sonoro	[bahtʃi'doris] 'bastidores'	(GCM)
[t] oclusivo dental surdo	[ĩteri'o] 'interior'	(GCM)
[d] oclusivo pós-dental sonoro	[dʒive'sãw] 'diversão'	(KCF)
[k] oclusivo velar surdo	[kõ'kus] 'concurso'	(GCM)
[g] oclusivo velar sonoro	[lu'ga] 'lugar'	(GCM)
[tʃ] africado pós-dental surdo	['tʃĩpa] 'tinha'	(KCF)
[dʒ] africado pós-dental sonoro	[faku'dadʒĩ] 'faculdade'	(JCF)
[f] fricativo labiodental surdo	['fõʃĩ] 'forte'	(HCM)
[v] fricativo labiodental sonoro	['avoris] 'árvores'	(KCF)
[s] fricativo pós-dental surdo	[pu'sivĩ] 'possível'	(HCM)
[z] fricativo pós-dental sonoro	[ka'tozĩ] 'catorze'	(GCM)
[ʃ] fricativo palatal surdo	['ʃagõs] 'chagas'	(FCM)
[ʒ] fricativo palatal sonoro	[ko'lẽʒu] 'colégio'	(ICM)

[x] fricativo velar surdo	[xɛ'kõhda] ‘recorda’	(JCF)
[m] nasal bilabial	['mũjtus] ‘muitos’	(HCM)
[n] nasal pós-dental	[mũni'sipũ] ‘município’	(ICM)
[ŋ] nasal palatal	['tʃiŋa] ‘tinha’	(NCF)
[l] lateral pós-dental	['kalus] ‘Carlos’	(HCM)
[ʎ] lateral palatal	[kwa'driʎa] ‘quadrilha’	(JCM)

Quanto à realização desses segmentos, as restrições são idênticas às demais variedades de português. Vemos que essas restrições se estabelecem de modo que o segmento nasal palatal [ŋ] e o lateral palatal [ʎ] só ocorrem em sílabas internas das palavras. Os segmentos [tʃ] e [dʒ] são motivados pelo [i] adjacente, como observamos nos exemplos ['tʃiŋa] ‘tinha’ (NCF) e [dʒive'sãw] ‘diversão’ (NCF).

3.1.3.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade C

Verificamos as ocorrências dos padrões silábicos da variedade C repetindo os procedimentos já delimitados para a mesma identificação na variedade A e B.

Quadro 11- Padrões silábicos e exemplos da variedade C

	Tônica	Tônica F	Pre-tônica PI	Pre-tônica M	Postônica NF	Postônica F
CV	[dʒi.ve 'sãw] ‘diversão’ (NCF)	[lu.'ga] ‘lugar’ (FCM)	[ka.'to.zĩ] ‘catorze’ (GCM)	[fa.ku'da.dʃi] ‘faculdade’ (JCF)	['a.vo.ris] ‘árvores’ (KCF)	[pu.'si.vi] ‘possível’ (HCM)
CVC	['mũjtus] ‘muitos’ (HCM)	[fũ.tʃi.'bõw] ‘futebol’ (ICM)	[kes'tãw] ‘questão’ (HCM)	[a.kus.tũ'ma.dũ] ‘acostumado’ (HCM)	–	[as.'ve.zis] ‘às vezes’ (MCF)
CVCC	['dojs] ‘dois’ (HCM)	–	–	–	–	–
CCV	[a.'tle.tas] ‘atletas’ (LCM)	[dʒis.ku.'bri] ‘descobri’ (LCM)	[kwa.'dri.ʎa] ‘quadrilha’ (JCM)	[is.tru.'tu.ra] ‘estrutura’ (ICM)	['pu.bli.ku] ‘público’ (GCM)	[ka.'das.tru] ‘cadastro’ (ICM)
CCVC	–	[sãw.'ʒwãw] ‘São João’ (GCM)	[dʒis.ku.'beh.tus] ‘descobertos’ (ICM)	–	–	['ow.trus] ‘outros’ (MCF)
CCVCC	['trejs] ‘três’ (JCF)	–	–	–	–	–
V	['a.vo.ris] ‘árvores’ (KCF)	[ĩ.te.ri.'o] ‘interior’ (GCM)	[a.kus.tũ.'ma.dũ] ‘acostumado’ (GCM)	–	–	[nos'taw.ʒi.a] ‘nostalgia’ (JCF)
VC	['oj.tũ] ‘oito’ (JCF)	[fõj] ‘foi’ (GCM)	[as.'ve.zis] ‘às vezes’ (JCF)	–	–	[pe'so.as] ‘pessoas’ (FCM)

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos que na variedade C as codas simples encontradas são [s], [z], [h], [r], [j] e [w]. Há também a coda complexa [hʃ]. Podemos notar, também, que o rótico mais comum em

coda das sílabas das palavras da variedade C é o [h], conforme os exemplos [dzisku'behtus] ‘descobertos’ (ICM), [luhdzis] ‘Lurdes’ (KCF), [xε'kəhdu] ‘recordo’, [ɔbi'sehva] ‘observa’ e [pəhta] ‘porta’ (JCF) podem demonstrar. Porém, no contexto adjacente [tʃi] o [h] assimila parte do fonema [tʃ] passando a [hʃ], surgindo uma coda fonética complexa inexistente nas variedades A e B. Note-se que o núcleo [i] na sílaba seguinte é o motivador de tal assimilação, assim verificamos em [s'pohʃtʃi] ‘esporte’ (ICM), [su'pəhʃtʃi] ‘suporte’ (ICM), [dʒivəhʃtʃia] ‘divertia’ (KCF) e não identificamos em [pəhta] ‘porta’ (JCF), ['moh:tu] ‘morto’ (GCM).

Foram encontrados nos dados desta variedade as ocorrências de [fɛh'tʃiɲa] ‘festinha’ e [bahtʃi'doris] ‘bastidores’ (GCM)³⁷ com o que postulamos que a assimilação [ʃ] / [hʃ] pode estar em andamento, uma vez que o contexto favorece a assimilação e esse fato linguístico é constante em várias línguas do mundo.

Quanto aos padrões silábicos, é perceptível a ocorrência de padrões mais complexos como CVCC e CCVCC restrita à sílaba tônica.

Registramos, ainda, nesta variedade C duas variantes para palavra *catorze*, que são: [ka'tozi] ~ [ka'tohzi] (GCM, JCF).

3.1.4 Variedade D

Os componentes do grupo D são das cidades de Campos Belos (GO), Monte Alegre (GO) e Novo Alegre (TO). O nível de escolaridade dos participantes é assim constituído: uma participante tem os anos iniciais do ensino fundamental, dois cursam graduação, dois são graduados e um possui Mestrado. Quanto ao nível de interação social, são pessoas com muitos contatos intra e extrarregional.

No que se refere aos outros modos de interação social, com exceção da participante de ensino fundamental, os demais participantes têm elevado nível de leitura teórica, leitura informativa de jornais, revistas e outros do gênero. Estes participantes estão expostos diariamente às informações diversas, trocam E-mail tanto comercial, como pessoal, falam ao telefone com diversas pessoas parte do dia, assistem aos filmes de todos os gêneros, nos momentos de lazer, viajam em tempo de férias e têm funções que lidam com o público jovem ou de maior idade.

³⁷ Os exemplos demonstram que o falante está buscando a Lei do Contato Silábico esperado por Alves & Keller (2010, p. 66), para o PB.

A participante que possui as séries iniciais do ensino fundamental, porém, é comerciante e tem bastante interação no âmbito regional e além dele.

Um deles é representante comercial, duas mulheres trabalham no comércio e os demais são funcionários públicos municipais e estaduais. Todos eles, mesmo a que se difere pelo quesito leitura, têm alta interação na região e fora dela, com contatos familiares em outras regiões, passeios e viagens com motivos diversos.

Alguns desses participantes são filhos e netos de famílias tradicionais da RCB. Verificou-se entre essas pessoas realizações fonéticas que sugerem monitoramento, o que pode sinalizar certo receio de serem confundidos com os falantes das outras variedades regionais.

3.1.4.1 Os segmentos consonânticos da variedade D

No quadro abaixo apresentamos os segmentos consonânticos encontrados nos nossos dados dessa variedade D.

Quadro 12- Segmentos consonânticos da variedade D

		PONTO DE ARTICULAÇÃO						
			Bilabial	Labiodental	pós-dental	Palatal	Velar	Glotal
MODO DE ARTICULAÇÃO	Oclusivas	su	p		t		k	
		so	b		d		g	
	Africada palato-alveolar	su			tʃ			
		so			dʒ			
	Fricativas planas	su		f			x	h
		so		v				
	Fricativas côncavas	su			s	ʃ		
		so			z	ʒ		
	Nasais		m		n	ɲ		
	Tap ou flap				r			
Laterais				l	ʎ			
Aproximantes		w			j			

Fonte: Elaborado pela autora

Detalhamos as propriedades fonéticas dos segmentos consonânticos e exemplificamos as ocorrências desses segmentos em *onset* logo a seguir.

[p] oclusivo bilabial surdo	[is'pohʃtʃi] 'esporte'	(LDM)
[b] oclusivo bilabial sonoro	[subaw'tehnũ] 'subalterno'	(MDM)
[t] oclusivo pós-dental surdo	[ahtezi'ãñũ] 'artesiano'	(NDM)
[d] oclusivo pós-dental sonoro	[dʒivehʃ'tʃidũ] 'divertido'	(ODM)
[k] oclusivo velar surdo	[kah'tãw] 'cartão'	(NDM)

[g] oclusivo velar sonoro	[goj'as] 'Goiás'	(MDM)
[tʃ] africado pós-dental surdo	[futʃi'bow] 'futebol'	(LDM)
[dʒ] africado pós-dental sonoro	[tradʒi' sãw] 'tradição'	(PDF)
[f] fricativo labiodental surdo	['fahta] 'farta' ³⁸	(MDM)
[v] fricativo labiodental sonoro	['novu] 'novo'	(PDF)
[s] fricativo pós-dental surdo	[saw'vava] 'salvava'	(ODM)
[ʒ] fricativo pós-dental sonoro	[ʒo'gasi] 'jogasse'	(ODM)
[z] fricativo pós-dental sonoro	['fazẽ] 'fazem'	(PDF)
[ʃ] fricativo palatal surdo	[a'ʃow] 'achou'	(MDM)
[m] nasal bilabial	['mesmu] 'mesmo'	(LDM)
[n] nasal pós-dental	[subaw'tehnũ] 'subalterno'	(MDM)
[x] fricativo velar	[xa'ĩɲe] 'rainha'	(MDM)
[l] lateral pós-dental	[oli'vera] 'Oliveira'	(ODM)
[ʎ] lateral palatal	[fa'mi ʎa] 'família'	(ODM)
[ɲ] nasal palatal	[la'tʃĩɲe] 'latinha'	(ODM)

Quanto aos segmentos consonânticos dessa variedade pode-se afirmar que a exemplos das demais variedades da RCB os *onset* têm as mesmas exceções da variedade C quanto aos segmentos lateral palatal [ʎ], do nasal palatal [ɲ], os quais ocorrem em *onset* de sílabas do meio ou finais, mas não nas sílabas iniciais.

Note-se que diferentemente das variedades A e B não há, nos nossos dados, desta variedade D, ocorrências dos segmentos palatalizados [tʃ] e [dʒ]. E ficou evidenciado que os africados [tʃ] e [dʒ] também têm suas ocorrências motivadas pela presença do [i].

3.1.4.2 Padrões silábicos fonéticos da variedade D

Atenta-se para o inventário dos padrões silábicos desta variedade de modo semelhante ao realizado para a análise das sílabas das palavras da variedade A, B e C, tendo com o ponto de partida a sílaba tônica, a sílaba tônica final (F), pré-tônica inicial (I), pré-tônica medial (M), a postônica medial (M) e a postônica final (F).

Observamos no quadro a seguir que este é o quadro de sílabas mais preenchido, embora os padrões não sejam diferentes em complexidade, porém diferenciam em ocorrências de alguns deles em dadas posições do acento.

³⁸ De fartura.

Vejamos o quadro seguinte:

Quadro 13- Padrões silábicos e exemplos da variedade D

	Tônica	Tônica F	Pré-tônica I	Pré-tônica M	Postônica M	Postônica F
CV	[kuw.'tu.ra 'cultura' (MDM)]	[is.to.'ro] 'estourou' (ODM)]	[ka.'pri.ʃu] 'capricho' (MDM)]	[ma.du.'rej.ra] 'madureira' (LDM)]	[.'tʃipikas] 'típicas' (PDF)]	[.'meh.mu] 'mesmo' (MDM)]
CVC	[.'peh.tu] 'Perto' (NDM)]	[futʃi.'bow] 'futebol' (LDM)]	[a.'new] 'anel' (ODM)]	[subaw.'tehnũ] 'subalterno' (MDM)]	–	[xe.'kursu] 'recursos' (LDM)]
CVCC	[dra.'gõjs] 'dragões' (UDM)]	[tra.di.si.o'najs] 'tradicionais' (UDM)]	[.'nojs] 'nós' (MDM)]	[dʒi.vɛhʃ.'tʃi.dũ] 'divertido' (ODM)]	–	[.'prẽmiws] 'prêmios' (PDF)]
CCV	[ka.'pri.ʃu] 'capricho' (MDM)]	[.'prɔ.pri.as] 'próprias' (MDM)]	[dra.'gõjs] 'dragões' (MDM)]	[dis.tri.bu.'i.dũ] 'distribuído' (MDM)]	[.'prɔ.pri.as] 'próprias' (MDM)]	[.'mas.tru] 'mastro' (UDM)]
CCVC	–	[pa.'trãw] 'patrão' (NDM)]	–	–	–	[.'ow.trus] 'outros' (ODM)]
V	[.'ɛ.pu.ka] 'época' (MDM)]	–	[a.pro.pri.'ow] 'apropriou' (MDM)]	[tra.di.si.o'najs] 'tradicionais' (MDM)]	–	–
VC	[.'ow.ru] 'ouro' (MDM)]	[goj.'as] 'Goiás' (MDM)]	[ah.te.zi.ã.nu] 'artesiano' (NDM)]	–	–	–

Fonte: Elaborado pela autora

Os segmentos [s], [z], [h] e [r], tanto quanto os aproximantes [w] e [j] constituem codas das sílabas das palavras da variedade D. Verifica-se, também na variedade D, a realização da coda complexa ou ramificada [hʃ] na sílaba anterior ao [tʃi], tal qual ocorre na variedade C.³⁹ O processo de assimilação é verificado nesta tanto quanto na variedade C.

Apontamos a prevalência do glotal surdo [h], dentre os róticos, na posição de coda da variedade D. Inclusive um dos participantes (NDM) que foi selecionado por ser nativo, com toda a sua descendência paterna na região, realiza o [h] em todos os contextos, conforme se vê em: [.'pehtu] 'perto', [.'pohtãw] 'portão', [ah.tezi.'ãnu] 'artesiano'.

O tepe se apresenta em coda desta variedade, não como resultado de um /l/ subjacente, conforme notamos nos exemplos: [.'kursu] 'curso', [po.'der] 'poder' (LDM), [puɾ] 'por', [ka.'rater] 'caráter', [abisor.'vida] 'absorvida', [determĩ.'nadas] 'determinados' (MDM). Os exemplos comprovam a ocorrência desse segmento depois de vogais fechadas [e], [o].

Quanto ao segmento [w], realiza-se no grupo de participantes denominado D, sem restrições, como se pode observar em [kuw.'tura] 'cultura' e [kuwtu.'ah] 'cultuar' exemplos

³⁹ Podemos afirmar, assim que um motivador para que o fato ocorra é a presença do [t] no *onset* da sílaba seguinte, seguido de [i] na adjacência da sílaba onde ocorre a coda [hʃ]

providos do participante MDM. O [l] não se evidenciou em codas das sílabas nos dados da variedade D.

Quanto às sílabas, um maior número de realizações de todos os padrões ocorre nesta variedade da RCB, sendo que CVC e CVCC não foram encontrados apenas como postônicas mediais.

3.2 Comparação das variedades da RCB

A seguir apresentamos um quadro comparativo que procura destacar os principais pontos que caracterizam cada variedade e que são de convergência ou de divergência entre as variedades.

3.2.1 Os aspectos gerais

No quadro a seguir teremos os aspectos gerais que aproximam e diferenciam as variedades linguísticas A, B, C e D da RCB.

Quadro 14 - Caracterização das variedades da RCB

			A	B	C	D
Codas	Róticas	[s]	[ar.'gũs] 'alguns'	[a.'tlɛ.tas] 'atletas'	['ow.trus] 'outros'	['ow.trus] 'outros'
		[h]	[tõ.'põh.ta] 'transporta'	[seh.'tãw] 'sertão'	[foh.'ma] 'formar'	['meh.mu] 'mesmo'
		[r]	['kar.ku] 'cálculo'	[a.nar.fã.'bet'] 'analfabeto'	['master] 'master'	[abisor.'vida] 'absorvido'
		[h]~[hʃ]	–	–	[s.'põhʃ.tʃi] 'esporte'	[dʒi.vehʃ.'tʃi.dũ] 'divertido'
	Lateral /l/	[w] /u_/	–	–	–	[kuw.'tura] 'cultura'
		[w] /i_/	–	–	–	[di.'fisiw] 'difícil'
	Outras Codas	[p]	['sêp'] 'sempre'	–	–	–
		[b]	['beb'.] 'bebe'	–	–	–
		[t]	[u.tõs.'põht'] 'o transporte'	[a.nar.fã.'bet'] 'analfabeto'	–	–
		[d]	[su.'bid'] 'subida'	[bu.xa.'ʃud'] 'borrachudo'	–	–
		[v]	['liv'] 'livro'	–	–	–
		[m]	['lom'] 'lombo'	['sõm'] 'somos'	–	–
		[n]	['ven] 'vendo'	[me.'ʃẽn] 'mexendo'	–	–
Onsets	[tʃ]	[na.'dĩŋ] 'nadinha'	[is.tõ.'rĩŋ] 'estorinha'	–	–	
	[dʃ]	['tĩ.ʃa] 'tinha'	['kêti] 'quente'	–	–	
		[dʃi.'fi.sũ] 'difícil'	[dʃifiku.'dad'] 'dificuldade'	–	–	

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 14, observamos que [s], [h], [r] e os aproximantes [j] e [w] podem ocorrer em coda, nas quatro variedades, dependendo do contexto. No que se refere às codas róticas, notamos que as variedades A, B, C e D têm em comum, também, a coda [h] como a que prevalece entre as variantes de /R/. As variedades A e B não são as únicas que apresentam o tap [r], porém são essas as variedades que apresentam [r] em coda como resultante de uma consoante lateral subjacente, conforme postularemos no capítulo seguinte. A variedade C apresentou [r] muito limitadamente, enquanto que a D apresentou uso lato deste segmento em coda, principalmente depois de vogais fechadas.

As variedades C e D apresentam a variação [h] ~ [hʃ] quando essa última coda ocorre em sílaba medial precedendo a sílaba [tʃi]. Vale à pena comentar que o retroflexo não se fez mostrar nos dados das variedades da RCB, e que apenas a falante Zenira da variedade A fez uso do aproximante [ɹ].

Por outro lado, apenas as variedades A e B apresentam codas diferentes de [s], róticas e dos aproximantes [j] e [w]. Na variedade A ocorrem as consoantes [p], [b], [t], [d], [v], [m], [n], [ɲ]. E na variedade B encontramos um subconjunto dessas consoantes, ou seja, nessa variedade ocorrem as oclusivas pós-dentais [t] e [d] e as nasais [m], [n] e [ɲ]. Todas essas codas não róticas resultam do apagamento da vogal do núcleo da sílaba final e eventualmente da simplificação do seu ataque, como em ['liv] 'livro'.

A coda [w] na variedade D só não ocorre no processo generalizado em muitas variedades do português brasileiro de redução dos ditongos decrescentes homorgânicos [ow] e [ej], como em [is.to.'ro] 'estourou', enquanto na variedade C essa coda não ocorre depois de [u], como em [ku'tura] 'cultura' em sílabas do meio e depois de [i] em posição final de palavra, como em [di'fisi] 'difícil'.

Assim, os falantes das variedades B e C não realizam o segmento rótico em coda de sílaba quando o núcleo silábico é [u], como nos exemplos [tusiã] 'torcia' (FCM), [kʃ'kus] 'concurso' (GCM), e na variedade A essa ausência do rótico se deu com o núcleo [ɛ] em [kũvɛ'sã] 'conversando' (Rosalino), enquanto que na variedade D isso não ocorre.

Comparando as variedades no tangente às formas de palavras variantes temos:

Variedade A: [dʲi'fisʉ] ~ [dʲi'fis], ['livu] ~ ['liv], [tõs'põhtʰ] ~ [trãs.'põhtʰ].

Variedade B: [traba'ʎava] ~ [tra.baj.ã.ɲʉ], [dʒifikuli'dadʰ] ~ [dʒifiku'dadʰ], [dʒi'fisʉ] ~ [dʒi'fis] 'difícil' (CBM).

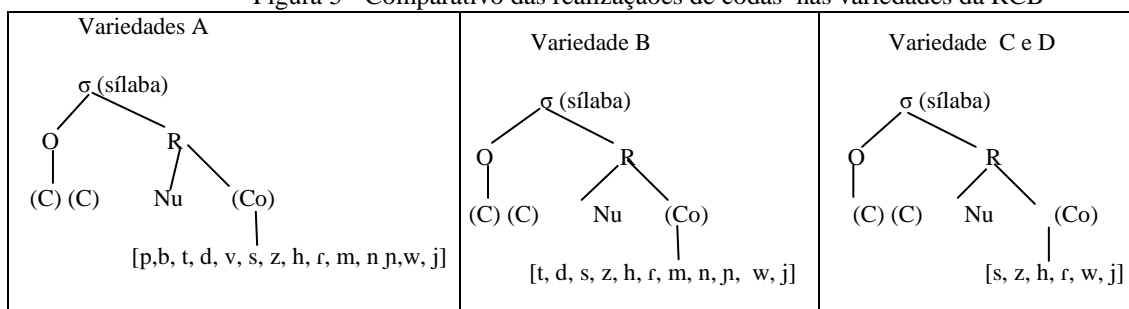
Variedade C: [ka'tozi] (GCM) ~ [ka'tohzi] (JCF).

Nesses casos vemos que as consoantes líquidas e róticas em geral estão envolvidas na maior parte dessas variações de palavras. Outras particularidades dos padrões silábicos das quatro variedades corroboram para a diferenciação das mesmas, como veremos a seguir.

3.2.2 Comparação das codas das variedades da RCB

Com base nas possibilidades de realização das codas, as variedades foram reunidas em três grupos: variedade A, variedade B e variedade C/ D.

Figura 5 - Comparativo das realizações de codas nas variedades da RCB



Fonte: Elaborado pela autora

A reunião das variedades C e D, quanto às codas, se deve ao fato de ambas apresentarem os mesmos segmentos [s, z, h, r, w, j] nesta posição silábica. O quadro de codas das variedades A e B apresenta esses segmentos, e além desses reúne segmentos oclusivos e nasais. A variedade B se distingue da variedade A por não apresentar, em posição de coda os segmentos [p, b, v]. Vale à pena comentar que nas variedades A, B e C, a realização de [w] não ocorre nas sílabas com núcleo [u], como ocorre na variedade D. No quadro abaixo comparamos os padrões silábicos presentes nos dados das variedades da RCB, usando as referências (T) tônica, (Pr) pré-tônica, (Po) postônica, (i) inicial, (m) do meio, (F) final.

Quadro 15 - Comparativo dos padrões silábicos das variedades da RCB

	A	B	C	D
CV	+ (T, Pr, Po)	+ (T, Pr, Po)	+ (T, Pr, Po)	+ (T, Pr, Po)
CVC	+ (T, Pr)	+ (T, Pr, PoF)	+ (T, Pr, PoF)	+ (T, Pr, PoF)
CVCC	+ (T)	+ (T)	+ (T)	+ (T, Pr, PoF)
CCV	+ (T, Pr, PoF)	+ (T, Pr, PoF)	+ (T, Pr, Po)	+ (T, Pr, Po)
CCVC	+ (T, Pri)	+ (Ti, Prm, PoF)	+ (T, Pr, PoF)	+ (T, PoF)
CCVCC	-	+ (T)	+ (T)	-
V	+ (T, Pri, PoF)	+ (T, Pri, PoF)	+ (T, Pri, PoF)	+ (T, Pr)
VC	+ (T, Pr)	+ (T, Pr)	+ (T, Pri, PF)	+ (T, Pri)
VCC	+ (T)	-	-	-

Elaborado pela autora

No quadro 15, observamos que alguns dos padrões mais complexos restringem sua ocorrência como sílabas tônicas, como se nota no quadro 15.

Veremos no capítulo IV a análise das variedades no escopo da Teoria da Otimidade.

IV CAPÍTULO

ANÁLISE DOS DADOS SOB A ÓTICA DA TEORIA DA OTIMIDADE

Neste capítulo adotamos a arquitetura da Teoria da Otimidade, especialmente a concepção de violabilidade das restrições da língua, para analisarmos as sílabas das variedades da RCB.

Como vimos na revisão da literatura, na ótica da TO as diferenças entre as variedades de uma língua podem ser explicadas por diferentes hipóteses, tais como: *inputs* múltiplos, gramáticas em competição e ranqueamento variável. Na seção de análise da otimidade dos candidatos privilegiamos a hipótese do ranqueamento variável para explicar, por meio de um conjunto de restrições, a geração de um ou mais *output*.

Examinaremos, portanto, as restrições e respectivos ranqueamentos quanto aos padrões silábicos, nas variedades de PB faladas na RCB. Além disso, analisaremos casos de otimização nas variedades A, B e C.

Convém salientar que as nossas análises neste capítulo se restringirão ao exame dos segmentos róticos e da lateral /l/ em coda e em *onset* complexo.

Para o desenvolvimento deste capítulo necessitamos de postular as formas subjacentes de algumas palavras e levando em conta os vários candidatos mostramos como as restrições estão ranqueadas em cada variedade linguística da RCB.

4.1 A existência da lateral /l/ na subjacência

Embora não ocorra foneticamente nos nossos dados em posição de coda, postulamos a existência de uma líquida lateral [l] na subjacência dos falantes das variedades regionais A e B, pois baseamos no fato de que existem as formas [dʲifikuli'dadʲi], [alu'gɛ̞l̥u], ['sa:li] nas falas de PFNH, Dainda e Cinésia respectivamente. A palavra *difícil* na variedade A poderia ter a forma subjacente [di'fis̥u] pois ocorre [dʲi'fis̥u] ~ [dʲi'fis], mas em contrapartida [dʲi.fi.ku.li.'da.dʲi] evidencia a necessidade de se postular um [l] na coda do radical *difícil*. Corroboram, ainda, para a postulação de tal subjacência os exemplos [a.lu'gɛ̞.l̥u] 'aluguel', ['sa.li] 'sal', em que ocorre, a exemplo das demais palavras, a inserção de segmento vocálico na sílaba final, formando uma nova sílaba, e, por consequência, uma sequência CV.CV.

4.2 Restrições e violações nas variedades da RCB

Conforme afirma Schwindt (2010, p.244), no escopo da TO o GEN é a função da gramática responsável por gerar candidatos a partir do *input*. E neste sentido o GEN pode com liberdade *rearranjar*, apagar ou inserir elementos presentes no *input*. O EVAL, por sua vez, é a função da gramática que avalia os candidatos, dentro do quadro de restrições.

Assim, o quadro 16 tem o objetivo de mostrar os casos de violação de restrições mais recorrentes em algumas das variedades regionais, sistematizando pontos divergentes e convergentes entre essas variedades.

Nesta seção, quando nos referirmos ao apagamento e à inserção, referimo-nos à violação da restrição de Fidelidade MAX I/O e da restrição DEP I/O, respectivamente.

Para análise levamos em conta as formas que ocorrem nas variedades da região, bem como as formas de outras variedades do PB.

Quadro 16 – Comparação de violações de restrições nas sílabas das variedades da RCB.

	A	B	C	D
Inserção de [i] ou [u] depois de /l/	[sa.li], 'sal'	[dʒi.fi.ku.li.da.d'] 'dificuldade'	–	–
Apagamento do /l/ após [u]	[xezu'tad'] 'resultado'	[dʒis.'ku.pa] 'desculpa'	[fa.ku.da.dʒi] 'faculdade'	–
Apagamento de coda rótica	[kũve'sân] 'conversando'	['avri] 'árvore'	[kõ.'kus] 'concurso'	–
Apagamento do rótico no <i>onset</i> complexo	['liv] 'livro'	[kũ'madʒi] 'comadre'	['prɔ.pis] 'próprios'	–
Apagamento dos núcleos das sílabas postônicas finais	[su.'bid'] 'subida'	[is.tɔ.'rĩ.ŋ] 'estorinha'	[kõ.'kus] 'concurso'	–

Fonte: Elaborado pela autora

Como vemos no quadro 16, a restrição de Marcação NOCODA está alta no *ranking* de três variedades regionais. As variedades A e B apresentam dois tipos básicos de violações de restrições de Fidelidade nos padrões silábicos: a inserção e o apagamento, enquanto a variedade C apresenta apenas o apagamento.

Na variedade A, a inserção ocorre principalmente na coda lateral e não acontece com a coda rótica. Com a coda lateral (subjacente) a inserção desdobra uma sílaba CVC em uma sequência silábica constituída de sílabas ótimas CV. CV, como permitem afirmar os exemplos ['sa:li] 'sal' (Cinésia), [alu'geɫu] 'aluguel' (Dainda), [dʒifikuli'dadʒi] 'dificuldade' (PFNH).

Nessa variedade, entre o apagamento e a inserção, o apagamento (violação de MAX I/O) é o mais presente. Podemos observá-lo com o segmento lateral subjacente em coda, por meio do exemplo [xezu'tad'] 'resultado' (Procópia), mas também se faz perceptível com as codas róticas, quando em contato silábico com a sílaba subsequente que tem o segmento fricativo [s] no *onset*, como se dá em [kũvɛ'sãn] 'conversando' (Rosalino). Há outras ocorrências que embora não estejam presentes nos dados, nós registramos de oitiva como ['kusu] 'curso'.

O *onset* complexo, em que um rótico é o segundo segmento, também é candidato ao apagamento, assim como se evidencia em ['livu], ['liv] 'livro' (Procópia), ['sɛp'] 'sempre' (João). Note-se que além da simplificação do *onset* pode ocorrer também o apagamento do núcleo, de modo que de primeira consoante pode vir a ser uma coda.

A conformação pelo apagamento ao padrão CV de uma sílaba CVC, em que a consoante em coda é a líquida lateral ou um segmento rótico está bem evidente na variedade A.

Além dos casos já sistematizados no quadro 16, identificamos que o tepe [r] tem posição privilegiada no ataque, se o núcleo silábico for o [i] ou [u]. Assim o segmento migra de uma posição silábica para outra, como nos exemplos [prisi'gɨɖ], [dru'mi], 'perseguido', 'dormir'. Nesses casos o falante tem a sílaba CCV menos marcada que CVC. Aqui ocorre um *rearranjo* no padrão silábico, conforme salienta Schwindt (2010, p.244).

Em sílabas com o núcleo [a] a sílaba CVC poderá constituir-se com o tepe em coda, como exemplificam [kar'keũ] 'qualquer um' (Cinézia), [karkã'na] 'calcanhar' (Leonilda), [ar'gũs] 'alguns' (Dainda). Lembrando que o tepe que ocorre nas codas dessas palavras resulta do [l] subjacente. Evidencia-se que, além do núcleo [a], os outros motivadores para realização do tepe [r], nessas circunstâncias, são os segmentos velares [k] e [g] no *onset* da sílaba seguinte.

Observou-se então, na variedade regional A, no que concerne ao apagamento e à inserção, que esses são militantes na conformação ao padrão CV, na maioria das vezes. Reiteramos, porém, que o CV é um padrão silábico que não se manifestou ótimo como sílaba postônica final, pois geralmente seus núcleos são apagados e a sílaba deixa de se constituir.

Passando à verificação da variedade B, identificamos também o apagamento e a inserção como recursos para a conformação ao padrão CV ou a um padrão menos complexo.

A violação de DEP I/O (inserção) ocorre nesta variedade quando há sílaba CVC com coda /l/ subjacente. O padrão CVC encaminha-se para CV, em uma nova sílaba, conforme pode exemplificar a ocorrência de [dʒifikuli'dad].

Com relação à palavra *dificuldade* tanto a inserção quanto o apagamento podem ser registrados, assim ocorrem [dʲifiku'dadʲ] ~ [dʒifikuli'dadʲ] ‘dificuldade’, sendo que isso nos dá a possibilidade para o /l/ subjacente.

E como exemplo do apagamento (violação de MAX I/O), citamos o da lateral /l/ que se postula subjacente também na variedade B, pois não se realiza foneticamente em coda do *output*, em nenhum exemplo dessa variedade. Assim, os exemplos [dʒis'kupa] ‘desculpa’ (CBM), [dʒi'fis] / [dʒi'fis] ‘difícil’ (CBM) servem como demonstração do fato.

Na variedade B os róticos também são apagados em coda, em certos contextos. Os casos que identificamos ocorrem principalmente nas sílabas tônicas ou pretônicas, conforme observamos em: [kũ'vesa] ‘conversa’ (DBF), [kũve'sãnu] ‘conversando’ (DBF), ['avri] ‘árvore’ (BBF). Nesses exemplos, há a motivação de segmentos fricativos como [s] e [v] no *onset* da sílaba seguinte, o que difere dos apagamentos em sílaba tônica final: [iskre've] ‘escrever’ (CBF), [sẽ'ɲo] ‘senhor’ (DBF).

Em sílabas postônicas finais os *onsets* complexos com um tepe [r] na segunda posição também se tornam articulatoriamente mais simples (menos marcado) apagando o rótico, como em [sa'loba] ‘salobra’ (BBF), [kũ'madʒi] ‘comadre’ (BBF).

Registramos que a variedade B apresenta, tanto quanto a variedade A, alguns casos de apagamento de sequências vocálicas, como os exemplos [fa'brisu] ‘Fabrício’ (EBF), [mũni'sipi] ‘município’ (BBF), ['lu:sa] ‘Lúcia’, [goj'ã:na] ‘Goiânia’ (EBF). Nesses exemplos faz-se perceptível o apagamento de um dos segmentos da sequência [i/o, i/a] na palavra, não importando se na mesma ou em sílabas diferentes.

Nos casos acima citados, os apagamentos estão colaborando para a conformação de uma sequência postônica CV. V ou sílaba CCV à única sílaba CV. Isso nos remete à discussão sobre o ditongo crescente em português, fato já discutido por Camara Júnior (1997, p.55).

Em se tratando de violação da restrição DEP I/O (inserção de segmento vocálico), depois da coda líquida da sílaba, na variedade B, conclui-se que é caso específico que ocorre com a coda lateral subjacente desses falantes. A exemplo da variedade A, temos as ocorrências de [dʒifikuli'dadʲ] ‘dificuldade’ (EBF), [pa'pelĩ] ‘papel’ (CBM).

Com os segmentos róticos temos, então, apenas o apagamento (violação de MAX I/O), enquanto que com o segmento lateral /l/ temos ambos: o apagamento e a inserção, (violação de MAX, DEP I/O).

Analisando os dados da variedade C, percebemos que no concernente à conformação da sílaba ao padrão CV, por meio do apagamento e da inserção, temos diferenças no referente à inserção, pois esse recurso não ocorre nessa variedade com nenhuma das codas em questão.

Trataremos do apagamento da coda lateral /l/, como o que ocorre no exemplo: [pu'sivĩ] ‘possível’ (HCM). Mas também notamos que seu apagamento acontece com mais intensidade na sílaba pretônica, como em: [ku'tura] ‘cultura’ [ku'tʃivu] ‘cultivo’ (FCM), [faku'dadzi] ‘faculdade’, o último exemplo se dá nas falas de FCM, GCM, JCF. Percebemos como motivador do apagamento, nesses exemplos, o núcleo [u] da sílaba conformada ao padrão CV, mas também os pós-dentais [t] e [d] no *onset* da sílaba seguinte.

Sobre o /l/ em coda cumpre registrar que consta nos dados da variedade C a sua vocalização, conforme se vê em [bra'ziw] ‘Brasil’, [pawku] ‘palco’ (GCM), [nos'tawzia] (JCF), [natu'raw] (ICM), [vowtej] (HCM), porém isso nunca se dá com o núcleo silábico [u].

Passando à análise do apagamento dos róticos, identificamos sua ocorrência em coda da sílaba pretônica, podendo ser verificado na tônica, como em: [tu'sia] ‘torcia’, [to'se] ‘torcer’ [ne'ziɐ] ‘energia’, [xe'kusus] ‘recursos’ (FCM), [dʒive'sãw] ‘diversão’, [dʒivesifi'kaða] ‘diversificada’ (KCF), [avoris] ‘árvores’ (KCF), [fo:s] ‘força’ (GCM). Esses casos não permitem apontar apenas os núcleos como motivadores do apagamento, mas também as consoantes fricativas no *onset* da sílaba seguinte.

No referente ao *onset* complexo, existem os exemplos de [po'blêmas] ‘problemas’, [prɔpi] ‘próprios’ em que verificamos o apagamento de um dos dois grupos seguidos. Ou seja, apagando o segmento líquido da sílaba átona evita-se a sequência CCV. CCV (dois *onsets* complexos), porque essa sequência torna o vocábulo altamente marcado para os falantes da variedade C.

Com os segmentos róticos também há o apagamento na sílaba tônica final: [stu'da] ‘estudar’ (FCM), [ĩteri'o] ‘interior’, [oda'i] ‘Odair’ (GCM) que se conforma ao padrão CV, V. Este é um fato bem geral do português, mas que precisa ser apontado, uma vez que é característica também inerente à variedade C.

Identificamos a necessidade de comentar, ainda, nesta parte, que o estudo de Oliveira (1983) apresentado por Hora (2009) afirmando que em linhas gerais, entre os falantes de classe social mais baixa, o apagamento é muito mais frequente e saliente em posição de final de palavra do que no interior da palavra. Além disso, a sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos. No aspecto das motivações devidas à posição da sílaba as afirmações do autor conferem com os nossos dados, porém, no que se

refere ao apagamento sendo inerente aos falantes de classe mais baixa, nossos dados não nos permitiram corroborar, visto que esse tipo de apagamento ocorre na variedade C, cujos participantes não pertencem a tal classe, e nas variedades da RCB o apagamento não é restrito a uma classe social.

A variedade D não apresentou casos significativos de otimização silábica, pois não identificamos nem o apagamento de codas róticas nem do /l/, sendo que esta última se realiza vocalizada, como em: [kuw.'tu.ra] 'cultura', (MDM), [fakuw'dadzĩ] 'faculdade' (QDF) e os róticos variam livremente em posição de coda.

A seguir realizamos as análises dos candidatos ao padrão silábico **ótimo**, em palavras já citadas por nós, ao longo das análises anteriores, a fim de demonstrar o ranqueamento das restrições de Marcação e Fidelidade nas variedades regionais, em *tableaux*.

Necessitamos, antes, de explicar o conceito de **ótimo** adotado por nós. Por ótimo entendemos a estrutura linguística (neste caso a sílaba) menos marcada ou articulatoriamente mais simples. Esse conceito se formou nos pressupostos da Teoria da Otimidade desenvolvida por Prince & Smolensky (1993) e McCarthy & Prince (1993, 1995).

Selecionamos para a análise da constituição dos padrões silábicos os conjuntos de restrições de Marcação e de Fidelidade, estando no conjunto da Marcação as restrições: ONSET, NOCODA e NOCOMPLEX^{ONSET} e estão no conjunto da Fidelidade as restrições MAX e DEP I/O.

É importante lembrar que na verificação da otimidade dos candidatos as células sombreadas indicam a inoperância dos mecanismos na avaliação do candidato, enquanto que o símbolo ☞ indica quem é o candidato vencedor ou **ótimo**. As linhas pontilhadas entre ONSET/NOCODA e MAX/DEP I/O significam que não há competição entre as restrições.

Destacamos, para a análise das restrições silábicas, as palavras encontradas nas variedades com os segmentos líquidos lateral e róticos em coda e também alguns candidatos de *onset* complexo. Vejamos os *tableaux* que seguem e respectivas explicações, alertando que as sílabas em questão estão em negrito:

4.2.1. Ranqueamento das restrições nas sílabas com /l/ em coda

Demonstramos anteriormente uma postulação do segmento lateral /l/ em coda na subjacência dos falantes das variedades A e B.

Esse segmento /l/ caracteriza-se pela violação das restrições de Fidelidade, nas variedades A, B e C, mas não na variedade D, como observamos os *tableaux* abaixo:

Tableau 01- palavra *sal*- variedade A

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Sal</i>	ONSET	*CODA	MAX	DEP
a) ['saɫ]			*!		
b) [sa]				*!	
c) [ˈsa.li]					*

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 02- palavra *dificuldade* - variedade B

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Dificuldade</i>	ONSET	*CODA	MAX	DEP
a) [dʒi.fi.kuɫ.'da.dʒi]			*!		
b) [dʒi.fi.ku.'da.dʒi]				*	
c) [dʒi.fi.ku.li.'da.dʒi]					*

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 03- palavra - faculdade –variedade C

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Faculdade</i>	ONSET	*CODA	MAX	DEP
a) [fa.kuɫ.'da.dʒi]			*!		
b) [fa.ku.'da.dʒi]				*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 04 – palavra *cultura* –variedade D

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Cultura</i>	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a) [ku.'tu.ra]		*!			
b) [ku.li.'tu.ra]			*!		
c) [kuw.'tu.ra]					*

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se no primeiro *tableau*, referente à variedade A, a violação da restrição de Fidelidade DEP I/O, uma vez que houve a inserção de segmento vocálico. A marcação (NOCODA) está na dominância e na militância para que ocorra o padrão silábico CV.

No *tableau* da variedade B temos dois candidatos co-ocorrendo como ótimos (b, c), o que também ocorre na variedade A, com [dʒi'fisɫ] ~ [dʒi'fis] (João). Isso é possível do ponto de vista que o ranqueamento variável prevê que uma dada restrição pode estar ordenada em relação a todas as outras, menos em relação a uma próxima a ela na hierarquia.

Já no *tableau* 03, da variedade C, vemos que não há violação da restrição DEP I/O, pois a variedade não insere segmentos para otimizar a sílaba, apenas apaga.

Nos *tableaux* 01, 02 e 03 verificamos a sílaba CVC sendo otimizada por meio da violação de uma das restrições de Fidelidade. O que significa que a marcação está alta no

ranking das variedades, permitindo formular $ONSET, NOCODA \gg \{MAX, DEP I/O\}$, as sílabas devem ter *onset*, não devem ter coda.

Já no caso do *tableau* 04 (variedade D) não se demonstra nenhuma violação das restrições de Fidelidade, em contrapartida a restrição de Marcação NOCODA é violada. Observa-se que as restrições estão organizadas em sequência diferente dos demais *tableaux*, porque as restrições de Marcação estão mais baixas no *ranking* da variedade D. As restrições de Fidelidade estão mais altas, por isso não são violadas.

Podemos, dessa forma, estabelecer a restrição NOCODA altamente ranqueada na variedade A, B e C, quando nos referimos à coda líquida lateral. Nestes casos o *ranking* das restrições fica assim explicada $ONSET \gg NOCODA \gg \{MAX, DEP I/O\}$. Marcação \gg Fidelidade em A, B e C e $\{MAX, DEP I/O\} \gg NOCODA$, ou seja, Fidelidade \gg Marcação, em D.

Na variedade D não há violação da Fidelidade e sim da Marcação. Para os falantes dessa variedade D o padrão CVC não concorre para intensificar a marcação, pelo contrário, o padrão CVC é tão ótimo quanto o CV. Nessa variedade D não ocorre o [l] em coda, mas ocorre o seu homorgânico [w], não importando com qual núcleo silábico.

4.2.2 Ranqueamento das restrições em sílabas com segmentos róticos em coda

As restrições de Fidelidade podem ser violadas, no que se refere a segmentos róticos em posição de coda nas variedades A, B e C, o que contribui significativamente para a definição do padrão CV e outros com menor fator de marcação serem característica da fala na RCB.

Assim, passamos à análise dos casos relacionados aos segmentos róticos em coda, na sequência analisaremos o rótico como segunda consoante do *onset* complexo.

Tableau 05 – palavra *conversando*–variedade A

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Conversando</i>	<i>ONSET</i>	*CODA	MAX	DEP
a) [kũvɛr'sân]			*!		
b) [kũvɛ'sân]				*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 06 – palavra *perguntando*- variedade B

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Perguntando</i>	<i>ONSET</i>	*CODA	MAX	DEP
a) [per.gũ.'tã.do]			*!		
b) [pe.gũ.'tãn]				*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 07 – palavra *concurso* –variedade C

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Concurso</i>	<i>ONSET</i>	*CODA	MAX	DEP
a) ['kur.sũ]			*!		
b) [ku.sũ]				*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 08- palavra *abrir* –variedade D

Fonética		Restrições			
		A	B	C	D
	<i>Abrir</i>	MAX	DEP	<i>ONSET</i>	*CODA
a) [a'brĩ]			*!		
b) [a'briri]			*!		
c) [a'brir]					*

Fonte: Elaborado pela autora

Observando os *tableaux* podemos confirmar que as sílabas CVC com segmento rótico na posição de coda também concorrem para a conformação ao padrão CV. Porém, há o diferenciador que com os róticos não há violação da restrição de Fidelidade DEP I/O (não há inserção), porém há a violação da restrição, também de Fidelidade, MAX I/O. Este é mais um caso comprovador de que a restrição de Marcação NOCODA está alta no ranking da variedade A, B e C. A restrição de Marcação NOCODA domina a de Fidelidade, de onde podemos abstrair: NOCODA >> {MAX I/O}.

Na variedade D, as codas silábicas, representadas por qualquer dos segmentos em questão, foram mantidas. Pelos *tableaux* acima representados podemos visualizar que as restrições de Fidelidade estão altamente ranqueadas na variedade D, podendo ser expresso da seguinte maneira: Fidelidade >> Marcação, ou {MAX, DEP I/O} >> NOCODA.

Verificamos portanto, os pontos de aproximação das variedades: as variedades A, B e C no que tange a elegerem como **ótima** a sílaba CV, principalmente quando o núcleo dessa sílaba é [u]. A sílaba CVC é otimizada violando {MAX, DEP I/O} nas variedades A e B e é otimizada violando apenas MAX I/O na variedade C.

A variedade D se diferencia das demais, principalmente porque realiza os segmentos líquidos róticos, principalmente o [h]. A variedade D violou a restrição de Marcação NOCODA para cumprir com as restrições de Fidelidade {MAX, DEP I/O}, não inseriu nem apagou elementos.

4.2.3 Otimização de sílabas com grupos de consoantes

Analisaremos aqui os casos de otimização de sílabas com grupos de segmentos consonânticos. Trataremos dos grupos com as consoantes líquidas, conforme nossa proposta inicial. Antes da apresentação dos *tableaux* explicamos que as restrições ONSET e NOCODA não serão colocadas nos *tableaux* por economia de espaço.

Tableau 09- palavra *livro*- variedade A

Fonética		Restrições		
		A	B	C
	<i>Livro</i>	*COMPLEX onset	MAX	DEP
a) ['livro]		*!		
b) \Rightarrow ['li.vu]			*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau10- palavra *comadre*- variedade B

Fonética		Restrições		
		A	B	C
	<i>Comadre</i>	*COMPLEX onset	MAX	DEP
a) [ko'ma.dri]		*!		
b) [ku'ma.diri]		*!		*!
c) \Rightarrow [ku'ma.dʒi]			*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 11 - palavra *próprios* –variedade C

Fonética		Restrições		
		A	B	C
	<i>Próprios</i>	*COMPLEX ^{ONSET}	MAX	DEP
a) ['pro.priws]		*!		
b) ['pro.pris]		*!		
c) \Rightarrow ['pro.pis]			*	

Fonte: Elaborado pela autora

Tableau 12 - palavra *negros* – variedade D

Fonética		Restrições		
		A	B	C
	<i>negros</i>	MAX	DEP	*COMPLEX ^{ONSET}
a) ['negus]		*!		
b) ['negurus]			*!	
c) \Rightarrow ['negrus]				*!

Fonte: Elaborado pela autora

As sílabas CCV nas palavras da variedade A, B e C detêm algumas especificidades. Primeiro temos o exemplo de comadre [ku'ma.dʒi] em que não ocorre o segmento rótico. As restrições são expressas: NOCOMPLEX^{ONSET} >> MAX, DEP I/O, visto que sílabas CCV não são ótimas como postônicas finais.

E ao ocorrerem duas dessas sílabas sequenciais com os grupos [pr], [bl], [dr] geralmente a sílaba átona será conformada ao padrão ótimo. Para certificar isso foi dado o exemplo da palavra *próprio* ['prɔ.pi], dentre outros. Um princípio é identificado nesses casos: dois *onsets* complexos constituem sequência silábica altamente marcada para o falante. Importante dizer que o fato se restringe às variedades A, B e C, conforme se vê nos *tableaux* acima representados.

Registramos que desse fato que se relaciona a evitar a sequência de *onsets* complexos, não encontramos nos dados dessas três variedades nenhuma ocorrência referente à líquida /l/, apenas com os segmentos róticos os casos puderam ser comprovados.

Sobre os grupos ainda identificamos nos dados da variedade A, o caso das sílabas CVC indo para o padrão CCV [dru.'mi] 'dormir', [pi.si.'gi.du] 'perseguido' (Leonilda) e [pre.se.'bjɛ] 'percebia' (AAM). Vale também comentar que é um caso especificamente notado nas sílabas pretônicas iniciais. Desses casos concluímos que há um alto ranqueamento da restrição NOCODA, nesta variedade. Ainda que não seja para a sílaba CV, haverá uma otimização silábica.

Então, se nos primeiros casos evita-se o ataque complexo, e nos últimos a coda, duas restrições de Marcação bem ranqueadas no PB de um modo geral, são confirmadas na variedade A. E conclui-se, ainda, que as variedades A, B e C têm nas restrições de Marcação a militância a favor do padrão CV ou, em todo caso, de outro menos marcado.

Os dados que compõem a variedade D não obviaram conformação do padrão CCV ao padrão CV, por meio de violações de restrições, visto que as restrições de Fidelidade estão altas no seu ranking, conforme vemos no *tableau* 12. A maior fidelidade nos casos de coda encontrados na variedade D é mais recorrente entre os falantes do seu subgrupo DT, o que aparenta ser um monitoramento da fala para que todos os segmentos silábicos sejam realizados foneticamente, propiciando a existência de padrões silábicos mais marcados.

Dessa maneira identificamos que apenas nas variedades A, B e C as sílabas com as consoantes líquidas em coda e no *onset* complexo são evitadas por constituírem, para os seus falantes, sílabas marcadas. Nem sempre as sílabas serão otimizadas para CV, mas pelo menos um padrão menos marcado possível será buscado pelo falante.

Como já demonstrado, o padrão CV é o menos marcado e o mais recorrente em quase todas as línguas naturais. Sincronicamente, ocorre com prevalência em três das quatro variedades de português descritas no decorrer deste trabalho, e por isso caracteriza a língua portuguesa falada na RCB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ficou claro no decorrer deste trabalho, o presente estudo foi motivado, em primeiro lugar, pelo pouco conhecimento que ainda se tem do português falado na RCB.

Baseando em critérios linguísticos (a ocorrência de certas codas, apagamento e inserção de segmentos nessa posição silábica), ao analisar os dados coletados pudemos constatar a existência de quatro variedades, às quais identificamos a possibilidade de associar variáveis extralinguísticas, assim definindo-se: variedade A, caracterizada por codas obstruintes na sílaba final e apagamento de róticos e da lateral subjacente em coda (indivíduos das comunidades Kalunga, com prevalência de pouca ou nenhuma escolaridade e baixa interação social além de suas comunidades); variedade B, caracterizada pelas mesmas codas da variedade A, exceto [p, b, v] e os mesmos fatos de apagamento e inserção de segmentos em coda, (pessoas divididas entre o campo e a cidade, de nenhuma e baixa escolaridade e pouca interação regional, também restrita aos locais onde vivem); variedade C, que apresenta o quadro de codas [s, z, h, r, w, j] e o apagamento da lateral /l/ e róticos em posição de coda (pessoas citadinas com média e alta escolaridade, até graduação completa, com boa interação regional e média interação no âmbito extrarregional) e variedade D que realiza todas as codas, incluindo a lateral /l/ como [w] e que é constituída de pessoas citadinas de escolaridade variada, indo do ensino fundamental até o Mestrado, porém apresentando em comum alta interação regional e extrarregional.

Na variedade D necessitou-se considerar a subdivisão DT e DE, visto que os participantes DT têm alta escolaridade e alto nível de leituras variadas e os participantes agrupados na subdivisão DE possuem menor grau de escolaridade e menor nível de leitura, e mantiveram-se nessa variedade pelas características de fala que apresentaram e pela alta interação no âmbito regional e extrarregional.

Dessa maneira objetivou-se neste estudo descrever, no que se refere às variedades da RCB, os segmentos consonânticos, principalmente no final da sílaba e essencialmente as soluções para a otimização das sílabas com o /l/ ou com róticas nessa posição. Enfim, objetivou-se descrever os padrões silábicos utilizados pelos falantes de cada uma das variedades regionais e demonstrar o ranqueamento das restrições de Marcação e de Fidelidade nessas variedades.

Com respeito aos *onsets*, demonstramos que quase todos os segmentos consonantais do PB ocorrem nas variedades e também que os *onsets* palatalizados [tʲ] e [dʲ] ocorrem apenas nas variedades A e B.

Identificamos um quadro de codas fonéticas diferenciado do vigente na literatura sobre o PB, nas variedades A e B. Sendo que a primeira licença, além de [s, z, r, h] as oclusivas, outras fricativas e as nasais em coda: [p, b, t, d, f, v, m, n, ɲ] e a variedade B licença, além dos segmentos [s, z, r, h], as codas [t, d, m, n, ɲ, w, j], excluindo [p, b, v] existentes entre as codas na variedade A. Identificamos o apagamento das vogais postônicas finais como o responsável pelo surgimento dessas codas.

Os nossos dados nos permitiram identificar e afirmar que a líquida /l/ e o [r] são apagados nas sílabas com núcleo [u] e em alguns casos [ɛ], nas variedades A, B e C. E que entre os róticos (genericamente tratando dos sons de ‘r’) o que mais se realiza em coda é o [h].

Demonstramos a existência do segmento /l/ subjacente em coda, embora nunca se realize [l] nessa posição, recebe epêntese para evitar uma sílaba CVC, nos dados das variedades A e B, tanto quanto se apaga nas variedades A, B e C.

Verificamos que os padrões silábicos são os mesmos do PB em geral. Os mais complexos presentes nos dados das quatro variedades foram CVCC, CCVC, CCVC, apresentando-se mais vezes apenas como sílaba tônica.

Para o embasamento analítico, utilizou-se do arcabouço teórico da teoria não linear, de cunho gerativo Autossegmental e na análise dos padrões silábicos utilizados pelos falantes da RCB, utilizou-se a Teoria da Otimidade, desenvolvida por Prince & Smolensky (1993), McCarthy & Prince (1993, 1995).

Sobre a Teoria da Otimidade pudemos concluir que ela pode contribuir significativamente para o entendimento dos fatos linguísticos encontrados nas variedades presentes na RCB, sem nos reportamos a registros anteriores dessas variedades. Além de tudo, a TO pôde evidenciar que o ranqueamento das restrições em dada língua não é estático, esse ranqueamento pode alternar entre as variedades dessa língua. Esse fato se evidenciou em nossos dados, pois nas variedades A, B e C as restrições de Marcação (ONSET/NOCODA) são notadas como as de mais alto ranqueamento. Já na variedade D as restrições de Fidelidade (MAX, DEP I/O) ocupam o mais alto posto no *ranking*.

O critério inicial utilizado para agrupar os participantes foi extralinguístico, ou seja, o grau de escolaridade porque tínhamos em mente que esse era um dos motivadores das variações. Contudo, ao realizarmos a análise e a comparação dos dados, observamos que esse

modo de selecionar foi útil, mas não o suficiente, porque havia heterogeneidade entre os participantes de alguns grupos no referente às características de fala, principalmente no que se refere às ocorrências das codas. Então, verificou-se que a interação (regional e extrarregional) ou as redes sociais, como denomina a Sociolinguística, poderia explicar os agrupamentos identificados por características linguísticas, o que resultou nas quatro variedades que descrevemos.

Tal fato nos levou à conclusão de que apenas o nível de escolaridade não explica aspectos linguísticos intrínsecos às variedades de português da RCB. Verificou-se uma soma de fatores, entre os quais a escolaridade conta, mas a intensa interação social fora das comunidades onde vivem os falantes se destaca.

Daí decorre a reflexão de que o pesquisador ao tomar um objeto deve manter o distanciamento necessário para conseguir tratá-lo como tal e ser fiel às revelações que os dados podem trazer. A aprendizagem maior é a de que o convívio com os falantes de uma comunidade não se faz suficiente para o conhecimento científico de suas variedades de fala, pois só as análises criteriosas baseadas em dados objetivos podem revelar as características fonético-fonológicas.

Durante o estudo, nossa hipótese inicial foi ampliada e surgiu a necessidade de descrever quatro variedades do português na RCB, é possível que um aprofundamento deste estudo venha a revelar outras subdivisões entre as variedades. Deixamos, assim, a perspectiva de novos trabalhos para que se possa dimensionar a riqueza que é a língua portuguesa na região estudada e dar aos interessados um panorama linguístico de uma região receptora de pessoas de diversas etnias, como a RCB na região Nordeste Goiano. Esperamos ter levantado hipóteses para futuros estudos e contribuído para o conhecimento do português brasileiro da região Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Teoria da otimidade, gramática harmônica e restrições conjuntas*. UFRGS, São Paulo: Alfa 54 (1): 237-263, 2010.

_____, Ubiratã Kickhöfel & KELLER, Tatiana. *Sílaba*. In Bisol e Schwindt (orgs.) *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

ALVES, Marlúcia Maria. *Variação linguística e teoria da otimidade*. Disponível em [http://www filologia.org.br/tee artigos/artigo_259.pdf](http://www.filologia.org.br/tee/artigos/artigo_259.pdf) , acesso: julho de 2012.

_____. *As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação de Mestrado, 1999. Disponível em: http://www filologia.org.br/tee artigos/artigo_259.pdf acesso: julho de 2012.

ANTILLA, Arto. *Derivation from Grammar*. In Hinskings, Frans; Van Hout, Roeland & Weltzels, Leo. *Variation, change, and Phonological Theory*. Amsterdam/Philadelphia: Jhn Benjamins Publishing Company, 1997. In Donadell, 2007.

APOLINÁRIO, J. R. *Escravidão negra no Brasil colonial: vivência escravista em Arraias (1739-1800)*. 2ª Ed. Goiânia: Kelps, 2007.

ARAÚJO, G. e OLIVEIRA, L. *As proparoxítonas e o sistema acentual do português*. In: ARAÚJO, G. (org) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso (por uma pedagogia da variação lingüística)*, São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BATTISTI, Elisa. *Variação*. In BISOL, Leda & SCHWINDT, L. C. (org) *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

BECKMAN, J. *Positional Faithfulness*. Tese de Doutorado. Amherst: University of Massachusetts, 1998.

BISOL, Leda & SCHWINDT, L. C. (org) *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 5ª Ed. revista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. BISOL, Leda. *A pesquisa em fonologia*. In Pesquisa em Letras: Vera Teixeira de Aguiar e Vera Wannmacher Pereira (org), Porto Alegre: PUCRS, RS, 2007.

_____. BISOL, Leda. Epílogo, *Fonologia e variação: Recortes do português brasileiro*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. BISOL, Leda *A sílaba e seus constituintes*. In Neves, M.H. M. (org) *Gramática do português falado. Novos estudos*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1999.

_____. BISOL, Leda (org) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade*. Tese de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2005, acesso julho de 2012.

BRASIL, Americano do. *Pela História de Goiás*. Goiânia: UFG Editora 1980.

BRASIL, *Uma história do povo kalunga*. Secretaria de Educação Fundamental, SEF, MEC, 2001.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 26ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

CARDOSO, Walcir, HORA, Dermeval da, PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro, *Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?* Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan./mar. 2010

COLLISCHONN, Gisela. *A sílaba em português*, In BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. revista. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2005.

_____. *A sílaba em português*, In BISOL Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ª Ed. revista. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010.

COSTA, Luciane Trennephol da. *Ataque complexo no português brasileiro*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel*. V.4, n. 7, agosto de 2006.

COSTA, S. A. R. *Uma abordagem linguístico-histórica da nasalidade em Corumbá de Goiás*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia. 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CUNHA, Celso, *Nova gramática do Português contemporâneo* – Celso Cunha, Luiz F. Lindley Cintra. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIAS, Ana. Lurdes Cardoso. *Processo de palatalização no português: Lagoa da Pedra e Canabrava - TO*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás (UFG), 2009.

DONADEL, Gabriela. *Sequências de obstruintes na história da língua portuguesa (tese)*, Porto Alegre: UFRGS, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOLDSMITH, J (org). *Autosegmental and metrical phonology*. Cambridge: Blackwell, 1990

_____(org). *The handbook of phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

GOMES, Nataniel dos Santos. *Da fonologia estrutural aos modelos não-lineares* (artigo) Rio de Janeiro: UFRJ/UNAM/CIFEFIL , s/d.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília (UnB), 2008.

HJELMSLEV, Louis. *The Syllable as a Structural Unit*, Proceedings of the Third International Congress of Phonetic Sciences, Gand, 1938 (1939), pp.266-272. (tradução de J.R.CARMO Jr.)

HOLT, Eric David. *The role of the listener in the historical phonology of Spanish em Portuguese: an Optimality-teoretic account*. Tese de doutorado. Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, Washington: 1997. In Donadell, 2007.

HORA, Dermeval da. *Fonética e fonologia*. Fascículo II do curso de Letras, UFPB, publicado Em: 12/07/2009, às 23h38. Disponível em: portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/ Acesso: setembro de 2012.

IBGE. Histórico Oficial de Campos Belos, Goiás. Acesso em 12 de setembro de 2012.

JOHNSON, Keith. *Acoustic and Auditory Phonetics*. Oxford: Blackwell publishers, 1990.

KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KELLER, Tatiana. *O alinhamento relacional e o mapeamento de encontros consonantais em português brasileiro*. (artigo) Anais do SILEL. Volume 2, nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LADEFOGED & MADDIESON. *The sounds of world's languages*. Oxford:1996.

LADEFOGED, Peter e JOHNSON, Keith. *A Course in Phonetics*. Wadsworth Cengage Learning. Six Edition. 2010.

LAZZAROTTO, Cristiane. *Uma comparação entre desvios fonológicos e restrições em um caso de desvio fonológico*. In Anais do 6º encontro do Celsul, círculo de estudos linguísticos do sul, Universidade Católica de Pelotas, sd.

MCCARTHY, John J. *What is Optimality Theory?* From the Selected Works of John J. McCarthy, University of Massachusetts, Amherst, 2007.

_____*Morphology: Optimality Theory*, From the Selected Works of John J. McCarthy, University of Massachusetts, Amherst, University of Massachusetts – Amherst, 2006.

_____*Optimality Theory: An overview*, From the selected works of John McCarthy, of Massachusetts, Amherst, University of Massachusetts – Amherst, 2003

_____ *A Thematic Guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MACCARTHY, J. PRINCE, A. S. *Generalized alignment*, From the Selected Works of John J. McCarthy, University of Massachusetts, Amherst, 1993.

MCCARTHY, John J & PRINCE, Alan. *Prosodic Morfology: Constraint Interaction and satisfaction*. Rutgers University Center for Cognitive Science: 1993. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu>.

MEIRELES, Virgínia. *Elementos da fonética do português falado no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2011.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987.

MILROY, L.; GORDON. *Sociolinguistics – Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MIRA MATEUS, M.H. Et E. D'ANDRAD. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Univerty Press.

MONARETO, V. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

NARO, A. J. & SCHERRE, M.M.P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Riverton: Foris. 1986.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Trad. Mario E. Viaro, São Paulo: Globo, 2008.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variedades do português no mundo e no Brasil*. Cienc. Cult. vol. 57, nº 2, São Paulo: abril/junho, 2005.

_____ Emilio Gozze, *Variedades do português no Brasil e no mundo*. in BLOG, internet, acesso em 24 de junho de 2010.

PALACIN, Luís, MORAIS, M. A de Santana. *História de Goiás*, 6ª Ed. Goiânia, Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1994.

PERINI, Mário A. (Mário Alberto). *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios / Mário Alberto Perini*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PIKE, K.L. *Phonetics. A critical analysis of the phonetics theory and a technic for the practical description of sounds*. Ann Arbor. The Universty of Michingan Press.1943.

PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRINCE, Alan, SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory - Constraint Interaction in Generative Grammar*. RuCCs Technical report 2, 1993, 2002.

RAMOS, Adriana P. TENANI Luciani Ester. *Análise métrica do apagamento das vogais postônicas não finais no dialeto do noroeste paulista*. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP) In: Estudos Linguísticos, São Paulo: 38 (1): 21-34, jan.-abr. 2009.

RONCARATI, C.E. ABRAÇADO, J. (Org). *Português Brasileiro-contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói-RJ: ESFF, 2008.

SAINT-HILARIE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela Província de Goiás*, tomo II, (tradução e notas de Clado R. de Lessa). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

SANTOS, T. F. R. - *Falares rurais goianos*. Revista da UFG, Vol. 7, No. 01, junho 2004. Disponível em: www.proec.ufg.br.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução aos estudos da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand (organização: Charles Bally e Albert Sechehav) *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *Morfologia*. In BISOL, Leda & SCHWINDT, L. C. (orgs) Teoria da Otimidade Fonologia. Campinas: SP. Pontes Editores, 2010.

_____, L Carlos. *Teoria da otimidade e fonologia* (2005) In BISOL, Leda, *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 4ª ed. Porto Alegre, RS: EDPUCRS, 2005

SELKIRK, Elisabeth. *The Syllabe*. In: HULST, Harry; SMITH, Van Der. The structure of phonological representations. Foris: Dordrecht, 1982.

_____, Elisabet. O. *Phonology and syntax, the relation between sound and structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SILVA, Jair de Almeida. *Estudo sociofonético de variações rítmicas no dialeto capixaba*. Dissertação, UFES, Vitória, 2010. Disponível em: <http://www.linguistic.ufes.br>, acesso em 24/11/2011, às 17h41..

SILVA, José Pereira. *Geografia Linguística, especialmente luso-brasileira e românica*. Disponível em: [HTTP://www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br). Acesso em 03/03/2012.

SILVA, Murilo Borges. *Comunidades remanescentes de quilombos: limites e possibilidades*. Disponível em - www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2008, acesso em 09/09/2010.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, Cibeli de. *O Estado de Goiás*. Cibeli de Souza, Silvia Ricardo. São Paulo: Harba, 2005.

SOUZA, Ulidete R. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília (UnB), Brasília: 1999.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TRUBETZKOY, Nikolay [1933]. *A fonologia atual*. In DASCAL, M. (org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística - Vol. II - Fonologia e Sintaxe*. Campinas: 1981.

WEISS, Helga Elisabeth. *Fonética articulatória, guia de exercícios*. (Curso de metodologia linguística). Brasília: Summer institute of linguistic, 1988.

VÍDEOS:

CONHECER.ORG.BR.Cinésia.wmv. 2011. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=sG3qwuP8m-s

ENCONTRODECULTURAS. Zenira- a raizeira kalunga, (vídeo enviado por Sinvaline Pinheiro). 2009. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=PY8F2HOt5YI

ETNOFOCO. D.Dainda-Sabedoria kalunga. 2007. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=tqqufhhilbm

JULIANABDALMEIDA, UCDF. Nossa história nossa liberdade, 2011. Disponível em
www.youtube.com/watch?v=riuQJ2JYdhI

TV CARTA MAIOR. Resistência quilombola. Documentário, 2006. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=hufm1avlwd8

ANEXO I

Autorização do Comitê de Ética



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: PADRÕES FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM CAMPOS BELOS (GO)

Pesquisador(a) responsável: JUNIA JANUARIA GARCIA

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado “PADRÕES FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM CAMPOS BELOS (GO)”.

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra “d” e IX.2 letra “c” da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 10 de setembro de 2012.

Debora Diniz
Coordenadora Geral – CEP/IH

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a realização da pesquisa



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Caro (a) Senhor (a) ,o (a) senhor (a) está convidado (a) a participar da pesquisa de mestrado cujo título é **“PADRÕES FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM CAMPOS BELOS (GO)”**, a ser conduzida por mim, Junia Januaria Garcia, Professora SEDUC GO, RG 2155117, SSP GO, residente na rua Cel. Licínio de Miranda, nº20, Centro Campos Belos Goiás, telefone de contato (62) 3451-1380, e-mail junia.jgarcia@yahoo.com.br sob a orientação da Prof. Dra. Daniele Marcelle Grannier, coordenadora do projeto **“FONÉTICA E FONOLOGIA DE LÍNGUAS NATURAIS”** ao qual este estudo se vincula, através do programa de pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), situado no ICC Norte, Subsolo, Módulo 20, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF, CEP 70910-900, telefone (61) 3307-2769, e-mail: ppgl@unb.br.

Este estudo visa à descrição geral dos padrões fonético-fonológicos da língua falada em Campos Belos (GO), tendo como hipótese a existência de pelo menos três variedades de português, propiciadas pelo processo histórico de Campos Belos e região, devido à presença de povos de diferentes origens e etnias, constituindo importante contribuição para conhecimento do português falado na região Centro-Oeste e, por consequência, do português brasileiro.

A fim de alcançar nossos objetivos de pesquisa, necessitamos que o (a) senhor (a) permita a gravação de sua fala por intermédio dos seguintes procedimentos: será solicitada(o) a nomear figuras e a contar uma história, preferencialmente em um determinado ambiente silencioso, podendo ser este uma sala. As amostras de fala serão gravadas com o auxílio de um gravador digital acoplado a um microfone, para posterior análise dos dados.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária e os procedimentos do estudo não proporcionarão quaisquer riscos ou constrangimentos a sua pessoa. Esclarecemos que o (a) senhor (a) poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer fase, assim como poderá se recusar a responder quaisquer perguntas que julgar constrangedoras.

Os resultados do estudo, ou seja, as informações obtidas por essa pesquisa serão divulgadas somente com propósito científico, de forma que, em hipótese alguma, será divulgada a identificação dos participantes, assegurando a sua privacidade quanto aos dados envolvidos no estudo. Assim, nos comprometemos em utilizar os resultados obtidos somente para publicações científicas, como em artigos científicos de revistas especializadas, dissertações e teses, bem como em encontros científicos e/ou congressos, sem nunca tornar possível a identificação de quaisquer participantes e/ou instituições envolvidas no estudo.

Esclarecemos que não haverá despesas ou compensações financeiras para os participantes em qualquer fase da pesquisa. E ainda, informamos que o (a) senhor (a) tem a garantia de obter esclarecimentos sobre qualquer fase do estudo, pessoalmente ou por meio dos telefones e endereços disponibilizados neste termo.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o senhor (a).

_____ Data ____/____/____
Assinatura do informante ou responsável

_____ Data ____/____/____
Assinatura da pesquisadora